



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE/FE

CANTOS E ENCANTOS DAS ÁGUAS: arte e poesia na formação humana

Kenya Ricarte

Brasília - DF

2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE/FE

Kenya Ricarte

**CANTOS E ENCANTOS DAS ÁGUAS: arte e poesia na formação
humana**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação Ambiental e Educação do Campo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alice Maria Corrêa Medina

Brasília – DF

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pela autora

Cristina Teotonio Ricarte, Kenya

Cantos e Encantos das águas: arte e poesia na formação humana/
Kenya Cristina Teotonio Ricarte; Orientadora: Prof^{ta}. Dr^a Alice
Maria Corrêa Medina. – Brasília, 2021.

103 fs.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Educação)

Universidade de Brasília, 2021.

1. Metáfora e simbologia das águas 2. Arte e poesia na formação humana 3. Educação integral 4. Educação de jovens do ensino fundamental anos finais 5. Vivências ecopedagógicas I. Corrêa Medina, Alice Maria, orient. II. Título.

KENYA CRISTINA TEOTONIO RICARTE

CANTOS E ENCANTOS DAS ÁGUAS: ARTE E POESIA NA FORMAÇÃO HUMANA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Educação, área de concentração: Educação Ambiental e Educação do Campo – EAEC, pela banca examinadora composta pelos membros:

Dissertação aprovada em ___/___/_____

Prof.^a Dr.^a Alice Maria Corrêa Medina (Presidente)

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Vera Margarida Lessa Catalão (Membro Interno)

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Angélica Cosensa Rodrigues

Programa de Pós-Graduação em Educação (Membro Externo)

Universidade Federal de Juiz de Fora

DEDICATÓRIA

Dedico à grande mãe natureza; a manifestação mais pura do amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à grande mestra, a água, que nos ensina, com tanto amor, através de seus sinais, o caminho de retorno ao seu colo.

Agradeço à luz divina por conduzir minha consciência ao caminho do coração.

Agradeço à toda minha cadeia ancestral; à todes que vieram antes e depois de mim.

Agradeço aos meus orixás, aos meus guias e também à todos os guias e à todos os orixás.

Agradeço à ancestralidade indígena, nossa raiz tão forte; por resistirem, lutarem e transmitirem infinita maestria em nos fazer recordar - trazer de volta ao coração - o caminho para o viver em comunhão com a terra.

Agradeço à ancestralidade africana, infinita fonte de conhecimento e saberes, que sedimenta o caminho que nos conduz à eternidade, nos ensinando a religação entre humanidade e natureza.

Agradeço à minha família pelo amor incondicional, apoio, acolhimento e por ser fonte de conforto e segurança para minha alma.

Agradeço à minha orientadora Alice Medina, à professora Vera Catalão, à professora Ana Teresa Reis e às professoras e professores que tive a oportunidade de conhecer e receber os frutos de sua sabedoria, dedicação e amor à humanidade.

Agradeço à todas as pessoas que colaboraram diretamente na pesquisa de campo: Ednéa Sanches, Flávia Lucci, Janaína Pires, Juliana Castro, Irving Martins Silveira e Vanusa Freitas.

Agradeço à toda equipe da Escola da Natureza pelas sementes de amor espalhadas.

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos pelos momentos de trocas sinceras, boas conversas e alegrias.

“Fresca e clara é a canção do rio. O rumor das águas assume com toda naturalidade as metáforas de frescor e claridade. As águas risonhas, os riachos irônicos, as cascatas ruidosamente alegres parecem ser a linguagem pueril da natureza. No riacho quem fala é a natureza criança. (...) As águas mumurantes ensinam aos pássaros e aos homens a cantar e a falar. Existe uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana. (...) A água é a senhora da linguagem fluida, contínua e rítmica. (...)”

(CATALÃO, 2006, p. 91, *apud* BACHELARD, 1998 p. 24, 43)

Cantos e encantos das águas: arte e poesia na formação humana

RESUMO

A pesquisa *Cantos e encantos das águas: arte e poesia na formação humana* teve como objetivo investigar como o simbolismo da água em união às linguagens artística e poética pode contribuir para o despertar do equilíbrio e conexão entre humanidade e natureza. Através desse estudo, buscamos refletir sobre os recursos que a linguagem mitopoética e metafórica da água podem oferecer para construção de uma educação sensível e significativa no ambiente escolar, incentivando um relacionamento saudável e consciente com a vida. Através das práticas de sensibilização por meio do fazer artístico e do pensar poético, mergulhamos em vivências ecopedagógicas que puderam contribuir para a formação integral de jovens estudantes dos anos finais do ensino fundamental, expandindo a consciência em relação a si mesmos, ao outro e ao meio ambiente. Dessa forma, nos referenciamos ainda em uma educação decolonial e antirracista, valorizando a pluralidade inerente à vida e o caminho de construção para a justiça, paz e igualdade social. Este estudo baseia-se em uma pesquisa qualitativa e etnográfica, com abordagem metodológica transdisciplinar. A pesquisa-ação existencial orientou o processo de construção do caminho vivencial e fundamentou a reflexão do trajeto percorrido.

Palavras-chave: água, metáfora, educação integral, arte, subjetividade.

ABSTRACT

The research *Songs and charms of waters: art and poetry in human formation* aimed to investigate how the symbolism of water in union with artistic and poetic languages can contribute to the awakening of the balance and connection between humanity and nature. Through this study, we seek to reflect on the resources that the mythopoetic and metaphorical language of water can offer to build a sensitive and meaningful education in the school environment, encouraging a healthy and conscious relationship with life. Through awareness-raising practices through artistic practice and poetic thinking, we immerse ourselves in ecopedagogical experiences that could contribute to the integral training of young students in the final years of elementary school, expanding awareness of themselves, others and the environment environment. Thus, we also refer to a decolonial and anti-racial education, valuing the plurality inherent in life and the path of construction for justice, peace and social equality. This study is based on a qualitative and ethnographic research, with a transdisciplinary methodological approach. The existential action research guided the process of building the experiential path and founded the reflection on the path taken.

Keywords: water, metaphor, integral education, art, subjectivity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Sala de aula viva -----	26
Imagem 2 - Pintura nas paredes do CEF 01 -----	27
Imagem 3 - Slide “Água e Educação” -----	59
Imagem 4 – Slide “Cronograma de vivências” -----	60
Imagem 5 - Material para a composição dos Kits -----	60
Imagem 6 – 2º Kit de materiais -----	61
Imagem 7 - Vivência sobre escrita imaginativa -----	61
Imagem 8 - Pintura espontânea e ilustração com tinta de urucum -----	63
Imagem 9 - Encontro “Ancestralidade Africana” e esculturas de argila -----	65
Imagem 10 - Mandalas dos estudantes -----	66
Imagem 11 - Composições poéticas dos estudantes -----	69
Imagem 12 - Oficina de suco verde e leite de aveia -----	71
Imagem 13 - Imagem Google Earth e vídeo sobre Unidades de Conservação -----	71
Imagem 14 - Sistema agroflorestal na bacia e trecho do vídeo <i>Plantando água e interconectando a vida</i> -----	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
OBJETIVO GERAL	17
Objetivos específicos	18
ROTEIRO DE NAVEGAÇÃO	18
CAPÍTULO 1: O NASCIMENTO DO RIO	19
1.1 Em terra nordestina tem raiz forte	20
1.2 Um profundo despertar para a imensidão do mar: uma experiência pedagógica significativa que mudou o curso do rio	24
CAPÍTULO 2: ÁGUAS ANCESTRAIS	28
2.1 Filosofia Africana	28
2.2 Oxum: a fonte do amor	35
2.3 Iemanjá: a senhora das grandes águas	37
2.4 Nanã: a guardiã do saber ancestral	39
2.5 Sabedoria Indígena	39
2.6 Buscar a água é resgatar as origens	41
2.7 A água e seus desafios	45
2.8 Contexto do ensino escolar atual	47
2.9 Percursos das águas: estudos realizados na área da pesquisa	52
CAPÍTULO 3: É ÁGUA QUE CORRE PARA O RIO, É RIO QUE CORRE PARA O MAR	52
3.1 Sobre a Metodologia de pesquisa e o Percorso vivencial	52
3.2 Participantes	55
3.3 Instrumentos de pesquisa	56
3.4 Procedimentos	57
3.5 Caminho das águas: relato e reflexões sobre o percurso vivencial das oficinas	58
3.6 Mergulhando nas águas da pesquisa	77
3.7 Reflexões finais	86
4. REFERÊNCIAS	90
APÊNDICE 1	94
APÊNDICE 2	96
APÊNDICE 3	98
ANEXO 1	99
ANEXO 2	102
ANEXO 3	103

1. INTRODUÇÃO

Somos todos uma pequenina parte desse imenso organismo planetário, cercado de vida e formado em sua maior parte por água. Nosso planeta azul é fonte abundante de prosperidade e nutrição, e tem em seu útero o oceano, que abriga importante código ancestral da vida. Nossa amorosa mãe, a água, é matriz e nutriz, e em todas as suas dimensões e compreensões, representa o amor incondicional de quem desperta, nutre, cura, purifica e renova a vida.

A água nos acompanha desde a formação da nossa vida. Desde as primeiras células até a transformação de embrião em feto, o qual está a todo momento protegido pelas águas, no saco gestacional. No momento de nascimento do bebê, a água anuncia a sua chegada, através da explosão energética da vida que se movimenta, culminando no rompimento da bolsa das águas. E durante toda a existência, a água continuará guiando e acompanhando cada momento da nossa vida; do acordar ao deitar-se, estando presente desde a higiene e cuidado com o corpo, até o preparo do alimento. Ela é a mãe que cuida e escuta; através dela ouvimos e expressamos nossos mais profundos sentimentos. Em um ato humilde e silencioso, mergulhamos em nossas emoções e somos transformados pelo frescor da lágrima. Seja em momentos de alegria ou tristeza, a água habita nossos corações em um movimento pulsante e constante, como substância, ritmo e fluxo.

Diante dessa dinâmica de fluidez, podemos convidar Wilkes (2008) ao afirmar que sendo a água essencial para a sustentação da vida, tudo que está vivo depende do seu fluxo e ritmo. Os ritmos são fundamentais para os processos vitais, a exemplo dos fluxos cardíaco e respiratório, que são indispensáveis para a manutenção e equilíbrio de todo o conjunto de órgãos que compõe o corpo. A dinâmica do cosmos possui também um fluxo e um ritmo capaz de influenciar até os mínimos eventos da natureza. Para Wilkes “a vida é ritmo manifesto e, como tal, é um microcosmo espelhando macrocosmo” (2008, p.27). A natureza fluida da água habita em si a dinâmica rítmica da respiração da terra ao realizar o movimento de expansão e contração, representado nas altas e baixas das marés. Ela possui ainda um caráter singular em relação aos outros elementos do planeta, pois expande-se ao congelar-se e contrai-se ao esquentar-se, sendo única também em apresentar-se nas mais diferentes formas e estados.

Através do comportamento da água podemos compreender a vida em sua totalidade e integração, aspecto esse tão fundamental para a convivência harmônica entre os sistemas que

compõem a ecologia planetária. Sendo assim, precisamos nos permitir enxergar a água para além da materialidade física, pois sendo ela uma entidade viva e inteira em sua totalidade é um espelho que reflete o caminho para o equilíbrio da ecologia humana. Nessa direção, nos alinhamos ao pensamento de Boff quando diz que a Terra não deve ser rebaixada a um “conjunto de recursos naturais ou a um reservatório físico-químico de matérias primas” (1996, p. 30), pois sendo um organismo extremamente dinâmico e complexo, possui sua identidade e autonomia.

O corpo humano compõe uma harmoniosa orquestra com o universo, pois ele é um microcosmo à imagem e semelhança do macrocosmo, em formas, fluxos e ritmos, movimentando-se de forma íntima e simbiótica. Perceber essa simbiose e influência dos ciclos naturais da Terra no corpo humano é essencial para o equilíbrio e bem-estar pessoal, social e ambiental. Compreender que cada ação humana reflete uma transformação em seu meio é o princípio para a convivência harmônica com a vida.

Entretanto, a humanidade tem se distanciado cada vez mais do ritmo natural da vida ao negligenciar a organicidade dos fluxos que regem a ecologia da natureza. Nas palavras de Catalão & Rodrigues “vivemos um tempo acelerado e linear, onde aterramos contornos e meandros e o tempo presente escorre em linha reta, sem pouso e sem pausa” (2006, p. 83). Grande parte das causas que levam a esse distanciamento do ser é a ordem social vigente, regulada pelo regime capitalista, que privilegia o sistema econômico em detrimento da vida.

Esse mesmo sistema elege a produtividade como principal característica de valorização do humano, causando assim a exclusão de indivíduos considerados pouco ou não produtivos a partir da lógica de consumo estabelecida pelo sistema, sendo estes indivíduos, muitas vezes desconsiderados no contexto de produção vigente. Outro ponto de atenção está no objetivo fixo de formar consumidores para sustentar a produção gerada; estratégia essa que tem como motor as necessidades criadas pelo mercado consumidor e disseminadas principalmente pelas redes sociais, que criam percepções em relação a necessidade de consumo constante e ilimitada, bombardeando propagandas de vendas a todo momento.

Estamos diante de uma crise ética como alerta Voltolini (2015) em que a sociedade enfrenta grandes desafios devido ao predomínio da ideologia individualista neoliberal. Sob essa lógica, o entendimento da lei versa sobre o direito de cada um e não pelo direito de todos. Desse modo, o princípio de igualdade está fundado em uma ética baseada no gozo individual, sendo que o outro é percebido a partir da própria imagem do eu.

Desse modo, reforçamos o papel da educação ambiental e ecologia humana como ferramenta de fortalecimento da coletividade, contribuindo no despertar de uma consciência sutil de conexão ser e natureza ao estimular a capacidade de conhecer e compreender a própria existência ao restabelecer os movimentos rítmicos pessoais em consonância com os da natureza. Para tanto, assim como é necessário romper com a fragmentação do olhar sobre a totalidade, é importante compreender a educação como um meio de acesso à consciência integral do ser com o todo que o compõe, transformando assim o relacionamento do humano com a vida que o envolve. Nas sensíveis palavras de Mira Alfassa, a Mãe, (1977, p. 11), “educar é ajudar o despertar do outro no propósito de sua existência, na vontade de descobrir e buscar em si mesmo a verdade. Educar é auxiliar o percurso do indivíduo, encorajando-o, inspirando-o a reconhecer o valor da vida em suas infinitas possibilidades”; e é através da consciência plena de si e do seu objetivo perante a vida que a realização de seus propósitos se concretiza, pois, como afirma Alfassa, “uma vida sem objetivo é uma vida sem alegria” (1977, p. 10)

Nessa leitura, compreendendo e utilizando a água como metáfora para a educação, essa união revela um imenso mar de reflexões sutis, vocações poéticas e estéticas, enveredando ainda, em nome de uma súplica de cuidado e atenção quanto às questões simbólicas que envolvem o olhar para as águas, despertando para o fluxo das águas poéticas que formam o rio interior de cada ser. Dar vazão aos rios que compõem a bacia hidrográfica de cada ser é permitir a fluidez das emoções e sentimentos, conferindo brilho e a cor para a diversidade humana.

A fim de compreender a totalidade que integra a vida, aprofundamos no estudo da água a partir de sua dimensão simbólica. Duarte Jr. (2007) aponta que a consciência do humano decorre dessa ligação com o simbólico, sendo que por intermédio dos símbolos, o indivíduo transcende a simples esfera física e biológica, tomando o mundo e a si próprio como objetos de compreensão. Para o autor, o conhecimento do mundo advém de um processo, onde o sentir e o simbolizar se articulam e se completam. Nesse sentido, remetendo conjuntamente à visão da psicologia analítica proposta por Jung (1996), a água, em sua dimensão simbólica, relaciona-se ao campo do inconsciente.

Para Jung, a estrutura da psique divide-se em inconsciente e consciente, podendo assim ser representada como uma ilha, que seria o consciente, cercada por um imenso oceano, ou seja, o inconsciente (SILVEIRA, 1997). O inconsciente divide-se em inconsciente pessoal

e inconsciente coletivo, associando ao inconsciente pessoal o desconhecido do mundo interior do indivíduo:

Tudo o que conheço, mas não penso num dado momento, tudo aquilo de que já tive consciência mas esqueci, tudo o que foi percebido por meus sentidos e meu espírito consciente não registrou, tudo o que involuntariamente e sem prestar atenção (isto é, inconscientemente), sinto, penso, relembro, desejo e faço, todo o futuro que se prepara em mim e que só mais tarde se tornará consciente, tudo isso é conteúdo do inconsciente (JUNG, 1975, p. 372).

O inconsciente pessoal é formado por conteúdos que têm origem nas experiências individuais. Por outro lado, os conteúdos que compõem o inconsciente coletivo são comuns a todos os humanos; sendo assim impessoais e transmitidos por hereditariedade (SILVEIRA, 1997). Desse modo, ao referir-se à linguagem simbólica, Jung (1975) a associa a uma camada mais profunda do inconsciente pessoal, que assume características que não foram adquiridas individualmente, ou seja, foram constituídas por conteúdos de ordem universal. A essa camada mais profunda da psique, a qual Jung chamou de inconsciente coletivo, encontram-se os arquétipos. Estes consistem em alicerces da vida psíquica, sendo reconhecidos como núcleos de energia em estado virtual. Já os símbolos, são vistos como estruturas transformadoras de energia (SILVEIRA, 1997).

Conforme Bachelard (1989), arquétipo refere-se a uma força simbólica, que existe antes das imagens, ou seja, um símbolo que indica o desconhecido e nos orienta até o seu conhecimento ou a um entendimento mais profundo. Em muitas culturas, a água está associada ao arquétipo da mãe, sendo a fonte de toda a gênese e o principal alimento para a preservação da vida na Terra. Em muitas cosmogonias arcaicas, a água primordial é apresentada como a mãe que gera o céu e a terra, sendo uma totalidade ao mesmo tempo cósmica e divina. Para Bachelard (1989), além de outras características simbólicas, a mãe pode se relacionar à casa interior, à memória e às inspirações inconscientes.

Bachelard (1989), em profundo estudo metafísico sobre a imaginação poética dos elementos (terra, ar, água e fogo) e seus arquétipos, trouxe a percepção da materialidade simbólica da água sob diferentes olhares, reforçando seu aspecto maternal. Segundo o autor, a água embala como a mãe (p. 137), e através de seus fluidos movimentos, ela acolhe e oferece seu colo. Como mãe, a água é a fonte incondicional e abundante de doação e nutrição, sendo seu líquido, o leite da Terra (BACHELARD, 1989). Por outro ângulo, a água também está ligada à arte e à poesia, pois ela traz a substância do devaneio, que segundo Bachelard (1989)

reflete-se em um eterno vir a ser. Para o filósofo-poeta, o ser ligado à água é um ser em vertigem que morre a cada minuto, pois tem em si um elemento transitório, mutável e em constante transformação (1989, p. 07).

Ao trazer para o contexto pedagógico, a água, em sua simbologia, permite a fluidez e o acolhimento sem distinção, ensinando um modo de educar guiado pelo respeito à individualidade e à diversidade. Ao educador que se permite transitar levemente pela diversidade da sala de aula e dar voz aos educandos, mesmo diante dos desafios inerentes ao ofício do ensino, seu navegar pela docência poderá se tornar próspero, pois será guiado pelo poder do respeito e do espírito fraterno. Assim, um mergulho pelo profundo mar das imagens primordiais pode revelar segredos e encantos da nossa misteriosa existência. Ao imergir no interior dessas águas simbólicas, vemos a possibilidade de vivenciar significativas experiências e estabelecer formas sutis de compreensão da nossa conexão com a Terra, por meio das diversas imagens que são refletidas de um único ser.

É importante reconhecer que quando não há espaço para o acolhimento e a livre expressão da subjetividade, o estudante acaba por se distanciar cada vez mais, física ou emocionalmente, da escola. Somado a isso, sua individualidade e autenticidade, são subtraídas por processos de homogeneização que os distanciam de suas identidades, pois as bases culturais e históricas que tanto os influenciam passam pelo mesmo processo de desvalorização ou até mesmo, invisibilidade.

Assim como no contexto das águas físicas da Terra, é importante reconhecer que estamos diante de uma preocupante poluição das “águas humanas”, ou seja, das emoções e sentimentos humanos e por esse motivo, precisamos oxigenar essas águas. Para Duarte Jr. (2007), dentre as diversas significações do conceito de *sentimento*, este traduz-se muito bem como uma maneira emotiva de relacionar-se com o mundo interior e exterior. Dessa forma, despoluir as águas internas é abrir-se para um mergulho profundo em busca de identificar e reconhecer a rede de caminhos navegados e assim, contornar os obstáculos, com o propósito de fluir pacificamente no mundo. Essa conexão é como uma entrega de si ao útero da Terra, a fim de habitar a bolsa das águas da existência e resgatar a memória do sagrado que rege a ecologia da vida. É compreender que cada ser vivo contribui com seu movimento único na harmonia da dança cósmica, como poetiza Ailton Krenak.

Baseado no contexto acima, o pensar poético e o fazer artístico constituem-se como dispositivos de grande importância para o enraizamento da educação ambiental e da ecologia

humana, pois possibilitam acessar as inspirações e estimular sentimentos de afetividade, amorosidade e solidariedade. Sendo o processo de criação artística de natureza intuitiva e emocional, ele ocorre primeiramente através do contato e integração com o mundo interior, e como aponta Duarte Jr., “a arte não é uma linguagem que comunique conceitos. Antes, é expressão de sentimentos. É a tentativa de concretizar, numa forma, o mundo inefável dos sentimentos humanos” (2007, p. 88).

Assim, para Duarte Jr. (2007) a primeira função pedagógica da arte é explorar os assuntos relacionados ao campo dos sentimentos, os quais não são acessados a partir do pensamento discursivo. Para o autor, por meio da arte o indivíduo é estimulado a viver seus sentimentos, transcendendo o limite que a linguagem dispõe. Nessa leitura, o despertar da sensibilidade artística e poética acontece em um nível sutil de compreensão da subjetividade do indivíduo. Baseado neste caminho, a pesquisa buscou compreender as seguintes questões:

- Como a integração do simbolismo das águas, linguagem artística e poética na educação pode contribuir para a conexão entre natureza externa e interna do indivíduo?
- Que recursos a linguagem mitopoética e metafórica da água pode oferecer para a construção da educação integral do ser humano e, para a transformação do modo de relacionamento do sujeito com a vida?
- Que contribuições as práticas de sensibilização ancoradas no universo simbólico da água podem oferecer para uma formação integral de jovens estudantes dos anos finais do ensino fundamental e para a expansão da consciência em relação a si mesmo, ao outro e ao meio ambiente?

A fim de refletir sobre tais questões este trabalho tem como objetivos:

OBJETIVO GERAL

Investigar e refletir sobre a contribuição da linguagem poética e do universo simbólico da água para a promoção da educação ambiental e formação integral dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental a partir do engajamento das subjetividades no processo formativo.

Objetivos específicos

Investigar e conhecer o papel e a contribuição das linguagens artísticas, poéticas e simbólicas para a promoção e o enraizamento da educação ambiental e ecologia humana, a partir do simbolismo da água.

Contribuir com reflexões que favoreçam a compreensão da complexidade humana e a valorização da subjetividade na formação escolar.

Pesquisar e propor estratégias para despertar a afetividade no ambiente escolar, por meio da escuta sensível, do olhar reflexivo, do fazer artístico e do despertar poético e estético.

ROTEIRO DE NAVEGAÇÃO

Aqui apresento um roteiro de navegação pelas águas da presente pesquisa. O curso deste rio flui em um desenho permeado por enredos, curvas, meandros, sinuosidades; e nesse fluxo, os capítulos formaram-se pela substância dos assuntos principais desenvolvidos na pesquisa prática de campo. Assim, as reflexões teóricas aqui apresentadas relacionam-se aos registros do percurso vivencial experienciado com os estudantes.

Nesse trajeto, o primeiro capítulo chega anunciando as águas do meu nascimento e minha história de vida. E para contar essa história, me inspiro na poesia cordelista saudando minhas raízes nordestinas. Na sequência, apresento um texto narrativo breve sobre minha história de vida e os caminhos que trilhei até chegar ao objeto dessa pesquisa.

O segundo capítulo é um convite a um mergulho pelas águas da ancestralidade africana e indígena por meio de suas filosofias e saberes. Compreendendo que buscar a água é resgatar as origens, navegamos no universo de arquétipos e símbolos que essas culturas carregam e o sentido de relação íntima e simbiótica entre humano e natureza. Fechamos esse capítulo refletindo sobre o contexto atual do ensino escolar e as consequências para a formação humana no ambiente escolar.

O terceiro e último capítulo traz as reflexões sobre a formação desse mar que é a presente pesquisa. Nessa navegação, apresentamos a metodologia de pesquisa utilizada, o percurso vivencial e as reflexões sobre o percurso da pesquisa de campo.

CAPÍTULO 1 – O NASCIMENTO DO RIO

*A luz que ali mora no fim da estrada
Minha mãe avistava no vazio do nada
Seu espírito mirava tão longa jornada
Que lá na terra ainda não se findava*

*Ao voltar da viagem então descobriu
Era uma menina que de seu ventre saiu
Nascida ali minha alma assentava
Profunda experiência, eu já apresentava*

*Um laço eterno entre o mistério e o divino
Carrego comigo tão sagrado destino
E sempre me lembro da força e firmeza
Do poder de uma mãe em sua grandeza*

*É uma entre tantas que sustenta a casa
Lava, passa, cozinha, resistente e sozinha
E quando chega a noite disfarça o cansaço e aguenta
E não se desespera, é mulher que sustenta*

*Com luta e suor, minha mãe me criou
E posso dizer, muito calor ofertou
Minha família é esteio, é comum unidade
É berço e memória para muita saudade*

*Lembro da pipa no céu,
Do rolimã no asfalto
De uma infância de cores e muitos sabores
Não posso negar fui coberta de amores*

*A rua foi escola que me ensinou
A vida sincera que o livro não contou
Em Taguatinga eu cresci e lá me criei
E posso dizer nunca me esquecerei*

*Das cenas, sorrisos, brincadeira e amigos
Das histórias, dos causos, confusões e armações
Do brejo, da água, da mata e quintal
Do simples, do belo, de tanta alegria
Que digo e repito, não me esqueço um dia
Da infância que tive, hoje sou valentia.*

Kenya Ricarte, 2021.

Em terra nordestina tem raiz forte

Minhas raízes estão plantadas em solo nordestino; nos Estados da Paraíba e do Ceará. São nessas terras quentes que guardo a memória do meu sangue afro-indígena-luso-brasileiro. A história do meu avô materno, seu José Elias, compõe a clássica narrativa do retirante nordestino que sai forçado de sua terra, fortemente castigada pela seca e miséria, em um caminhão pau-de-arara, rumo ao sudeste do Brasil. A saga por melhores condições de vida, começa no Rio de Janeiro, onde trabalhou como carregador na praia e armador na construção civil. Com o dinheiro que juntou no Rio de Janeiro, abriu seu primeiro comércio em Fagundes – PB. Depois de um tempo, decide sair da Paraíba com sua família para tentar a sorte em Brasília. Chegando no Distrito Federal, abriu um armazém em Luziânia, que posteriormente foi vendido para a compra de um terreno na cidade de Taguatinga. Dessa cidade, saía às 5 horas da manhã de bicicleta para trabalhar no 28 (Congresso Nacional). Após três anos nessa labuta, retornou ao ofício de comerciante estabelecendo um ponto na feira da Ceilândia. Depois de passado bons anos de sua vida no cotidiano da feira, ele concluiu sua trajetória de trabalho com um mercado.

Além de hábil comerciante, na alma de meu avô pulsava o talento de ser um sanfoneiro e compositor. Seu maior desejo era tirar o sustento da família tocando os ritmos que vibravam em seu coração; o xote, o baião, o maracatu. Porém, a dura realidade da pobreza não possibilitou que ele ofertasse ao mundo o que seu espírito tinha de mais valioso: a música.

Em 1935 comprei um folezinho de oito baixos e passei a tocar em bailes e casamentos. O primeiro baile que toquei foi em 1937, no Carnaval no Brejo de São Vicente. Ganhei 20 mil réis. A pobreza do povo era grande, não ganhava para a farra. Tocava num baile e ficava sete, oito meses sem tocar. (Seu José Elias aos 93 anos)

Cheio de sonhos, seu José Elias desejava viver uma vida menos sofrida, bem diferente da vida na enxada que vivia em Paraíba. Ele queria apenas trocar a dureza da labuta escravizante pela maciez do trabalho digno. Ao lado de minha avó Maria criou seus 9 filhos. Maria Pereira foi mulher batalhadora, persistente e paciente. Talentosa costureira e artesã, tem seu ofício eternamente registrado na memória das fotografias antigas, através das composições dedicadas e carinhosas impressas nas roupas que a família vestia. Após o fim do seu casamento com meu avô, minha Vó Maria trabalhava dia e noite, noite e dia, sentada em frente à máquina de costura. Nessa casa em Taguatinga - lugar que carrega a memória e ancestralidade da família nordestina - eu cresci. Essa casa e tantas outras da rua foram

construídas em regime de mutirão aos finais de semana. A cada fim-de-semana, as famílias se reuniam e levantavam as paredes de uma casa, e por esse motivo, todas as casas possuíam o mesmo projeto de construção. Nos fundos do lote havia uma outra casa. Lá moravam minha tia e tio e meus dois primos. Minha tia Doraci me trouxe forte conexão com minhas raízes afrodescendentes. Lembro de sentar com ela no chão estendido por uma toalha com pratos de refeição em cima. Fazíamos bolinhos de arroz com carne com as mãos e depois molhávamos no caldo de carne. Ela era a única da família que comia assim. Com ela conheci também a Estação Primeira de Mangueira, minha escola de samba do coração. E em sua casa, conheci a história da africana escravizada Anastácia através de um busto que ficava em cima do móvel na entrada da casa. Aos fins de semana sempre estávamos na chácara de minha tia Nem. Lá pude viver uma infância de muita manga do pé, subida de morro, banho de rio e diversão com os primos. Lembro com entusiasmo do dia em que fizemos uma expedição para passar a noite na casa do alto do morro. Lá não tinha eletricidade, e no alto das paredes havia uma abertura onde colocávamos os lampiões, que iluminavam todos os cômodos da casa. Nesse tempo, contávamos histórias, jogávamos baralho e dominó ao cair da noite.

Minha mãe Dora é um grande exemplo de mulher para mim. Trabalhou muito para sustentar a casa e suas três filhas. Levantava cedo e já subia a ladeira com minha irmã e eu para pegar o ônibus executivo que levava os funcionários do Ministério da Saúde para o trabalho. Lá todos eram nossos tios e tias, que cuidavam e brincavam. Nós ficávamos na creche do MS enquanto minha mãe trabalhava, mantendo a rotina de nos amamentar até os nossos dois anos de idade. Ao fim do dia, voltava para a casa com a sacola pesada de fraldas molhadas e nossas roupinhas sujas. Ao chegar em casa, preparava o jantar, nos alimentava, lavava as roupas e já preparava a bolsa do dia seguinte. Impossível não me emocionar com essa doação incondicional de profundo amor e serviço. Além de excelente administradora, minha mãe tem um grande talento que é a arte de cozinhar. Seu amor e prazer em servir são refletidos nos alimentos que prepara com tanta dedicação e sabor.

Meu pai Riba teve uma breve passagem nesse mundo. Era um ser humano com um coração enorme; de muita sensibilidade e caridade. Por conta da separação da minha mãe com meu pai, pouco convivi com ele, mas guardo em mim as boas memórias que tenho dos seus olhos sempre marejados de emoção quando nos encontrava. Outra pessoa de extrema importância em minha história familiar é minha tia-avó Maria do Carmo; zeladora de santo com que aprendo os ensinamentos sagrados da umbanda e do candomblé. Através dela, aprendo a caminhar na espiritualidade das entidades e orixás, e por meio das histórias que ela

conta, compreendo e recorro a jornada espiritual dos meus antepassados. Me sinto muito agradecida pela oportunidade de fazer esse percurso e de ser guiada pelos princípios da fé e devoção através da minha família.

Ao fazer essa breve biografia reflito sobre importantes aspectos da minha ancestralidade. Acredito que para além de reconhecer o papel de cada um familiar na minha formação, me reconheço em cada um deles e carrego cada um deles em mim. É através da memória e compreensão da subjetividade de cada um que vou traçando a parte da minha subjetividade, que está entrelaçada com a dos meus antepassados.

E assim, não poderia deixar de fazer uma memória da minha trajetória de vida como forma de reconhecimento do que forma o meu ser. Me recordo que quando criança eu já apresentava gostos e afinidades de pesquisa ao escolher as brincadeiras que mais faziam parte do meu repertório. Eu gostava de brincar de fazer alquimia, misturando os vários elementos que encontrava na natureza e na cozinha e adorava brincar de escolinha (eu era a professora que ensinava o desenho), mas eram as brincadeiras de rua (pique-bandeirinha, pique-esconde, bôli, elástico, vôlei) que sempre ocupavam a maior parte do meu tempo.

Hoje reconheço o quanto o brincar foi essencial para a formação da minha personalidade e subjetivação. Por meio das ricas experiências que o brincar proporciona, podemos adquirir um aprendizado sólido, que se firma por meio da prática, e desse modo, o corpo é receptáculo e codificador das experiências vividas. O corpo é a totalidade que permite a percepção entre o sentir, o registrar, o observar e o refletir, para então, provocar uma ação, retroalimentada por todas essas etapas, em um ciclo contínuo.

O início da minha trajetória como pesquisadora acadêmica aconteceu quando eu era caloura no curso de Artes Plásticas na Universidade de Brasília e desenvolvi um projeto¹ de pesquisa de iniciação científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, cujo objetivo do estudo foi investigar Pigmentos Minerais no contexto regional do Cerrado para a produção artesanal de tintas como alternativa de materiais artísticos.

¹“Pigmentos minerais - durabilidade e permanência no contexto regional” recebeu o prêmio de melhor trabalho da Sessão Artes no 7º Congresso de Iniciação Científica do DF e XVI Congresso de Iniciação Científica da UnB, CNPq.

Além de estimular a produção, a pesquisa buscou incentivar a percepção do processo que envolve a manufatura de materiais, possibilitando ao artista mergulhar em sua sensibilidade natural e envolver-se profundamente com cada etapa decorrente do processo de criação artística. Desse modo, o estudo buscou integrar aspectos interdisciplinares ao tema em questão, relacionando assuntos ligados à história da arte, geologia, química, ecologia, valorização da cultura regional e outros campos do conhecimento, objetivando assim explorar o campo da educação interdisciplinar.

Após essa experiência na pesquisa, fui à prática pedagógica como educadora ambiental no projeto Água como Matriz Ecopedagógica (AME), com oficinas de arte-educação no Centro Comunitário do Córrego do Palha – Distrito Federal. Este projeto reforçou o potencial da educação ambiental como meio de formação integral dos sujeitos, e ainda, trouxe um olhar para a efetividade de uma prática pedagógica que privilegia a sensibilidade, tendo a água como condutora em suas várias dimensões metafóricas.

Contribuir para a formação humana e conseqüentemente, para a transformação social, enfatizando a conscientização para a relação entre humano e natureza, através da educação, é a confirmação de um caminho que se fortalece em comunhão ao meu propósito de vida. Nesse sentido, ao refletir a minha trajetória de vida, compreendo que a busca para incentivar no outro o olhar para o sentido de totalidade e integração da vida se consolidou como ponto central da minha pesquisa como artista e educadora. Carrego em mim um forte desejo de justiça e igualdade social em união à ação de cuidado com a Terra e, para tanto, apenas diluindo a ignorância da segregação e do individualismo, conseguiremos resgatar o princípio que rege a prosperidade e manutenção da vida, que é o fazer coletivo, comunitário e cooperativo.

Nessa direção, essa pesquisa é fruto de uma caminhada que começou na graduação. A partir das experiências vividas nos estágios supervisionados, inicio um longo processo de reflexão sobre o propósito da educação escolar, e principalmente, o exercício de um olhar sensível para o ambiente escolar e as pessoas que o formam. Admito que o cenário que se apresentou a mim à época dos estágios não foi confortável, nem tampouco animador, para uma candidata à professora da rede pública de ensino do Distrito Federal. A fala carregada de frustração de alguns professores ecoou em meus ouvidos por muito tempo: “não vale a pena”, “aproveita que ainda dá tempo de fazer outra coisa da vida”, “a única coisa que vale a pena é o salário no fim do mês”, “os estudantes não querem saber de estudar”.

Por outro lado, hoje posso dizer que o amor pelo humano e a fé na humanidade foram e continuam sendo meus maiores alimentos, e por essa razão, eu acredito que é essencial refletir sobre a função da educação escolar e os princípios que orientam a formação humana integral. E principalmente, compreender a importância do envolvimento afetivo e da escuta sensível entre os sujeitos. E é nesse mar que navegaremos na presente pesquisa.

Um profundo despertar para a imensidão do mar: uma experiência pedagógica significativa que mudou o curso do rio.

“Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho. Mas eu vim de lá pequenininho.

Alguém me avisou pra eu pisar nesse chão devagarinho”

Dona Ivone Lara, 1982.

Ela guardava em seu interior um sonho íntimo e pulsante. Queria semear um jardim com flores de todos os jeitos, cores e aromas, onde a liberdade e o respeito fossem princípios para a harmonia. Suas águas brotavam tímidas e frescas. E assim, reuniam-se uma a uma, e logo iam crescendo em uma corrente livre e determinada, na intenção de ser rio e regar o amor que tanto lhe preenchia. O espírito da água costumava soprar em seu ouvido, e assim, ela ia escutando que a origem de tanta dor e sofrimento nos humanos morava na sede de ter um colo quente e embalado das águas mães. Eram inquietas memórias, trazidas desde lá do útero ancestral. E era a água amorosa quem preencheria novamente o corpo e os faria recordar o sentimento de união e ligação com a Mãe. Era o frio da solidão que gerava tão grande descompasso, fazendo crescer a angústia de seus corações e a ansiedade de suas respirações. O peso da dor trazia esquecimento, e por isso, não conseguiam lembrar-se de onde vinham, aonde estavam e para onde iam. Foi até que um dia, um canto de liberdade ecoou com tanta intensidade que seu fazer se transformou, e a sala de aula foi guiada pelo poder do amor. Em cada canto, habitado por tão peculiares almas, a água calma, amorosa e persistente, foi nutrindo a vida e despertando sementes, de cura e poder, do outro e de si mesma. Esse era em si um ato subversivo, elemento tão necessário para um giro pedagógico. Todos semearam juntos, com muita emoção e coração - essas palavras parentes, filhas das águas presentes. E foi a arte sua grande aliada, que fez da sala de aula um colo de cor e calor. E nesse percurso era a água quem conduzia, guiava e nutria. Ela os fazia recordar a dança esquecida, tão endurecida, pelas grades e prisões, de antigas colonizações.

Carregando esses sonhos em mim, trago o relato de uma experiência pedagógica que antecedeu a presente pesquisa, sendo esta água de nascente para o rio que aqui flui. O ano é 2018, quando cheguei ao Centro de Ensino Fundamental 01 da Estrutural como professora de Artes Visuais e passei por uma significativa transformação na construção do meu ser docente. Posso dizer que vivi uma importante iniciação pedagógica, em que fui aprendendo a codificar os símbolos e sinais que se apresentavam no tempo. Na cosmovisão africana, o Tempo é um grande mestre, e como tal, é o regente da orquestra dos ensinamentos da vida.

A escola CEF 01 da Estrutural funcionava em um prédio comercial no SIA, pois o local original destinado à construção da escola foi condenado por oferecer riscos às pessoas. Era um terreno baldio que havia abrigado o lixão da Estrutural por longo período e, portanto, a terra estava contaminada e emitia gases tóxicos. Por esse motivo, a escola não funcionava no território da Estrutural, que era a cidade de origem dos estudantes, e sim em um prédio comercial composto por salas e escadas, em um ambiente fragmentado e improvisado, que não possuía ao menos uma placa de identificação da escola.

Sabemos que o momento do intervalo costuma ser o mais prazeroso da escola, pois é nele que as pessoas se libertam da postura limitante que é exigida dentro do espaço da sala de aula. Mas o lugar onde os estudantes passavam seu curto tempo de liberdade no intervalo, foi o espaço que mais me despertou inquietação e até uma certa angústia. O que deveria ser o pátio iluminado de uma escola, era a garagem do prédio que ficava no subsolo. Era um local muito espaçoso, porém escuro, com paredes muito altas e uma cozinha ao fundo. Observei que alguns estudantes lanchavam sentados no chão, talvez por não haverem mesas e cadeiras suficientes para acomodar a todos. De qualquer forma, o meu incômodo morava no fato deste ser um território nú, sem vida e sem acolhimento. Então me perguntava: como sentir-se pertencido em um território sem identidade, sem conexão com a comunidade, sem alma?

Carregando essas indagações, fui abrindo o caminho dentro e fora de mim para a trilha que se desenhava. Devagarzinho começamos a ressignificar o cotidiano da escola, dando passagem para as emoções e sentimentos, que foram sendo nutridos pela arte. O primeiro espaço cultivado foi o de dentro. A sala de aula foi sendo acolhida (Imagem 01) e suas paredes foram, dia-a-dia, ganhando um colorido novo, e com isso, a expressão de cada um dos habitantes daquele lugar foi sendo imprimida no ambiente e suas obras foram sendo guardadas no espaço/tempo da sala de aula. Aquelas paredes guardavam memórias e contavam histórias, e quem por lá passava, sentia a vida pulsante de cada verso daquela poesia.

E assim, através dessa significativa experiência enraizei em mim o propósito de investigação de meios possíveis para sementeiras prósperas nos ambientes escolares, valorizando as diferentes culturas por meio de um olhar estético plural e antirracista.

Imagem 01: Sala de aula viva – CEF 01 Estrutural



Fonte: Kenya Ricarte

Aos poucos o espírito de coletividade foi sendo resgatado na comunidade. O professor, que tinha medo de virar-se de costas para os estudantes, foi aprendendo a confiar, a enxergar as cores das variadas paletas humanas, reconhecendo o brilho de suas almas, que também aprendiam a arte do desarmamento. Através das boas histórias que foram sendo escritas, professores e estudantes foram se inspirando na transformação daquele pequeno território, e a reflexão de novas práticas pedagógicas foram tornando-se prioridade.

Com o tempo, a vibração das cores daquele território recém-nascido expandia-se a cada dia dentro de cada um dos protagonistas daquela escrita entregue e autêntica. Diálogos sobre subjetividades e raízes ancestrais estavam no centro da roda, e assim, fomos adentrando em territórios que pertenciam àqueles sujeitos, porém o senso de pertencimento e percepção do seu valor estavam adormecidos nas águas escuras do esquecimento. A cada dia uma nova porta perceptiva era aberta, e com isso, um novo brilho no olhar surgia, um preconceito era quebrado, um julgamento era desfeito, uma memória era resgatada e uma história era valorizada.

O alicerce foi sendo construído através dos escombros das edificações do passado que precisaram ser derrubadas para a construção de um novo projeto. As paredes que resistiram ao tempo não deixaram de carregar as marcas do passado, mas elas agora reexistiam de uma outra forma. A escuta essencial para a sedimentação do alicerce foi a da valorização dos

nossos ancestrais de origem africana e indígena, e assim tanto as informações escritas através de estudo de imagens e narrativas decoloniais como a conexão do coração com o pulsar do tambor foi necessário.

E foi através do resgate dessas memórias que chegamos ao contexto regional da comunidade do CEF 01, e para isso, estudar a cultura urbana da arte do grafite e da poesia do rap foi mais um mergulho sobre a influência da cultura africana na contemporaneidade. Desse lugar surgiu um projeto coletivo que envolveu toda a comunidade escolar para a expansão do jardim de cores e calores para todo o território da escola. O maior estímulo para a participação coletiva no projeto foi o sentimento de transformação e envolvimento que os estudantes exalavam em seus passos cotidianos. Isso motivou os professores a fazerem da escola um ambiente mais acolhedor (Imagem 02).

E assim, fomos nos constituindo enquanto uma comum-unidade, desfazendo os nós da segregação das disciplinas específicas, e através da arte fomos nutrindo cada espaço, preenchendo os vazios e diluindo as diferenças. A arte foi como a água, em sua natureza sem forma, arredondou as pedras do rio, tornando-as mais orgânicas e movimentada.

Imagem 02: Pintura nas paredes do CEF 01



Fonte: Kenya Ricarte

Através do potencial transformador que o projeto de sementeira cultural e construção de identidade do território da escola CEF 01 inspirou, essa nascente fez surgir esse curso d'água denominado Projeto Cantos e Encantos das Águas: arte e poesia na formação humana, que buscou investigar os caminhos possíveis para a formação humana integral através da experiência estética e poética, contribuindo com reflexões para a compreensão da complexidade humana e a valorização da subjetividade na educação escolar.

Desse modo, a contribuição do pensamento decolonial e intercultural nesse estudo foi sendo fortalecida cada vez mais através da consolidação de uma prática pedagógica alicerçada na reflexão dos processos históricos e da formação cultural do povo brasileiro. Para isso, dar atenção à subjetividade dos indivíduos e à suas histórias de vida, olhando para as memórias ancestrais e coletivas da humanidade, foi imprescindível para o aprofundamento das questões que esse estudo buscou investigar.

CAPÍTULO 2: ÁGUAS ANCESTRAIS

2.1 Filosofia Africana

O processo de colonização imprimiu marcas profundas de silenciamento e opressão, em que a relação de subalternidade do oprimido fixa de forma bem definida e estável o lugar do opressor. A colonização das mentes, que denuncia profunda violência epistêmica, exclui sujeitos e os classifica como diferentes, caracterizando-os como “minorias”. Esses grupos sociais e étnicos, que nem sempre são minorias, são marginalizados e permanecem distantes dos espaços de poder e das decisões que muitas vezes lhe dizem respeito. As bases estruturantes do colonialismo se instala nas regras de raciocínio e formas de pensamento, e portanto, não são facilmente desfeitas. Percebemos os sintomas decorrentes do racismo, da discriminação e da marginalização dos povos indígenas e da população negra manifestando-se em diferentes contextos de exclusão social e econômica.

Segundo Quijano (2000) a colonialidade se configura como um elemento estrutural que constitui o padrão mundial do poder capitalista, fundando-se na imposição de uma classificação racial e étnica da população. Nesse sentido, Escobar (2003) aponta que esse passado colonial dos países resultou o modelo hegemônico e global de poder implantado desde a conquista que “articula raça e trabalho, espaço e pessoas, de acordo com as necessidades do capital e para benefício dos brancos europeus” (p. 62), e são essas estruturas, instituições e relações de poder que mantêm a naturalização das assimetrias e desigualdades sociais.

Paulo Freire (1999) alerta para as consequências da colonização e da atitude dominadora que o colonizador implantou no colonizado, desenvolvendo, para tanto, uma consciência hospedeira da opressão e não uma consciência livre e criadora. Segundo Freire, a

maior tragédia do homem moderno é ser dominado por forças ideológicas que oprimem e o expulsam das órbitas das decisões.

As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhes entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida [...] e quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado. Rebaixa-se a puro objeto. Coisifica-se. (FREIRE, 1999, p. 51)

Nesse sentido, Freire (1999) aponta que a educação precisa caminhar juntamente com a conscientização para uma prática de liberdade, em que todo aprendizado deve estar associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo colonizado. A imagem do colonizador como pioneiro e missionário da cultura e do progresso precisa ser desmistificada.

Entretanto, a descolonização da mente é um processo lento, e segundo Freire (1999) apenas o homem é capaz de transcendê-la por meio da tomada de consciência e da capacidade de reflexão crítica, substituindo a submissão pela libertação, ao adotar uma postura de contestação da ordem social vigente. Para Freire, o pensamento crítico deve provocar rupturas e ter compromisso investigativo sobre as razões de ser do conhecimento, buscando suas dimensões ontológicas, éticas, epistemológicas e pedagógicas.

O pensamento freireano traz uma contribuição importante ao pensamento decolonial, visto que suas ideias objetivam o combate à opressão por meio da transformação social. Esse giro decolonial que propõe Freire se dá através do questionamento da cultura hegemônica dominante, que valeu-se da disseminação da cultura europeia como estratégia para a manutenção da lógica colonialista. Em conformidade a esse pensamento está a teoria pós-colonial que questiona as formas de pensamento que colocaram a cultura europeia na posição de privilégio em relação às outras culturas.

Conforme os estudos pós-coloniais, as meta narrativas constroem o outro colonial enquanto sujeito subalterno, estranho ou exótico, a fim de exercer o domínio e o poder sobre esses sujeitos, revelando sua intenção de conhecer para dominar. Constituem-se ainda como estratégias de controle e dominação, a negação e a subjugação do “outro” com o propósito de tirar-lhe a autonomia para que ele não possa falar por si.

Muniz Sodré em sua obra “Pensar Nagô” (2017), discute a episteme do pensamento filosófico ocidental em diálogo aos fundamentos da cosmovisão africana através de um pensar afrocentrado, privilegiando conceitos iorubanos. Os iorubás são um dos maiores grupos étnico-linguísticos da África Ocidental, provenientes principalmente das regiões africanas da Nigéria, Benin e Gana, que chegaram ao Brasil à época da escravidão, influenciando profundamente a formação cultural e étnica do povo brasileiro.

Um expressivo capítulo da história da humanidade é escrito com base em um cruel sistema escravista, berço do racismo e responsável por enorme genocídio, etnocídio e epistemicídio. Infelizmente, o Brasil carrega essa forte herança, além de um triste legado de ser um dos países com maior desigualdade social do mundo, caracterizada pela concentração de propriedade e exploração de trabalho. Desse modo, o Brasil é um país que precisa exercer esse trabalho de descolonização, sendo premente a implementação e o desenvolvimento de uma política de reparação histórica, valorizando as raízes ancestrais dos povos originários indígenas, dos povos diaspóricos africanos e afrodescendentes.

Importante destacar que a cultura africana sofreu modificações a partir da diáspora, ocorrida ao longo do tempo. Os africanos que aqui chegaram no período de escravidão vieram desprovidos de qualquer base material, familiar e territorial. A desumanização de seus corpos foi a principal estratégia de construção da ideologia escravista, acarretando no apagamento de identidades e subjetividades, pois nem mesmo a sexualidade era livre. Dessa forma, os africanos em diáspora precisaram reconstruir seus espaços íntimos, reafirmar suas memórias, sentidos e significados através de seus próprios corpos, adaptando suas culturas ao novo território. E o corpo foi a morada das experiências e o guardador das memórias que se formavam através dos significados gerados pelos movimentos e gestos culturais próprios, expressados por meio da dança, da música e dos toques de instrumentos, como o tambor.

Sodré (2017), além de buscar compreender com profundidade a essência de elementos da cultura iorubá, impressa no cotidiano da cultura brasileira, traz à discussão a construção do pensamento sustentado na dialética em comparação ao pensar nagô, que se apoia no conceito de analogia. Isso quer dizer que além de se relacionar as partes ao todo, no conceito de analogia, considera-se a existência de um terceiro incluído estabelecendo-se uma relação entre as coisas dessemelhantes, não só em quantidade e qualidade, mas diferentes em natureza, como por exemplo, o humano e o divino, uma cidade e um corpo humano, por exemplo, transcendendo assim, os limites existentes entre esses pares.

Nesse mergulho, no estudo da compreensão do raciocínio e construção da comunicação, Sodré (2017) faz uma analogia da comunicação com a figura de um caboclo e suas raízes em busca da profundidade do que está abaixo da terra. Para o autor, a comunicação atual, muito frequentemente encontra-se presa apenas às formas e às relações entre elas, entretanto, o chão que as sustentam, ou seja, o alicerce, não é observado, nem tão pouco compreendido.

Desse modo, o pensamento construído sob uma perspectiva nagô é mais puramente amalgamado, pois considera todos os elementos que o compõe de forma entrelaçada, sem que busque a polarização ou a oposição, pois ao contrário, concentra-se no elemento unificador. Assim, a visão da cosmogonia africana sobre o corpo reflete essa concepção de integração. Para Sodré, na *Arkré* (origem) nagô, “o corpo empírico torna-se possível pela corporeidade transcendental do grupo, habitando as representações do cosmo e seus princípios, portanto as divindades” (2017, p. 129). Nas culturas tradicionais considera-se o “si-mesmo” corporal, que consiste na potência afetiva de ação. Nas palavras de Sodré,

Assim é que a língua árabe dispõe para ele (corpo) de três palavras reveladoras: jassad (corpo inerte), jism (corpo vivo, em movimento) e daat, que pode designar o “si corporal”, isto é, o corpo próprio enquanto componente fenomenológico da experiência singular do homem no mundo, irreduzível à instância psíquica e à representação linguística. (SODRÉ, 2017, p. 133)

Segundo Sodré, o conceito de “si mesmo corporal” rejeita a noção de corpo como “mero habitáculo inflável de forças” ao conceber a ideia de uma autonomia frente à mecânica inteligente dos movimentos corporais, pois “o corpo seleciona e assimila, de modo análogo ao código linguístico, os estímulos de ordem social e cultural em que está imerso o indivíduo” (2017, p. 134)

Conforme interpretação de Jeudy (1998, p.158), ao pensamento de Nietzsche, citado por Sodré o “si é a subjetividade do organismo, ao modo de uma inteligência originária e misteriosa, embora jamais inteiramente inteligível” (2017, p. 135). Nesse sentido, para Sodré (2017) o si mesmo corporal permeia a noção de *corporeidade*, a qual ao relacioná-la ao coletivo, se define como sendo a “coleção dos atributos de potência e ação” diferente das características individuais. Conforme Sodré (2017):

O grupo pertence ao indivíduo tanto quanto este pertence ao grupo, mas em ação e pensamento, o grupo – pleno de movimentos contidos ou reprimidos – tem mais potência, o que significa pensar coletiva e anonimamente, algo que se poderia

designar pensamento-corpo. “Todos unidos em um corpo só”. Essa aglutinação implica o próprio conceito de corporeidade (SODRÉ, 2017, p.135).

Sodré (2017) afirma que a corporeidade é a condição própria do sensível, pois tal como a compreensão do filósofo camaronês Boulaga (1977, p. 211) citado por Sodré:

O sentir é a comunicação original com o mundo, é o ser no mundo como corpo vivo. O sentir é o modo de presença na totalidade simultânea das coisas e dos seres. O sentir é o corpo humano enquanto compreensão primordial do mundo. O homem não é si mesmo por derivação ou, progressivamente, por etapas. Ele é de vez ele mesmo, estando nele mesmo junto a coisas e a outros, na atualidade do mundo. O sentir é a correspondência a essa presença [...]. Pelo sentir do corpo, o homem não está somente no mundo, mas este está nele. Ele é o mundo (SODRÉ, 2017, p.135).

Para Merleau-Ponty (1999), o “si” pode ser considerado como o encontro com o eu mais íntimo, e a essa subjetividade profunda unida ao corpo no mundo, daríamos ao sentido de corporeidade a afetividade vivida. Dessa forma, a compreensão do mundo se dá pela experiência em vivê-lo através do corpo, que de acordo com autor “ele não *está* no mundo, ele *é* no mundo” (p. 269). A essa compreensão aprofundamos a ideia de corpo como dotado de inteligência própria e capaz de sentir e gerar conhecimento. Segundo Merleau-Ponty, “quer se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele” (1999, p. 269).

A pedagogia transdisciplinar segundo Catalão et al. (2010) traz a presença do si corporal como capacidade de estar consciente de si mesmo, incentivando a capacidade de conhecer e compreender a estrutura e a natureza do funcionamento do pensamento, condicionado à repetição em sua própria existência. Nesse sentido, ao se considerar a transdisciplinariedade, segundo Nicolescu (2001), como sendo multirreferencial e multidimensional, a realidade deixa de ser compreendida como absoluta e unidimensional e passa a ser vista como um sistema complexo.

Nicolescu (2001) aponta que a transdisciplinariedade é definida como uma transgressão das fronteiras entre as disciplinas, buscando romper com a lógica de separação e limite inerentes à pesquisa disciplinar que induz à fragmentação do conhecimento. Sendo assim, a transdisciplinaridade ultrapassa as noções de pluri e interdisciplinaridade, pois situa-se entre e além das disciplinas, considerando os vários níveis de realidade (multidimensionalidade) e agregando a lógica do terceiro incluído e da complexidade como

alicerces para a construção do conhecimento. Importante destacar que a investigação da lógica do terceiro incluído surge da necessidade de compreensão de uma unidade de ligação entre os diversos níveis de realidade, bem como a passagem de um nível a outro.

Desse modo, o objeto transdisciplinar é constituído pelo conjunto dos níveis de realidade e de sua zona complementar de não-resistência. Assim, a transdisciplinaridade considera, como elementos de uma mesma realidade, a pluralidade complexa e a unidade aberta, sendo envolvida por um princípio de relatividade que é composta por vários níveis de percepção, o que dá lugar a um sujeito transdisciplinar. Assim, para que haja uma real comunicação entre sujeito e objeto, as zonas de não-resistência devem ser idênticas, possibilitando um fluxo de informação nos níveis de realidade correspondente a um fluxo de consciência nos níveis de percepção.

Compreender a necessidade de expansão do autoconhecimento e do potencial criativo dos sujeitos por meio da experiência de integralidade é tornar o ato educativo vivo e dinâmico, reconhecendo o papel da escola como sendo uma das instituições mais capazes para contribuir com o contexto histórico-cultural. É no espaço escolar aonde se encontram culturas e histórias de vida tão diversas, e ao mesmo tempo, tão férteis em estabelecer diálogos reflexivos sobre os aspectos individuais e coletivos. No ambiente escolar podemos transformar o olhar sobre a vida, incentivando uma relação mais saudável consigo, com o outro e com a Terra.

Assim, há a compreensão de que não há hierarquia entre as disciplinas, pois a riqueza está na inter-relação dos conhecimentos, que possibilita tecer uma grande rede de reflexões. Na metáfora de Morin:

A complexidade é um tecido (“complexus” o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo [...] complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza.... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos. (2007, p. 13)

Na tese de doutorado de Schunck – *Arte e Natureza: uma experiência de sensibilização ambiental por meio da arte* (2006), a autora cita Morin ao falar da importância do papel dos artistas, filósofos e poetas românticos do séc. XVIII, como sendo os autênticos guardiões da complexidade, pois em meio ao tempo da simplificação, esses grupos apontam que seria

através do encontro com a natureza que natureza humana poderia ser encontrada. Schunck lembra que o idealismo romântico foi uma das inspirações do movimento ambientalista, cuja essência está nas novas sensibilidades e percepção do mundo natural.

De acordo com Jung (1996), a arte é um meio sensível de expressão não linear que desafia as construções racionais, considerada como fonte de comunicação com o inconsciente e simbólico, manifestando-se através de uma linguagem não verbal. Para Catalão et al. (2010), a arte é valiosa no processo educativo, pois possibilita a conexão com o fenômeno místico, através de uma percepção intuitiva da vida enquanto fenômeno estético. Através da experiência estética nossa percepção é ampliada, e com isso somos incentivados a abarcar novas percepções que passam ao largo do pensamento racional, e que, no entanto, exprimem ideias, visões de mundo, formas de perceber e de sentir.

Conforme Duarte Jr. (2007), nas culturas tradicionais a vida é mais esteticamente vivida, na medida em que cada ação do indivíduo faz parte de um universo de valores e sentidos, apresentando uma visão mais abrangente. O autor reconhece a arte como uma forma de conhecimento humano, caracterizada como um processo que auxilia o homem a desenvolver sentidos e significados que orientem a sua ação no mundo.

De um modo geral, é possível perceber a dificuldade em encontrar um equilíbrio entre os sentidos que se dá à vida e a ação concreta do homem no cotidiano. Nesse contexto, Moraes (2004), propõe que o ato de educar deve acontecer em uma relação de integração entre corpo e espírito no ser e no fazer. A educação precisa seguir um caminho em que possibilite levar o sujeito a criar sentidos e valores que fundamentem sua ação no ambiente de modo que haja coerência e harmonia entre o sentir, o pensar e fazer.

Podemos considerar que arte e educação se complementam em muitos sentidos, pois tratam da subjetividade e da formação humana, e alcançar essa união entre indivíduo e o mundo exterior é realizar a transposição do muro que separa sujeito e objeto, possibilitando assim um envolvimento afetivo com a Terra, da qual todos nós somos filhos. Nesse sentido, Maturana (1997), aponta que quando aprendemos a amar algo, podemos preservar, e só conseguimos amar o que compreendemos.

2.2 Oxum: a fonte do amor

Em diversas culturas, o simbolismo da água está relacionado à vida ou nascimento. No contexto religioso, a água, ao ser representada como fonte nutridora e purificadora, está associada ao reino dos céus, pois relaciona-se à luminosidade das fontes e riachos. Representada por Bachelard (1998) como a grande mediadora entre o céu e a terra, a água faz a ponte entre o humano e o divino no plano espiritual. É através das águas que caem do céu (as chuvas) que o reino do céu se conecta ao chão da terra, fertilizando-a, e nesse harmonioso fluxo cíclico, ao céu a água retorna.

Na filosofia iorubá, a água é o elemento que liga o humano ao sagrado. A água está presente em todos os momentos e é ela quem faz a purificação das energias. Há uma fala recorrente nas religiões de matriz africana que diz: “sem água, sem orixá”. Para os adeptos dessas religiões, a natureza é sagrada, pois ela é a fonte de ligação com o sagrado e quem permite o acesso à dimensão espiritual. Assim, cuidar da natureza é um ato de oração, devoção e conexão com o divino. Os orixás que representam os arquétipos das águas trazem em si os fenômenos naturais dos ciclos das águas, dos diversos ambientes que acolhem as águas com suas peculiares características, que influenciam o fluxo e ritmo das águas, como nascentes, cachoeiras, lagos, oceanos, pântanos.

Desse modo, a força ancestral que um orixá revela através de seus arquétipos, suas características e seus mitos é vivida no cotidiano como potência sagrada para o aperfeiçoamento do ser humano. Os orixás atuam nos diversos setores da vida individual e social constituindo a subjetivação humana e em sua filosofia, a natureza não reside na exterioridade do ser, ao contrário, ela se manifesta no comportamento e na personalidade. Através da filosofia dos orixás e seus mitos, os africanos puderam reconstruir seus territórios internos e externos, mantendo viva a memória cultural, mítica e espiritual de seus ancestrais.

É comum encontrar nas literaturas sobre religiões africanas e diaspóricas a associação do Orixá¹ Oxum como sendo o arquétipo da Vênus Africana, sendo a ela atribuídas as qualidades do amor, da beleza e da sexualidade.

¹Orixá- “divindade, deus do panteão iorubá” (PRANDI, 2001, p. 569)

Entretanto, apesar de tais características estarem intimamente ligadas ao Orixá Oxum, na compreensão nagô (iorubana) o arquétipo da deusa representa a complexidade da força do feminino em suas múltiplas potências.

É importante destacar que a força do Orixá é compreendida e reverenciada pelos devotos do culto aos Orixás de forma multidimensional, ou seja, se manifesta nos diversos setores da vida de um indivíduo e de sua comunidade; como o social, o político, o econômico, o pessoal e o espiritual. Na Nigéria, onde o culto à Oxum é um dos poucos à ser realizado em todo país, no aspecto social e político, sua imagem está atribuída à realeza, à nobreza e aos altos cargos.

O nome Oxum se relaciona à palavra Orísùn (MURPHY, 2001), que em iorubá quer dizer fonte do rio, das pessoas ou das crianças. Desse modo, Oxum significa “fonte”, podendo ser ilustrada como algo que corre, flui, escoar, se movimenta. “Oxum é perpetuamente a fonte renovando a vida, o aparecimento da água doce na terra seca, um modo de esperança em uma nova e difícil situação” (MURPHY, p. 02, 2001). Adiante, Murphy (2001) completa o sentido da simbologia de Oxum como a força elemental da água, que possibilita a vida e a sua preservação.

Divindade da água, fonte de vida, poder e autoridade, Oxum é representada como a deusa dos rios e da fertilidade, sendo o princípio e a matriz da vida. Oxum é a fonte em todos os sentidos, pois é a capacidade de nascimento e renovação, e é a ela a quem pertence a prosperidade material e espiritual. Conforme a poesia de Murphy, “Ela é a fonte sempre renovada abaixo da superfície do visível e quem faz a renovação possível” (p. 2001). Nesse sentido, Oxum é essencial nas iniciações dos devotos de Orixás, pois ela é a responsável por “cuidar das cabeças” dos seus filhos, ou seja, dos seus caminhos espirituais.

Ao desempenhar um papel social em uma comunidade, as mulheres que carregam a força do Orixá Oxum exercem também a função de cabelereiras, pois através dos trançados nos cabelos, cuidam das cabeças externas e internas dos indivíduos, ou seja, dos seus oris. Assim, a própria trança desenhada no cabelo de uma pessoa é Oxum, sendo desse modo representada no ato de vestir-se e pentear-se, ou seja, nos cuidados com o corpo físico. Além disso, a Arte, como os poemas, as músicas, as pinturas, as danças, relacionam-se à Oxum, e é através dessa atmosfera estética própria, que faz parte da ritualística presente nos cultos de Oxum, que sua força se expressa de forma essencial para sustentação da vida e da ordem na terra.

Além disso, Oxum exerce importante função sociológica ao ser reconhecida como a Educadora, aspecto esse representado em muitos de seus Itan. Souza & Souza (2018) definem Itan como “o conjunto de mitos e lendas do panteão africano que narra as histórias envolvendo canções, danças, rituais e ensinamentos” (p. 102). Desse modo, o Itan é um elemento representativo da oralidade e possui importante função civilizatória.

Ogum é um outro Orixá pertencente ao panteão africano, e é representado pelo ferro e sua capacidade de transformação pelo calor do fogo. O campo de domínio do Orixá reside na agricultura, na força das ferramentas e das espadas, na ação do trabalho e do esforço, na abertura dos caminhos e na vitória nos campos de batalhas. Assim como Ogum, Oxum também está relacionada à transformação, porém a transformação provocada por Oxum se dá através do movimento silencioso das águas. É por meio do brilho das águas frias e frescas de Oxum, que a doença é curada, e que as tristezas e desejos são amenizados, pois ela é capaz de renovar, purificar o ar e neutralizar seus conteúdos negativos (MURPHY, 2001).

Como aponta Murphy (2001) a habilidade de cura de Oxum está em sua compaixão e soberania, pois ela é a guerreira que luta pelos seus filhos, vencendo seus inimigos visíveis e invisíveis. Além disso, Oxum é a mãe amorosa que está sempre disponível para abraçar a quem precisa de seu colo. Através do valor da caridade, Oxum representa a morada segura para os angustiados e aflitos. Murphy (2001) cita a grande ialorixá brasileira Mãe Menininha do Gantóis, filha de Oxum, como sendo o espelho do arquétipo de Oxum, ao ter uma vida inteira dedicada à caridade e serviço à humanidade.

2.3 Iemanjá: a senhora das grandes águas

É água do mar, é maré cheia ô

Mareia ô, mareia

É água do mar.

Clara Nunes, 1974.

Para os povos iorubás, os orixás são representações dos elementos e forças da natureza, como os rios, florestas, montanhas, ar, chuva, raio, trovão. Os africanos que tiveram que deixar suas terras forçados pela escravidão, precisaram ressignificar seus cultos e adaptá-los à nova geografia do lugar que habitavam. Sendo assim, os orixás adotaram novos domínios,

diferentes aos de origem em território africano, ganhando assim outras terras, outros rios, outras montanhas ou acidentes naturais.

Em África, Iemanjá é um orixá de águas doces, assim como Oxum e Nanã. A grande mãe é representada por uma mulher de formas arredondadas e seios fartos, que juntamente com Oxalá (Céu) é responsável pela criação do mundo. Seu nome se traduz como “mãe dos filhos de peixes” (*Yeye Omo Ejá*). Conforme Vallado (2019) o culto à Iemanjá chegou ao Brasil com os povos africanos iorubás, sendo introduzido principalmente no Estado da Bahia e depois espalhando-se por várias regiões do país e misturando-se a povos africanos de outras procedências. No Brasil, Iemanjá é representada pelas águas do mar e é considerada a mãe dos peixes, de todos os orixás e também de todas as cabeças humanas (oris), sendo a ela atribuída o cuidado das mentes, conferindo saúde e equilíbrio.

Cada orixá possui uma qualidade, sendo essa manifestada sob diferentes aspectos que compõem a sua singular natureza. Ao falar de Iemanjá, de acordo com suas múltiplas características, podemos descrever também o padrão de comportamento de seus filhos (pessoas que tem esse orixá como regente). Desse modo, de acordo com as crenças nos terreiros de candomblé, tendo o filho a regência de Iemanjá, este possuirá características físicas mais arredondadas e sua personalidade será constituída pelas qualidades da generosidade, da maternidade, da afetividade e também da instabilidade emocional, pois assim como as marés das águas, seus filhos podem ser oscilantes. Dessa forma, o arquétipo de Iemanjá contribui para a compreensão da importância de se cultivar a calma e o equilíbrio das emoções, pois como as águas, as emoções podem nos inundar, ocupando todo o espaço sem ao menos ser notada e quando menos se espera, já tomou conta de tudo.

Por ser a mãe dos peixes, Iemanjá é reverenciada pelos pescadores como aquela que oferece a fartura e abundância vinda do mar. Por esse motivo, podemos observar sua presença em esculturas espalhadas pelas praias brasileiras, sendo a ela associada a imagem de protetora dos pescadores, navegantes, viajantes, marinheiros, barqueiros. Iemanjá é também um orixá que se apresenta com grande frequência na cultura popular brasileira, sendo bastante expressiva sua representação nas artes plásticas, na literatura, na música, no cinema e teatro. Canções compostas e gravadas por compositores e cantores de grande prestígio saúdam e reverenciam a deusa das águas do mar. Nesse mar de composições musicais podemos citar Elis Regina, Dorival Caymmi, Clara Nunes, Maria Bethânia e Marisa Monte.

2.4 Nanã: a guardiã do saber ancestral

Nanã é “a avó de todos os orixás” (PRANDI, 2001, p. 255). Sendo a mais velha, é portanto, denominada por Prandi (2001) como a guardiã do saber ancestral. De acordo com o Itan de criação do humano, Nanã foi a responsável por oferecer sua substância, a “lama sob as águas” (PRANDI, 2001, p. 196) para a modelagem da criatura, visto que Oxalá já havia tentado de várias outras matérias, porém sem sucesso. Assim, através da lama primordial que é Nanã, Oxalá criou o humano, e através do sopro de Olorum, ele caminhou. Entretanto, como Nanã deu a sua matéria para a criação do humano, quando o corpo morre ele deve retornar à terra, ou seja, voltar à natureza de Nanã Burucu.

Através do Itan de Nanã refletimos sobre a lei da transmutação energética que rege a organização dos ciclos da natureza. Nanã é o arquétipo da transição e da eternidade existente entre nascimento e morte; é o fio da ancestralidade que une a cadeia espiritual entre todas as dimensões. Nanã nos chama para um olhar atento sobre a transformação que conduz ao renascimento. É um convite ao mergulho nas profundezas da lama de nossa existência, de reconhecer as dores e feridas para assim, aprender a cura. Nanã é a escuta, é o silêncio, a sabedoria e lentidão.

Nanã é a calma da água dos lagos e lagoas e que tem no fundo do seu solo a decantação da matéria em decomposição representando a memória dos que já existiram. É a senhora das águas quietas que rege os pântanos e manguezais, estabelecendo o contato entre as águas doces de Oxum com as águas salgadas de Iemanjá.

2.5 Sabedoria indígena

“Se vocês quiserem saber como foi o começo de tudo, perguntem ao nosso irmão mais velho, o fogo; se quiserem entender onde mora a alegria, pergunte à água cristalina, pois ela vem da fonte da alegria; querendo saber as notícias dos espíritos, questionem o irmão vento, pois ele vem de longe; se querem saber qual foi o som da criação, pergunte à mãe Terra, pois ela tudo gerou” (MUNDURUKU, p. 28, 2009)

Na minha caminhada como educadora de Escola Pública, frequentemente me deparo com o questionamento dos estudantes sobre o sentido dos conteúdos que a escola exige que eles aprendam. Afirmações do tipo “eu nunca vou usar isso na minha vida” em referência à

uma equação matemática, por exemplo, são corriqueiras, e inúmeras são as respostas dadas pelos professores sobre essa provocação. Entretanto, mesmo buscando formas criativas de tentar convencer os estudantes, os professores se perdem no caminho, pois eles mesmos costumam acreditar que o formato educacional de seleção e transmissão desses conteúdos é suficiente para as necessidades da geração atual.

Daniel Munduruku (2009) defende que os jovens “querem ouvir pouco e precisam expressar-se mais, precisam contar a própria história para alguém que não finja ouvi-los” (p. 45). Através de sua experiência como professor de jovens, Munduruku afirma que aprendeu a dar boas aulas quando passou a ouvir mais as histórias de vida e o compartilhamento de sonhos dos jovens; escuta essa que seus pais não queria ouvir. Munduruku relata que reconheceu nessa atitude o lugar do ancião da aldeia, que “tudo ouve e observa para, depois e só bem depois, se pronunciar e ser ouvido” (p. 45).

À luz da sabedoria indígena sobre o ato de educar, a sociedade pós-moderna ocidental caminha em sentido oposto, buscando plantar as informações advindas das observações externas no ambiente interno dos estudantes. Para Munduruku (2009), educar é fazer sonhar, arrancando os sonhos de dentro para fora. Entretanto, na era da modernidade líquida, como sinaliza Bauman (2011), a educação tem se distanciado cada vez mais do aprendizado por meio da observação e prática dos saberes dos mais velhos. O excesso de informações somado à falta de direcionamento tem provocado dispersões distintas nos jovens, dificultando ainda mais o processo de aprendizagem significativa. As crianças já não crescem na presença da mãe e do pai, observando seus afazeres, aprendendo seus ofícios; elas entram na escola já desde muito novas e são direcionadas à receberem um conteúdo programado para atender a todo o grupo, sem reconhecer a necessidade de atenção à singularidade dos indivíduos em formação de suas subjetividades. Nesse ponto, nos deparamos com uma educação despersonalizada, que provoca a homogeneização dos saberes, desconsiderando a cultura de cada indivíduo e sua rede familiar. Somada à essa realidade, nos deparamos com conteúdos e narrativas que muitas vezes reforçam o etnocentrismo e além, o extermínio de muitas culturas, propagando o crescente etnocídio presente desde a invasão do Brasil pelos conquistadores.

Podemos refletir sobre a luta dos povos indígenas para legitimarem suas identidades em meio à uma forte imposição do Estado em desclassificar seus saberes. Esses povos, que resistiram a tantas batalhas, não foram poupados do extermínio, que resultou no desaparecimento de centenas de etnias e a consequente extinção de saberes valorosos,

principalmente de suas línguas, que também foram proibidas de manterem-se vivas. Munduruku (2009) esclarece que a língua tupi se tornou mais difundida pela característica guerreira dos tupis em dominar grupos menores, impondo sua cultura, dominando-os e fazendo-os adotar um comportamento condizente com os valores tupis. Os tupinambás são uma etnia que foi reconhecida pelas outras como sendo formada por grandes guerreiros que ocupavam as áreas litorâneas e muito lutaram contra as invasões portuguesas.

A cultura está em permanente transformação e compreender isso é extremamente importante para vencer o preconceito ainda enraizado na sociedade em relação ao indivíduo de origem indígena. No imaginário da maioria da população brasileira, foi construída uma ideia ingênua e distorcida do indígena desde a colonização, que cruelmente se colocava como elemento central na estratégia de dominação e domesticação dos povos, ao afirmar que se tratavam de povos primitivos, selvagens, atrasados, sem religião e sem modos. Por meio dessa visão, limita-se a capacidade de aprender com o outro, e reconhece-lo como semelhante. A realidade da sociedade brasileira apresenta um desafio ainda maior. O brasileiro é um estrangeiro em seu próprio solo. São filhos e filhas que não reconhecem seus ancestrais, pois compraram a imagem estrategicamente plantada e cristalizada por séculos pelos dominadores, e tem sido reforçada através dos livros didáticos, do ensino escolar e dos meios de comunicação. Para Munduruku (2009), é grande o desafio da desconstrução da imagem do índio como o canibal ou o primitivo que para ser reconhecido como índio precisa morar na aldeia, vestir-se como índio, falar e se comportar como índio. Nesse imaginário cruel que foi construído por séculos e que é tão difícil de ser apagado, o indígena é o estrangeiro que sofre exclusão social em sua terra pátria. Munduruku (2009) aponta que:

Parte dessa imagem é construída com a ajuda de conceitos que, muitas vezes, descaracterizam o outro como possuidor de interesses próprios, vida própria, cultura própria. Como exemplo disso, podemos citar o livro didático e sua construção pela sociedade[...] os manuais didáticos, em sua maioria, ajudam a formar uma visão distorcida sobre os índios, pois trazem uma imagem estereotipada: os nativos são sempre apresentados como seres que vivem nus, nas matas, habitando ocas ou tabas e que cultuam diversos deuses, entre os quais Tupã. (MUNDURUKU, p. 21, 2009)

2.6 Buscar a água é resgatar as origens

No ano de 2011, aconteceu em Brasília, na Universidade da Paz, Unipaz, o congresso internacional “A voz das avós das quatro direções do planeta”. Esse evento ocorre uma vez

por ano, e é realizado em vários países. O Encontro busca valorizar a diversidade cultural e espiritual do mundo, trazendo o conhecimento dos povos originários e tradicionais. As treze avós representam a luta pela paz e proteção do meio ambiente, através de uma aliança global de prece para a Mãe Terra, destinada a todos seus habitantes. Através dos encontros, o Conselho das 13 Avós Nativas – originárias do Norte, Centro e Sul da América, África e Ásia - visa promover o diálogo intercultural e inter-geracional, apoiando a valorização dos conhecimentos tradicionais e o fortalecimento da paz planetária, plantando a semente da memória, preservação e transmissão dos saberes tradicionais, da valorização do feminino, do respeito aos idosos, do diálogo entre as gerações e do ativismo espiritual e ambiental. O conselho tem como objetivo romper com as barreiras entre os povos e unir a essência das tradições, construindo pontes entre a tradição e a modernidade, e assim permitir que se criem soluções sustentáveis para as emergências do mundo.

A água foi escolhida como o tema central do encontro, considerando seu valor nas culturas tradicionais e o desafio atual da humanidade em relação à sua conservação. O evento “A voz das avós: no fluir das águas” (2011), buscou criar espaços de diálogo e chamar a atenção sobre a importância das tradições dos povos originários e a figura das anciãs como guardiãs destes legados.

Durante o encontro, as avós compartilharam suas experiências e saberes provocando a reflexão sobre o valor da água e os simbolismos relacionados a suas tradições. Diante da imensa riqueza de mensagens transmitidas pelas águas e representadas pelas anciãs, selecionei alguns trechos de seus sábios dizeres, em um exercício de registro da memória ancestral da existência, compreendendo seus processos evolutivos e os propósitos espirituais da vida humana.

Os mitos relacionados à água, considerada um dos elementos essenciais formadores da vida, são contados pelas avós, que acreditam que o processo evolutivo do humano está ligado à evolução do cosmo como um todo. A fala das avós representa a materialização do sentimento que nos remete às águas; o acolhimento e a amorosidade. A ancestralidade viva e pulsante transmitida pela fala das avós carrega a sabedoria dos antigos e a poesia presente na consciência de estar em sintonia com os princípios de manutenção da vida.

A voz da avó Catarina Delfina dos Santos, indígena Tupi-Guarani, reforça a metáfora e simbolismo atribuídos às águas por diversos pesquisadores: “É da água que nós viemos, a água é o leite materno da Terra” (A VOZ DAS AVÓS, 2011). Encontramos ressonância da

voz da avó Catarina com a voz de Catalão (2006), que de maneira expressiva em sua pesquisa traz inúmeras mensagens e poesias do sagrado que habita as águas.

A mensagem que a avó Bernadete Rebienot do Gabão apresenta é que “a água é o primeiro espelho do homem. Mesmo ainda pequeninos nos levavam até os rios, principalmente quando o sol brilhava, e nos pediam para olhar para a água. Nós víamos o nosso próprio rosto” (A VÓZ DAS AVÓS, 2011). Em seguida, a avó Bernadete relaciona o simbólico da água com o feminino, e reafirma a necessidade de valorizar o feminino e resgatar sua importância na sociedade. Em suas palavras, diz:

Meu segundo desejo é que a humanidade recoloca o feminino no centro do mundo. Isso poderá prover o equilíbrio necessário para a reconciliação. As mulheres são amigas da água, pois a preservam dentro do seu próprio corpo, para poder dar a vida a outros de nós. Na terra de onde venho, as mulheres ocupam um lugar muito importante. (A VOZ DAS AVÓS, 2011).

Para a avó Mona Polacca da tradição Hopi “A água é uma criação sagrada. É um elemento sagrado; o primeiro fundamento” (A VOZ DAS AVÓS, 2011). Segundo Mona Polacca, para o povo Hopi as chuvas são as bênçãos dos ancestrais sobre o que nós estamos fazendo. A anciã associa a água ao primeiro fundamento da vida:

Houve uma época em que vivíamos dentro da água, no útero de nossa mãe. Quando chegou o momento de nascermos, a água saiu na nossa frente, nós a seguimos. (A VOZ DAS AVÓS, 2011).

Representando a tradição Yupik, a avó Rita Pitka (2011), apresenta sua fala em forma de oração:

Todos sabem que a água limpa. Tudo na mãe Terra tem uma medicina. Os animais, as plantas são uma medicina. O que nutre a água da região em que a gente mora. Eu rogo para que vocês ensinem aos seus filhos o quanto a água é preciosa. Eu rogo que vocês cuidem da água. Nós viemos da água. O ventre materno é sagrado porque todo ser humano passou pelo ventre de uma mulher. Portanto, todas as pessoas devem respeitar isso. A mulher precisa respeitar o seu próprio ventre. (A VOZ DAS AVÓS, 2011).

A voz da avó Agnes - Takelma Siletz do Oregon, EUA, uma das mais anciãs entre as avós, reflete sua preocupação em relação ao futuro da humanidade e relata que:

Eu tenho um sonho sobre o cuidado com a água que compartilho continuamente ao redor do mundo, pois, sem a água, toda vida morre. Tenho uma grande preocupação

com a manutenção da pureza da água. Devemos trabalhar para a continuidade do círculo de ensinamentos sobre o cuidado com o sangue da mãe terra, a água, para as próximas 7 gerações. (A VOZ DAS AVÓS, 2011).

Por fim, na voz de Moisés Ahruarco, representante dos povos originários da Colômbia, da Serra Nevada de Santa Marta, o mito de criação de seu povo se faz presente da seguinte forma:

Vou explicar um pouco da nossa gênese. Nós trazemos ou temos uma lei de origem, a Lei dos Primeiros Pais. Dizem que antes, quando tudo estava escuro, quando o mar estava por toda parte, não havia sol, nem lua, nem gente, não tinha nada. Mas a mãe, que era o mar, estava por todas as partes. E somente era pensamento e memória do que iria ser. E então nós viemos da nova profundidade, da nova escuridão. Para nós, a escuridão não é o mal como é para o ocidente, é o pensamento e a memória. Nós dizemos que somos os irmãos maiores, porque nós viemos antes que o Sol aparecesse. Nossos irmãos não indígenas apareceram quando o Sol apareceu. Por isso, são irmãos menores. Assim diz a história. (A VOZ DAS AVÓS, 2011).

Nas culturas tradicionais, a sabedoria dos mais velhos possui grande valor na comunidade, pois representa um acervo rico de conhecimentos ancestrais do seu povo. Os mitos representam a ligação com a origem e com a lei divina que tudo rege. É através dos contos dos mais velhos que a comunidade se conecta ao sagrado e ao que é de ordem sobrenatural, e as histórias são contadas com o propósito de conectar o humano à forma essencial da vida, aproximando-os da natureza e reforçando seu potencial civilizatório.

Nos relatos acima é interessante observar quão próximas as falas estão da literatura de pensadores e filósofos que escreveram sobre a água e suas simbologias. Em “A Água e os Sonhos”, Bachelard (1998) compara a água ao leite da Terra, assim como foi dito pela avó Tupi-guarani Catarina, citada acima. O leite materno é o alimento para o bebê, sendo nutrição física e emocional, assim como a água que alimenta a terra, tornando possível a vida e a prosperidade.

No mito contado pela avó Bernadete, do Gabão, ela compara a água a um espelho, assim como poetiza Bachelard (1998) ao apontar a diversidade simbólica da água em uma relação que traz o sentido de reflexo da própria imagem no espelho d’água. Entretanto essa imagem formada se mistura à água, tornando-se assim disforme e difusa; também mutável. A água representa também o contato com o interior e com o inconsciente. Diferente do espelho, o objeto, a água sendo um organismo vivo, se move, se transforma. Associá-la a um espelho

é também buscar a união do humano com a natureza, em que a relação com as águas possibilita se conectar ao que há de mais profundo e essencial da natureza humana; os seus sentimentos.

Quando a avó Bernadete fala sobre o desejo de que a humanidade recoloca o feminino no centro do mundo, refere-se ao sentimento de cuidado, ou seja, a valorização das atitudes que representam o aspecto feminino, existente em homens e mulheres. De acordo com o conhecimento taoísta, o aspecto *yin* representa o feminino, a energia primordial que existe em todos os sujeitos, sejam homens ou mulheres de acordo com Capra (1982). Assim, despertar o feminino é retornar às origens, fortalecendo o aspecto pacífico, receptivo e acolhedor da alma; é renascer nas águas do ventre e guardar a memória de união com a força que nutre os sentimentos e aproxima o indivíduo dele mesmo. Resgatar as qualidades femininas simboliza a gentileza para com o planeta e seus habitantes, pois ao transformar o olhar sobre a vida, reestabelecemos o vínculo, o afeto, a amorosidade e a ternura, cultivando o sentimento de reconciliação entre o ser individual, o ser coletivo e o ser planetário. Nas palavras de Bachelard (1998) esse é o olhar da água, pois nele reside a suavidade, a essência e a profundidade; características tão necessárias para a prosperidade da vida.

2.7 A água e seus desafios

Desde a antiguidade a água é objeto de disputa entre diversos povos e civilizações por tratar-se de um elemento fundamental na formação e organização das sociedades, que se constituíam em torno de bacias hidrográficas e costas marítimas. Embora passado o tempo, essa realidade não mudou, pois a água continua sendo o mais importante e estratégico dos recursos naturais. Entretanto, sua disponibilidade tem se tornado cada dia mais escassa, sendo que esse impacto tem acarretado inúmeras consequências, como o desaparecimento de nascentes e rios e o aumento da poluição das águas.

Não precisamos ir muito longe para entender o cenário de morte e miséria que a falta da água e sua contaminação geram. Conforme dados da Organização das Nações Unidas (2021), 2,1 mil milhões de pessoas não têm acesso a serviços de água potável com segurança, sendo que 1,5 milhões de crianças com menos de cinco anos morrem todos os anos de doenças relacionadas à diarreia. A ONU relata que “a diarreia infantil está intimamente associada ao fornecimento insuficiente de água, saneamento inadequado, água contaminada por agentes de doenças transmissíveis e práticas inadequadas de higiene” (ONU, 2021). Ainda segundo a

Organização, a escassez de água já afeta quatro entre dez pessoas e 90% de todos os desastres naturais estão relacionados à água.

A água é o recurso natural que mais tem ensinado sobre os impactos da intervenção negativa da humanidade no meio ambiente e as consequências dessas ações nas mudanças climáticas. A previsão, segundo a ONU, é que a escassez de água tende a aumentar até 2050 devido ao aumento populacional, à demanda industrial cada dia mais crescente e à prática agrícola convencional. Importante destacar que a agricultura, incluindo irrigação, pecuária e aquacultura, representa 69% das captações anuais de água em nível mundial, sendo esse o setor que mais consome água no planeta. A indústria é responsável por 19% do consumo de água e as famílias por 12%. Somado ao uso irracional da água temos como fator agravante para sua escassez, o aumento das emissões de gases na atmosfera que causam o efeito estufa, principalmente o dióxido de carbono (CO₂) oriundo da queima de combustíveis fósseis (derivados do petróleo, carvão mineral e gás natural) para geração de energia.

Com o aumento da temperatura do clima, as ondas de calor na terra aumentam, gerando os extremos de seca que afetam a disponibilidade de água. Infelizmente, o Brasil está entre um dos maiores emissores de gases que provocam o efeito estufa, sendo o desmatamento e a modificação do solo os principais responsáveis por esse cenário. Isso se dá pelo fato das florestas e dos ecossistemas naturais servirem como grandes reservatórios de carbono, então quando acontece um incêndio florestal ou uma floresta é desmatada, esse carbono é liberado para a atmosfera, contribuindo para o efeito estufa e o aquecimento global.

Transformar a forma de relacionamento com a água é urgente e essencial para a permanência humana na terra. Enquanto predominar a cultura equivocada de pensar a água como recurso infinito e abundante, a ameaça de colapso no abastecimento hídrico se torna cada vez mais uma realidade e, problemas como a seca, a escassez hídrica e o racionamento extremo de água se tornará mais presente.

Considerando que a agricultura convencional lidera a posição de consumo de água no planeta, há que priorizar o olhar para esse setor como importante agente de transformação para o uso sustentável das águas. Dessa forma, a implantação de sistemas naturais de cultivo como a agrofloresta tem sido uma maneira fértil de priorizar a vida. Preservar a vida na Terra passa pela recuperação do solo, através do plantio de árvores, visando restabelecer a dinâmica natural dos ecossistemas. Plantar árvores é plantar água, pois água e floresta estão intimamente ligadas. Árvores favorecem a vida das águas e as águas possibilitam a existência das florestas.

Adiante, no mergulho pelas vivências ocorridas no presente estudo abordaremos sobre os sistemas agroflorestais.

2.8 Contexto do ensino escolar atual

Estamos todos interligados à todas as formas de vida existente, seja visível ou invisível. Entretanto, na contramão de um estado de equilíbrio e harmonia para com esse todo, que é a vida no centro, as nossas relações obedecem ao sentido imposto pelo sistema econômico que privilegia a individualidade e reforça a separatividade, conceitos estes tão fortemente enraizados no projeto colonial, que imprimiu nos corpos humanos a lei do esquecimento de que somos coletividade.

Sabemos que muitos avanços no campo da ciência foram feitos ao longo da história, entretanto, a ciência foi edificada em uma estrutura rígida e limitada, ancorada por um pensamento fragmentado e segregador, e orientada com base em um modelo binário e cartesiano, que até hoje coloniza e aprisiona corpos, em seu pensar e agir. É por meio desse projeto colonial que reconhecemos a necessidade de voltarmos ao tempo, para assim, entendermos a luta contra a opressão e a desigualdade social vigente; encarando de frente a urgente necessidade de uma reforma nas camadas mais profundas da sociedade.

Primeiramente, precisamos reconhecer que todos nós, em diferentes graus, fomos/somos colonizados; vivemos/sobrevivemos dirigidos por um sistema capitalista, patriarcal, antropocêntrico e moderno que domestica os conhecimentos e as formas de viver. Nesse sentido, descolonizar o modo de pensamento pessoal e social é o ponto de partida para iniciarmos a transformação necessária para reexistir e compreender que essa r-existência surge da força do coletivo.

O ambiente escolar pode ser transformado um ambiente fecundo para a construção do sentido de coletividade através da formação da integralidade dos sujeitos, possibilitando o fortalecimento das relações, a livre expressão de emoções e a legitimação da identidade do estudante, que poderá ser observado constantemente pela presença atenta e interessada do educador. Para tanto, é importante que se cultive um olhar amoroso, sensível e acolhedor para a diversidade presente na unidade e para unidade presente na diversidade.

Bauman (2011) aponta que a vida apressada tem sido um dos maiores obstáculos para a educação na era da modernidade líquida, pois os estudantes têm o grande desafio de viver

em um mundo ultrassaturado de informações e ainda são cobrados a aprender. Para Bauman, nesse contexto, mais desafiador ainda é educar o ser humano neste novo modo de viver. Catalão & Rodrigues (2006) alerta para o aceleramento do tempo presente e suas consequências para a aridez e ressecamento de nossos rios internos:

Vivemos um tempo acelerado e linear, onde aterramos contornos e meandros e o tempo presente escorre em linha reta, sem pouso e sem pausa. Enquanto isso, os nossos rios fluem cada vez mais lentamente esmagados pela “gravidade” da poluição de nossas águas. Também dentro de nós as águas correm pesadas – os problemas da circulação planetária mostram sua réplica nas disfunções de circulação que afetam a saúde do homem contemporâneo. (CATALÃO & RODRIGUES, 2006, p. 83)

Nesse sentido, percebemos a pouca atenção que tem sido dada à subjetividade e à criatividade na formação dos jovens. A escola ainda protagoniza a reprodução de padrões tradicionais e castradores de ensino, sendo essa a realidade da maioria das instituições educacionais brasileiras. A herança dos paradigmas cartesiano e mecanicista na visão de mundo e educação, tem promovido uma visão fragmentada da produção do conhecimento, assim como reforçado a visão limitada que se tem do humano e da sua relação com o meio. Nesse sentido, Morin *et al* (2003) aponta que:

Uma grande tradição filosófica ocidental baseou-se na noção de sujeito, mas sem poder alicerça-lo no mundo da vida. A ciência determinista dissolveu a noção de sujeito, a filosofia positivista e a filosofia estrutural perseguiram-na. Contudo, esta sempre volta, aqui e ali, mas sempre sem fundamentação (MORIN *et al*, 2003, p. 74).

Para Morin (2000), a curiosidade e a paixão são o que impulsionam a reflexão filosófica e científica. O autor afirma que, nos mamíferos a afetividade e o desenvolvimento da inteligência são inseparáveis, asseverando que se “a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção e o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais” (2000, p.19).

Entre os vários aspectos que integram o contexto educacional, há a necessidade de uma compreensão sobre a racionalidade na educação como o equilíbrio entre subjetividade e objetividade, não priorizando nem uma nem outra, mas ao contrário, buscando uma complementaridade. Como descreve Morin (2000), “a racionalização se crê racional porque

constitui um sistema lógico perfeito, fundamentado na dedução ou na indução, mas fundamenta-se em bases mutiladas ou falsas e nega-se à contestação de argumentos e à verificação empírica. A racionalização é fechada, a racionalidade é aberta” (2000, p. 22). Mais adiante completa: “uma doutrina que obedece a um modelo mecanicista e determinista para considerar o mundo, não é racional, mas racionalizadora” (2000, p. 22).

Nesse mesmo sentido, Krishnamurti (1976) diz que para olhar o ser humano de modo integral na educação é necessário dissolver a noção do dualismo cartesiano de separação corpo/mente, corpo/alma, sujeito/objeto e assumir a visão da complexidade humana, pensamento defendido também por Morin (2000). Ao destacar a integralidade na formação educacional do sujeito, Krishnamurti afirma que “é a compreensão do processo total da existência humana que traz a integração” (1976, p.45).

Para Krishnamurti, a educação moderna, desenvolvendo o intelecto, ministra teorias e mais teorias, fatos e mais fatos, mas não nos faz compreender o processo total da existência humana. Para o filósofo, “somos altamente intelectuais, desenvolvemos mentes astuciosas e vivemos num emaranhado de explicações. O intelecto se satisfaz com teorias e explicações, mas a inteligência não; e para a compreensão do processo total da existência, é necessária uma integração da mente e do coração no agir” (1976, p. 63).

Em consonância com esse pensamento, Boff (1996) diz que a nossa capacidade de inteligência não está apenas na razão instrumental, “precisamos considerar que junto ao *logos*, está o *eros* (vida e a paixão), o *pathos* (afetividade e sensibilidade) e o *daimon* (a voz interior da natureza) [...] voz da natureza que fala em nós” (1996, p, 31). No mesmo sentido, Morin afirma que “é o racionalismo irracional quem ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida” (2000, p.23). Para o autor, a racionalidade deve conhecer os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo e reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento.

De acordo com Krishnamurti (1976), a educação correta reside em uma ação pedagógica a serviço da arte de viver. Assim, segundo o autor, a educação não deve significar apenas a aquisição de conhecimentos dos fatos, mas a compreensão do significado da vida como um todo, ou seja, a busca pela compreensão de si mesmo. Sob esse contexto, a fim de que se cultive uma sociedade mais sustentável nos dias de hoje, é urgente ampliar o campo de saberes insuficientemente explorado na educação tradicional. Para tal, reconhecer que o conhecimento não pode ser reduzido a uma forma de dominação da realidade, e sim como uma forma de entrar em comunhão com as coisas (BOFF, 1996).

A realidade do paradigma educacional vigente tem conduzido a uma crescente produção de conhecimentos vazios e desprovidos de sentidos para os estudantes, pois muitas vezes eles não são protagonistas no seu processo de conhecimento e nem são estimulados a serem sujeitos autônomos. Para Krishnamurti, a educação induz o indivíduo à adaptação a um padrão, distanciando-o do despertar de sua inteligência integral, pois nega a compreensão de si mesmo como um processo total. Segundo o autor “qualquer forma de educação que atenda a apenas uma parte e não a totalidade do humano conduz, inevitavelmente a conflitos e sofrimentos cada vez maiores” (1976, p.27).

Desse modo, pensar em uma educação que brote da sensibilidade, a fim de fortalecer os alicerces de princípios e valores com relação à necessidade de se educar, e que possa favorecer uma reflexão crítica e uma ação responsável e comprometida com os valores da vida é um caminho de prosperidade para a transformação do atual mar ao qual a educação está mergulhada. Não há como refletir sobre temas como conscientização e cidadania sem partir dos saberes e conhecimentos prévios e ainda, do imaginário de cada indivíduo. Não há como envolver e, conseqüentemente, mobilizar para uma educação política e cidadã sem considerar o universo sensível e subjetivo, no qual os sujeitos fecundam e gestam os sentidos necessários às transformações e desafios para a manutenção e sustentação da vida.

Dar sentido e sabor ao processo de ensino e aprendizagem continua sendo um dos grandes desafios da educação. Um dado extremamente preocupante na atualidade é a crescente taxa de quadros de ansiedade e depressão entre os jovens na fase da adolescência, período este marcado por intensas alterações biológicas e relacionado à maturidade biopsicossocial do indivíduo (JATOBÁ & BASTOS, 2007). Segundo os autores, a escola, juntamente com a família, deve proporcionar condições para o desenvolvimento saudável desses indivíduos, acolhendo-os e protegendo-os. O estudo aponta ainda que a escola deve oferecer a segurança emocional necessária a esses jovens para que os eventos ocasionados por esses distúrbios, que podem ser temporários devido à intensa transformação biológica que enfrentam, possam ser amenizados. Por último, conclui que o conhecimento deve ser estudado como um instrumento de crescimento, desenvolvimento e evolução pessoal.

Para Freire (1998), ensinar é criar possibilidades de experimentação para que o aprendizado aconteça, e assim, despertar para um novo conhecimento, ou seja, é importante que o educador perceba o ato de educar como um processo de desenvolvimento do conhecimento de maneira relacional. Freire (1998) e Krishnamurti (1976) afirmam que

ensinar não é uma transferência de conhecimento, e sim uma construção dialógica de conceitos que se consolidam a partir das diversas experiências vividas e refletidas pelos sujeitos.

Segundo Freire (1998) é através de uma relação sensível com o meio e com as pessoas que nasce um novo olhar da prática pedagógica, que é infinita em possibilidades de reinvenção. Nesse sentido, o educador deve ampliar o universo de suas ideias sobre o ambiente e sobre o educando e ainda, sobre a interação entre eles, despindo-se de preconceitos ou estratégias limitadas, durante o percurso rumo ao conhecimento.

Krishnamurti (1976) chama atenção para a educação que constrói um olhar sobre o indivíduo como o que ele deveria ser e não sobre o que ele é. Desse modo, quando o educador se interessa em conhecer o indivíduo da forma como ele é, sem desejar transformá-lo em outra coisa, seu empenho será o de ajudá-lo a compreender a si próprio. Para Krishnamurti “educação, no sentido verdadeiro, é ajudar o indivíduo a tornar-se um ente amadurecido e livre, para florescer ricamente em amor e bondade” (1976, p.22).

Outro ponto extremamente relevante é respeitar o tempo e as condições de aprendizado de cada um, pois cada indivíduo carrega uma história pessoal, familiar e social. Sendo assim, é necessário reconhecer e valorizar as características pessoais dos indivíduos, e perceber que são em momentos de desafios e de aparente fragilidade, que emergem a superfície a complexidade humana.

Compreender o valor em assumir uma atitude comprometida com a prática pedagógica, é para Freire (2000), cultivar a solidariedade entre educador e educando. Para tanto, os educadores precisam criar meios que fortaleçam, nos educandos, a segurança em si mesmos, elevando sua autoestima e autoconfiança, incentivando constantemente o olhar para si mesmos e suas atitudes, a fim de despertar a reflexão de quem são e o que querem realizar na vida. Dessa forma, poderão favorecer o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem significativo, criando um ambiente, em sala de aula, mais saudável e estimulante. Esse equilíbrio ambiental pode ser promovido pela criação de espaços-tempos que favoreçam a livre expressão das emoções e sentimentos dos educandos. Nesse sentido, a arte e a poesia podem ser utilizadas de inúmeras maneiras, sendo contextualizadas junto aos conhecimentos que se desejam alcançar.

2.9 Percursos das águas: estudos realizados na área da pesquisa

Uma das pesquisas pioneiras, que trata a água na perspectiva da ecopedagogia é o projeto “Água como Matriz Ecopedagógica”, desenvolvido por Catalão (2006). O estudo é uma referência na metodologia da pesquisa-ação como espaço de intervenção e formação neste contexto.

Em recente publicação, a pesquisa “*A água como formadora do sujeito ecológico na escola*” desenvolvida por Filho (2018) trata de uma experiência ecopedagógica realizada em uma escola pública de Sobradinho - Distrito Federal, situada nas proximidades do Ribeirão de Sobradinho. A pesquisa apresentou uma abordagem transdisciplinar da água, e buscou contribuir para a implantação de espaços educadores sustentáveis, priorizando as ações de conscientização para o uso sustentável da água.

Outra pesquisa de grande relevância para o presente estudo é “*Navegando nas Águas da Ecologia Humana e do Feminino Profundo*” realizada por Barbosa (2014), que investigou a relação entre a ecologia humana, o feminino profundo e a água. A pesquisa buscou esclarecer sobre como a subjugação do feminino profundo se relaciona à crise ambiental e à exploração predatória da água. Como pesquisa-ação, o estudo propôs um mergulho na dimensão simbólica da água para provocar uma transformação na relação de pertencimento com a natureza e sensibilização para o resgate do feminino.

Com o mesmo tema, relacionado à água, o estudo “*As águas que nos nutrem, conectam e ensinam: uma pesquisa-ação no Parque Olhos D’água, Brasília-DF*” (SAMPAIO, 2015), buscou contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas ambientais, utilizando a água como elemento pedagógico.

CAPÍTULO 3: É AGUA QUE CORRE PRO RIO, É RIO QUE CORRE PRO MAR

“Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, p. 10)

3.1 Sobre a Metodologia de pesquisa e o Percorso vivencial

Com foco nas dimensões poéticas e simbólicas da água, buscamos investigar formas pedagógicas que privilegiassem a liberdade imaginativa, o cuidado de si, o reconhecimento

do outro e a amorosidade, visando uma relação ecológica de cooperação, cuidado e confiança. Ao buscar a reeducação pessoal e partilhada do olhar, da sensibilidade, da imaginação e da inteligência, no processo de ensino-aprendizagem, os saberes curriculares das áreas de Arte e Educação Ambiental foram utilizados, a fim de refletir as vocações pedagógicas desses dois campos de conhecimento.

Promover a sensibilização de indivíduos e grupos para o desenvolvimento de um despertar de consciência torna-se evidente nas expressivas pesquisas que utilizam a água como metáfora e simbologia com objetivo de despertar atitudes e comportamentos ecológicos, a exemplo das pesquisas desenvolvidas por Catalão e Rodrigues (2006), nas quais a metodologia da pesquisa-ação foi utilizada como referência.

Sob essa inspiração, a presente pesquisa foi desenvolvida conforme os pressupostos da pesquisa-ação existencial, proposta por Barbier (2004), sendo fundamentada nos conceitos de sujeito-pesquisador e escuta sensível. Esta abordagem dialoga com os objetivos da metodologia, pois busca a transformação da realidade e a produção de conhecimento. Além disso, como afirmam Catalão & Rodrigues (2006) a pesquisa-ação existencial considera o papel da subjetividade na construção do conhecimento, em que sujeito e objeto compartilham do processo de maneira dialógica, buscando a transformação de ambos ao mesmo tempo em que se conhece a realidade. Esse conceito de abordagem considera a inseparabilidade entre observador e fato observado, buscando compreender a articulação entre teoria e prática através da construção de um conhecimento produzido coletivamente. Nessa direção, Catalão & Rodrigues (2006) apontam que:

O reconhecimento da implicação dos participantes no fenômeno estudado permite uma aproximação maior da realidade vivenciada pelo grupo em foco. A pesquisa reconhece e enfrenta suas áreas de sombra, torna-se mais contextualizada, mais concerta para analisar com mais rigor e tolerância seus próprios limites. (CATALÃO & RODRIGUES, 2006, p. 24)

Demo relata sobre a relação existente entre o pesquisador e o pesquisado, apontando que:

A dialética procura captar os fenômenos históricos, caracterizados pelo constante devir. Privilegia, pois, o lado conflituoso da realidade social. Assim, o relacionamento entre o pesquisador e pesquisado não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo, mas ambos "acabam se identificando, sobretudo quando

os objetos são sujeitos sociais também, o que permite desfazer a ideia de objeto que caberia somente em ciências naturais" (DEMO, 2004, p. 115).

Conforme Barbier (2004), estas noções incentivam o pesquisador a ter uma relação de envolvimento com os sujeitos, aceitando que as dimensões pessoal, social e mítica de todos os atores da pesquisa estejam presentes, interfiram e tenham relevância. Dessa maneira, o pesquisador funde-se com o coletivo, fortalecendo o sentido do pensar junto e reconhecendo seu lugar no contexto coletivo. Sendo assim, a afetividade é um elemento de grande valor no processo, pois contribui para o fortalecimento de vínculo e engajamento pessoal e coletivo dos pesquisadores, favorecendo assim o aprofundamento das questões que envolvem a pesquisa. Para tanto, é essencial que a reflexão sobre a ação seja permanente afim de aprender e conhecer enquanto o processo de transformação acontece e transformando enquanto se conhece a realidade. Esse tipo de pesquisa rompe com a dicotomia sujeito/objeto, pois considera que o pesquisador no ato de observar já está intervindo.

Sendo assim, trazemos como metodologia de análise da pesquisa a descrição e reflexão do percurso vivencial experienciado através dos encontros com os estudantes. As vivências tiveram como propósito a construção de conhecimento, instrumentalizados por uma construção metodológica transdisciplinar, inspirada no pensamento complexo de Morin (2007). Consideramos, desse modo, a interioridade e diversidade humana, compreendendo a natureza como mestra, em seus desdobramentos sensível, poético e simbólico. Para Morin, a complexidade supera a visão do reducionismo e da simplificação do pensamento, compreendendo que as partes se integram ao todo, buscando assim a completude, entretanto, o autor assume que “a consciência da complexidade nos faz compreender que jamais poderemos escapar da incerteza e que jamais poderemos ter um saber total: a totalidade é a não verdade” (2007, p. 69).

Por meio do sentir estético e fazer artístico, objetivamos a promoção de uma transformação do pensar, do sentir e do agir através da afetividade e amorosidade, sensibilizando para uma educação ecológica, permeada de sentidos, comprometida e responsável, contribuindo para um despertar da cidadania planetária. Educar para a integralidade do ser é buscar restabelecer o fio que une o humano à natureza, conectando a subjetividade e a objetividade, expandindo a percepção humana em relação ao universo sensível e suas maneiras de estar e pertencer ao mundo, suscitando interações mais harmônicas entre ecologia, educação e cultura.

O diário itinerante proposto por Barbier (2004) foi utilizado pelos estudantes e pelos professores participantes da pesquisa. Este instrumento de investigação emprega a tríplice escuta/palavra, clínica, filosófica e poética, da abordagem transversal. Assim, os estudantes pesquisadores e a pesquisadora, proponente do estudo, registraram sentimentos pessoais, sobre aquilo que durante e após as atividades pensaram, meditaram e poetizaram, a partir das experiências vividas. Segundo Barbier, este diário “retrata a itinerância de um sujeito, grupo ou comunidade, mais do que uma “trajetória” muito bem balizada” (2004, p.133).

Para Barbier a “itinerância representa um percurso estrutural de uma existência concreta tal qual se manifesta pouco a pouco, e de maneira inacabada, no emaranhado dos diversos itinerários percorridos por uma pessoa ou por um grupo” (2004, p. 134). No diário itinerante registram-se pensamentos, sentimentos, desejos, sonhos. Nesse sentido, este instrumento dialoga com os propósitos da pesquisa aqui apresentada, pois chama a atenção para os aspectos da subjetividade e da afetividade e suas reações em relação ao mundo circundante. Outra característica relevante do diário de itinerância é a sua abertura para a autobiografia, o que possibilitou aos pesquisadores participantes resgatar fatos já passados, como lembranças da infância e acontecimentos marcantes, que puderam ser utilizados como conteúdo para compreensão de experiências atuais.

Além do diário de itinerância como instrumento de pesquisa, foram realizados registros fotográficos durante o percurso a fim de promover uma memória do trajeto percorrido, nutrindo a atitude reflexiva sobre os desdobramentos da pesquisa. Na fase de realização das vivências, foram priorizados meios que estimulassem o imaginário criativo dos estudantes, buscando uma prática que promovesse a poesia e que encantasse o olhar, favorecendo um aprendizado sensível e um enraizamento da ecologia humana e da consciência ambiental.

3.2 Participantes

A pesquisa foi realizada em um Centro de Ensino Fundamental localizado na cidade do Paranoá, no Distrito Federal. Participaram da pesquisa 20 estudantes, dos gêneros masculino e feminino, cursando o 8º ano do Ensino Fundamental. Do total de participantes, 12 estudantes são do sexo feminino (60%) e 8 estudantes são do sexo masculino (40%). As vivências foram realizadas por meio da plataforma virtual Google Sala de Aula em respeito às normas de segurança para o combate à pandemia COVID-19. Importante ressaltar que a

presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (número do protocolo de aprovação: CAAE 39858720.3.0000.5540).

O desafio de ter que realizar os encontros em formato virtual provocou uma reflexão mais aprofundada sobre a criação de um espaço/tempo favorável à comunicação e discussão dos participantes, a fim de que proporcionasse um ambiente de aprendizado significativo. Embora tivéssemos que lidar com a limitação do distanciamento físico e do olho no olho, buscamos criar um espaço favorável para o despertar da percepção e a construção de saberes, incentivando a fala e a escuta de todos por meio do diálogo, do respeito e do fortalecimento do coletivo. Nesse fluxo, nos apoiamos aos fundamentos de Paulo Freire e sua metodologia de círculo de cultura, no qual todos aprendem e ensinam por meio da troca de experiências, histórias de vida e bases culturais.

3.3 Instrumentos de pesquisa

Foram realizadas entrevistas em grupo ao início e ao fim do percurso vivencial que tiveram como objetivo verificar a percepção que os participantes tinham de si mesmos e sua relação com a água e a natureza. Ao longo do processo de estudo de campo, foram conduzidas práticas de meditação, respiração, corporeidade, musicalidade, artes visuais e cultura afro-brasileira e indígena, incentivando as expressões individuais, com o propósito de ampliar o campo perceptivo dos sujeitos e estimular o acesso à subjetividade. As vivências foram fundamentadas na transversalidade, complexidade e transdisciplinaridade, e buscaram inspirar nos participantes, a capacidade de reflexão e análise sobre o processo em que estiveram imersos. Desse modo, foram conduzidas dinâmicas, rodas de conversa, produções expressivas artísticas e textuais e estímulo à utilização de um diário íntimo, a fim de despertar para o reconhecimento da natureza em seu próprio ser e ainda avaliar a sua evolução no percurso das vivências.

Conforme Nicolescu (2001) a transdisciplinariedade é definida como uma transgressão das fronteiras entre as disciplinas, buscando romper com a lógica de separação e limite inerentes à pesquisa disciplinar que induz à fragmentação do conhecimento. Sendo assim, a transdisciplinaridade ultrapassa as noções de pluri e interdisciplinaridade, pois situa-se entre e além das disciplinas, considerando os vários níveis de realidade (multidimensionalidade) e agregando a lógica do terceiro incluído e da complexidade como alicerces para a construção do conhecimento. Importante destacar que a investigação da lógica do terceiro incluído surge

da necessidade de compreensão de uma unidade de ligação entre os diversos níveis de realidade, bem como a passagem de um nível a outro.

Desse modo, o objeto transdisciplinar é constituído pelo conjunto dos níveis de realidade e de sua zona complementar de não-resistência. Assim, a transdisciplinaridade considera, como elementos de uma mesma realidade, a pluralidade complexa e a unidade aberta, sendo envolvida por um princípio de relatividade que é composta por vários níveis de percepção, o que dá lugar a um sujeito transdisciplinar. Assim, para que haja uma real comunicação entre sujeito e objeto, as zonas de não-resistência devem ser idênticas, possibilitando um fluxo de informação nos níveis de realidade correspondente a um fluxo de consciência nos níveis de percepção.

3.4 Procedimentos

As atividades foram realizadas por meio de oficinas ecopedagógicas, que objetivaram o despertar da sensibilidade do ser poético e do fazer artístico, visando a construção do conhecimento integral sob um olhar multifacetado e multidimensional, despertando para o universo de símbolos, mitos e metáforas que a água carrega. As percepções sensível e estética foram incentivadas através de uma prática contínua de escuta ativa e reflexiva, buscando o fortalecimento da amorosidade e sensibilidade do estudante quanto ao cuidado com as naturezas pessoal, coletiva e planetária, inspirando-o ao reconhecimento de sua inseparabilidade com a natureza.

As oficinas vivenciais tiveram em sua estrutura dois momentos: um inicial e outro final, sendo esta última destinada à avaliação do processo vivenciado. Cada encontro teve a duração entre 2 a 3 horas e foram realizados durante o horário das aulas de Projeto Diversificado das aulas de Língua Portuguesa e Artes. O planejamento para a vivência foi estruturado em 12 encontros que aconteceram às sextas-feiras no período matutino. Ao longo do processo, foram realizadas atividades de expressão e reflexão, tais como: desenho, pintura, escultura, meditação, corporeidade, aula expositiva, prática de plantio e alimentação consciente, momentos contemplativos e círculo de conversas.

As reflexões sobre o caminho percorrido durante os encontros aconteceram durante todo o processo das vivências, sendo que as questões que emergiram foram aprofundadas, proporcionando uma revisão contínua do roteiro de vivências. Buscamos observar a relação entre os aspectos afetivos, imaginários e cognitivos sobre a percepção dos participantes em

relação às práticas realizadas e, desse modo, a avaliação sobre a participação e os caminhos que se formavam durante o trajeto da pesquisa de campo apontavam a direção a ser seguida.

A partir das dinâmicas de diálogos e trocas constantes entre o grupo, buscamos compreender com maior profundidade a realidade dos participantes e assim, dialogar com suas características através de uma linguagem acessível e coerente, proporcionando uma comunicação mais próxima e aberta. Além disso, o estímulo à fala ativa dos participantes foi exercitado constantemente por meio da abertura para a escuta, estabelecendo aos poucos um espaço de vínculo e construção da identidade do grupo.

A pesquisa de campo foi realizada no segundo semestre do ano letivo de 2020 em um contexto desafiador de pandemia, sendo necessário então a implementação do ensino remoto. Ao todo foram realizados 12 encontros síncronos por meio da plataforma virtual Google Sala de Aula. Esse formato de interação trouxe reflexões, pois em princípio, o roteiro das vivências havia sido pensado de forma a favorecer o contato físico, o olho no olho e o vínculo entre os pesquisadores, com objetivo de despertar a confiança e afetividade no grupo.

Entretanto, mesmo diante do desafio de não termos a presença física, fomos surpreendidos pelo envolvimento e entrega dos estudantes; cenário esse que não era o esperado pelos professores, pois conforme a perspectiva inicial sobre a interação dos estudantes nas aulas virtuais, a participação deles seria o maior desafio para o desenvolvimento da pesquisa. Podemos afirmar que superamos às expectativas, pois eles não só frequentaram os encontros, como protagonizaram papéis de extrema relevância para a semeadura dos aprendizados que apresentaremos aqui.

3.5 Caminho das águas: relato e reflexões sobre o percurso vivencial das oficinas

O primeiro encontro foi de apresentação da proposta de pesquisa aos participantes, com o roteiro e o cronograma das vivências. Nosso grupo foi formado por 7 professores e 20 estudantes. Iniciamos o primeiro encontro com a apresentação da pesquisa, compreendendo a água em diversos contextos (físicos, simbólicos, poéticos e metafóricos). Foi apresentada uma narrativa que reuniu todas essas dimensões da água, ilustrada por imagens fotográficas. A água foi compreendida como elemento que gera, desperta e nutre a vida. Uma imagem do ciclo de germinação e crescimento de uma semente na terra recebendo a água da chuva foi apresentada como forma de sensibilização e compreensão. Através da metáfora das chuvas, refletimos sobre a dimensão sagrada da água, como elemento de ligação entre céu e terra e

ainda, a sua utilização em rituais religiosos como os batismos. Nesse aspecto, refletimos sobre a importância de considerar a pluralidade das manifestações religiosas, sendo este um ponto de vital relevância para o diálogo respeitoso em relação à diversidade espiritual e cultural.

A narrativa foi composta ainda de imagens sensíveis que transmitiram a dimensão poética da água, como uma fotografia de crianças brincando em um rio; cena essa que inspirou a chegada das imagens poéticas de Bachelard (1989), aprofundando assim nos aspectos simbólicos da imaginação material da água e suas representações metafóricas, como as águas risonhas, as águas claras e cristalinas que formam o espelho d'água que reflete o céu. No curso desse rio, passamos para a compreensão das analogias entre as águas que compõem o planeta e as águas que compõem o corpo humano. Refletimos sobre a similaridade da porcentagem de água nos dois organismos, a relação entre rios e artérias, a metáfora da água como o leite da terra. Dentre outros caminhos que faz as águas, fizemos uma reflexão sobre a natureza rítmica e fluida da água, a sua natureza de formas redondas, circulares e esféricas, e seu comportamento de movimento contínuo e maleável. Ao fim do percurso narrativo, estabelecemos uma analogia entre o aspecto simbólico comportamental das águas e a educação (Imagem 3), ambas nutrem e acolhem. Em seguida, foi apresentada a proposta de pesquisa, seus objetivos e o cronograma de vivências (Imagem 4). Ao fim, abrimos espaço para a livre troca de ideias em relação ao conteúdo apresentado aos estudantes, que puderam compartilhar suas reflexões e percepções sobre o universo sensível das águas e esclarecer dúvidas quanto à participação no projeto. Foi esclarecido que a participação na pesquisa era livre e para tal seria necessária a autorização dos responsáveis, visto que os estudantes eram menores de 18 anos.

Imagem 3: Slide “Água e Educação”



Fonte: Kenya Ricarte

Imagem 4: Slide “Cronograma de Vivências”

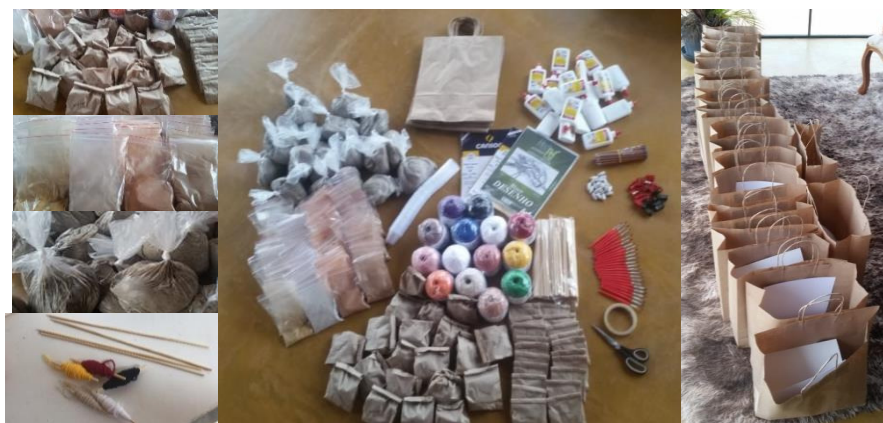


Fonte: Kenya Ricarte

O segundo momento da pesquisa consistiu em fazer um levantamento dos estudantes que iriam participar da pesquisa. Todos os 20 estudantes que participaram do encontro de apresentação inicial da pesquisa demonstraram interesse. Com esse dado, organizei os materiais que seriam utilizados pelo grupo nos encontros. A escolha de materiais para as práticas priorizou os elementos orgânicos, e as embalagens disponibilizadas/indicadas foram de papel ou de plástico reutilizável. Decidi realizar duas entregas de materiais, pois as últimas vivências foram de plantio, e para garantir o cuidado e sobrevivência das mudas, optei por fazer outra entrega em data próxima às últimas vivências.

Na primeira entrega cada kit continha os seguintes materiais: 1 kg de argila para confecção de cerâmica, 1 saquinho de papel com frutos de urucum, 4 pequenos novelos de lã de cores variadas, 4 palitos de madeira (para algodão-doce), 4 saquinhos de zíper com pigmentos minerais do solo do Cerrado nas cores ocre, branco, marrom claro e róseo, 1 pincel para pintura de ponta macia, um lápis com borracha, 3 papéis tamanho A4 de gramatura 220g, 1 tubo de cola branca, 4 copinhos descartáveis pequenos (para café). Ver imagem abaixo:

Imagem 5: Material para a composição dos Kits



Fonte: Kenya Ricarte

Na segunda entrega, os kits (Imagem 6) foram compostos pelos seguintes materiais: 1 bacia de plástico, 1 saquinho de papel contendo sementes de girassol, 1 saquinho de papel contendo carvão vegetal, 1 saquinho de papel contendo pedrinhas brancas pequenas, 1 saquinho de papel contendo pedras de rio, 1 saquinho de papel contendo areia fina, 1 saquinho de muda de pitanga ou amora, 2 mudinhas de alface, 2 mudinhas de couve, 2 mudinhas de beterraba, 1 saco plástico com zíper contendo substrato para plantas, mudinhas de fitôneas de espécies variadas.

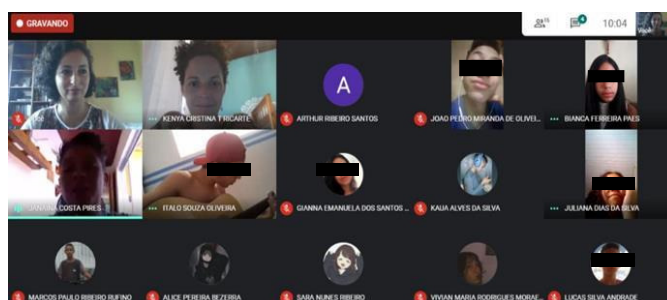
Imagem 6: 2º kit de materiais



Fonte: Kenya Ricarte

Após a entrega dos materiais, tivemos o primeiro encontro do ciclo de vivências que consistiu em uma oficina com a professora Flavia Ervilha Lucci, arte terapeuta junguiana e professora de língua portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Flávia realiza pesquisa sobre escrita imaginativa como instrumento de acesso à subjetividade e ferramenta de autoconhecimento, podendo ser assim utilizada como um meio de inspiração para processos criativos e terapêuticos. Optamos por trabalhar esse conhecimento logo no início do ciclo de vivências para que os estudantes refletissem sobre a fluidez e liberdade nas diversas formas de expressão, utilizando o diário de uma forma criativa para o registro e mergulhos íntimos. Abaixo trazemos um registro do encontro (Imagem 7). Ao falarmos da importância da arte nos processos criativos, um estudante inspira o grupo ao mostrar o seu processo de aprendizado na música ao tocar violão.

Imagem 7: Vivência sobre escrita imaginativa



Fonte: Kenya Ricarte

O encontro seguinte, chamado “Flecha no Tempo”, expressão inspirada na obra de SIMAS & RUFINO (2019), que defende a atitude cabocla e a ciência do encanto como estratégia para manutenção da vida, pois conforme os autores “ o contrário da morte não é a vida, mas o desencanto” (2019, p. 05). O estudo dessa obra foi fortalecedor para que nesse encontro pudéssemos refletir sobre os povos originários de forma justa e honesta, ou seja, para além dos discursos homogêneos e estereotipados, tão difundidos nos livros de história e na mídia.

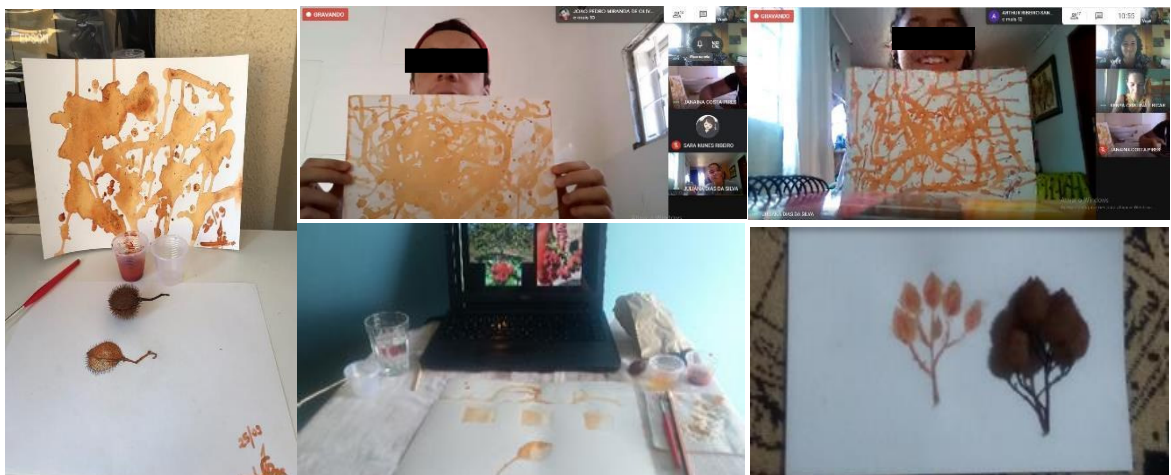
Compreender que o sentir e o pensar não são deslocados, e que o ser é um todo com seu meio, seu tempo e sua palavra é o princípio para refletir sobre a ciência da caboclaria. Sendo assim, a palavra é a flecha no tempo que deve ser lançada “nos quatro cantos dessa casa chamada existência”. (2019, p. 13). Assim, como aponta (SIMAS & RUFINO, 2019) “Cada flecha atirada emana um poder de transformação e de mobilidade do tempo. São quatro setas disparadas em um único tiro: *Educação, Cura, Cotidianos e Criança*” (2019, p. 13).

Nesse contexto, a educação é um importante instrumento de encantamento dos seres, potência de transformação, e “elemento fundamental para proposição de um projeto de bem viver, de caminho pleno, suave e potente, contrário às empresas de desencante”. (2019, p. 13). Apoiada nesses princípios e intencionando proporcionar um encontro em que pudéssemos quebrar algumas correntes que aprisionam o corpo e o pensamento ao privilegiar apenas epistemologias eurocentradas, apresentamos imagens no *PowerPoint* construindo uma narrativa que buscou refletir sobre a resistência e r-existência dos povos indígenas brasileiros, enfatizando a luta contra a colonização de seus corpos e territórios. Falamos sobre a história não-contada do Brasil e o processo de colonização do país, que imprimiu profundas marcas em seu território e seu povo. Nesse momento de apresentação de ideias, foram exibidas fotografias de algumas etnias indígenas brasileiras e compreendida as principais características de cada povo. Em seguida, refletimos sobre o lugar do indígena na contemporaneidade, reforçando a compreensão de que eles ocupam diferentes espaços e assim, trazendo à discussão que o fato deles estarem na sociedade não configura uma perda da identidade indígena, desmistificando a imatura concepção de que para serem considerados “indígenas de verdade” precisam habitar em aldeias e estarem alheios às tecnologias, ideia essa implantada no senso comum. Ao esclarecer esse ponto, apresentamos algumas personalidades indígenas públicas que desempenham importantes papéis na sociedade.

Por fim, denunciamos a principal luta enfrentada pelos indígenas, que é a demarcação de suas terras. Após essa apresentação, fomos para um momento sensível e meditativo sobre a árvore e seu símbolo de ancestralidade, apresentando a árvore de Urucum. Falamos dos variados usos do fruto, como na culinária, no corpo e na produção de tinta, e também sobre a importância da produção de uma tinta artesanal composta por matéria-prima orgânica e não poluente das águas. Assim, passamos para o processo de produção da tinta de urucum, seguida por um momento de criação artística.

Para a produção da tinta aquarela, primeiramente, convidamos os estudantes à observarem o fruto de urucum, percebendo sua forma, cor e textura (Imagem 8). Em seguida, eles abriram os frutos, extraíram suas sementes e as separaram no copinho (de café). Feito isso, acrescentamos, aos poucos, algumas gotas de água para diluir o pigmento contido nas sementes. Com o auxílio do cabo do pincel, mexemos a solução até extrair ao máximo o pigmento, produzindo a tinta artesanal de urucum. Com a tinta pronta, apresentamos três técnicas de pintura aquarela aos estudantes (molhado no seco, molhado no molhado e degradê). Após demonstrar as técnicas e sugerir a existência de muitas outras formas de criação de pintura em aquarela, experimentamos dois tipos de pintura: uma espontânea e intuitiva e outra de ilustração do fruto de urucum. Utilizamos uma música instrumental para a experimentação de pintura espontânea e depois outras músicas de compositores indígenas para inspirar o processo de criação artística.

Imagem 08: Pintura espontânea e ilustração com tinta de urucum



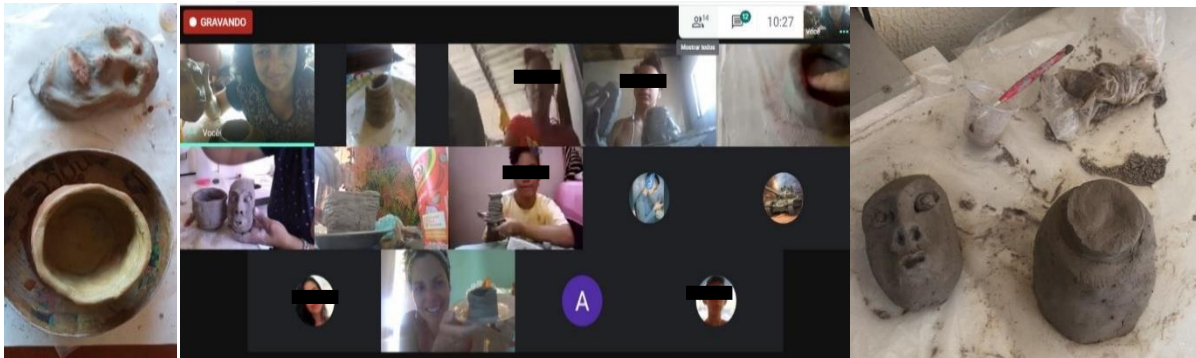
Fonte: Kenya Ricarte

Após essa experiência em que pudemos refletir sobre narrativas decoloniais por meio da resistência da caboclaría brasileira, mergulhamos na cosmovisão dos povos africanos e suas influências na formação da cultura e identidade brasileira. Após o momento inicial de organização do corpo, com exercícios de alongamento e relaxamento seguido de respiração e meditação, iniciamos o encontro com um momento cultural em que toquei berimbau e cantei duas cantigas da Capoeira. Em seguida, apresentei uma breve história ilustrada com imagens sobre a presença africana na construção do Brasil, trazendo o contexto da escravidão e suas consequências para o cenário de discriminação racial e desigualdade social enfrentado no país até a atualidade. Esse assunto instigou uma importante reflexão sobre o racismo, que foi discutido entre os estudantes. Abrimos o diálogo para a livre expressão, por tratar de um assunto de extrema relevância e que deve ser problematizado e discutido nos diversos setores e espaços da sociedade. Houve um envolvimento profundo de uma estudante que relatou situações em que sofreu racismo por ter o cabelo crespo e por sua mãe ser negra. Através de seu relato, discutimos sobre as consequências do racismo para a saúde mental e emocional das pessoas que o sofrem. Em seguida, apresentei imagens que representam a contribuição dos saberes de origem africana para a formação da cultura afro-brasileira e a importância de reconhecer esse legado. Em seguida, iniciamos o segundo momento do encontro com a contação de um mito, que nomeei de “Mito do Barro” que fala sobre um Itan do orixá Nanã.

Através dessa mitologia, adentramos às terras da ancestralidade e memória dos participantes, escavando as histórias das famílias e seus antepassados. Como Nanã representa a anciã, solicitamos aos estudantes que lembrassem de suas avós e das histórias que elas carregavam. A partir dessas memórias, iniciamos o trabalho com o barro (a argila). Os participantes foram convidados a sentir a textura, a temperatura, a forma, e assim, refletir sobre as sensações que o material lhes causavam.

Após esse momento, iniciamos o trabalho de composição de peças com a argila. Propomos a criação de duas obras. A primeira experiência consistiu na construção de um vaso guardador de memórias, que foi construído a partir do ensino de duas técnicas de artesanato com argila. A segunda peça artística criada foi o rosto das avós (Imagem 09). Nesse momento, foi sugerida a concentração plena nas memórias dessas matriarcas, em seus fazeres, ofícios, qualidades e histórias de vida, buscando imprimir esses registros na obra em formação.

Imagem 09: Encontro Ancestralidade Africana e esculturas de argila



Fonte: Kenya Ricarte

O encontro “Água e emoções” foi iniciado com um momento de meditação com respiração alternando as duas narinas (essa respiração promove a purificação dos elementos do corpo sutil) seguida de uma atividade corporal de movimentação circular do corpo. Após esse momento, apresentei algumas fotografias construindo uma narrativa metafórica sobre a poluição das águas internas (emoções) que são provocadas por sentimentos diversos como raiva, tristeza, frustração, decepção, dentre outros.

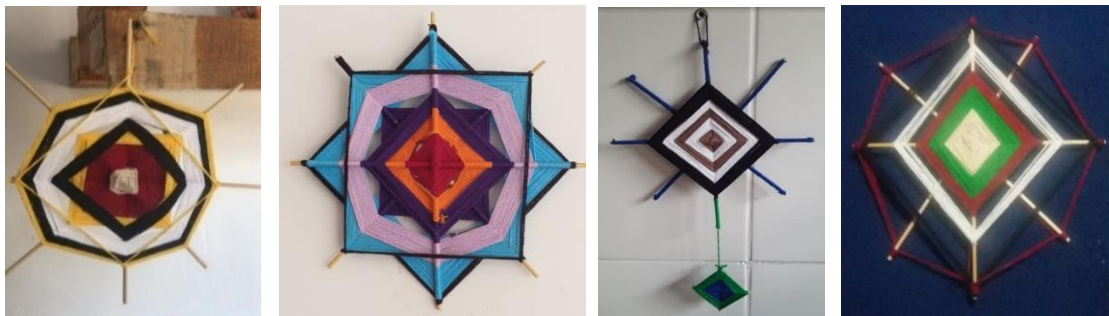
Em contraposição à essa poluição foram mostradas fotografias de águas límpidas e transparentes, que refletiam o brilho do céu, fazendo analogia à fluidez e à saúde das nossas emoções através de sentimentos positivos como satisfação, alegria, paz, bem-estar. Após esse momento reflexivo, apresentamos o conceito de “Mandala” e seus efeitos como instrumento curativo e organizador dos pensamentos e emoções. Mergulhamos na beleza das fotografias de mandalas encontradas na natureza e também em imagens de mandalas criadas em diferentes culturas e diversos tipos de material. Conforme Dibo (2006, p. 67, *apud* Green 2005, p. 7) a palavra mandala provém do sânscrito e quer dizer círculo, sendo que *manda* se traduz como essência e *la* refere-se à conteúdo. Desse modo, o significado de mandala relaciona-se à “círculo/conteúdo da essência”. Em pesquisa sobre o seu simbolismo nas tradições culturais orientais, budistas-tibetanas e hinduístas, e sua utilização em rituais e como prática de meditação, Jung (2002) passa a utilizar a mandala como recurso psicoterapêutico, relacionando seu conceito às representações simbólicas da totalidade da psique. Dibo (2006) aponta que:

“As mandalas podem ser empregadas como instrumento de concentração e como um meio para unir a consciência individual com o centro da personalidade. Elas também podem funcionar como proteção para indivíduos que estão fragmentados,

em que a ordem rigorosa da imagem circular compensa a desordem e a perturbação do estado psíquico” (DIBO, 2006, p. 72)

Após compreender o conceito de mandala e seu uso como recurso terapêutico, iniciamos a segunda parte do nosso encontro com uma produção de mandala de linhas. Para esse momento, contamos com a participação da artista, artesã e arte-educadora Juliana Castro, que conduziu de forma muito amorosa e cuidadosa a oficina. Foi um momento muito especial, pois percebemos o mergulho dos estudantes e o interesse em aprender, assim como uma profunda concentração no fazer, ao assumirem uma atitude de escuta, silêncio e quietude (Imagem 10).

Imagem 10: Mandalas dos estudantes



Fonte: Kenya Ricarte

Na vivência “Vórtices da natureza” estudamos, através de imagens exibidas em *PowerPoint*, o fenômeno dos vórtices encontrados na natureza e no universo, e depois relacionamos esse conhecimento aos centros energéticos que se formam no corpo humano. Esses centros de energia podem ser chamados também de chakras, que quer dizer “círculo” em sânscrito. Eles se localizam em pontos específicos do corpo, sendo que cada grande centro de energia está associado à grande plexo nervoso e uma glândula nervosa.

Além da cultura hindu, a medicina chinesa utiliza esse conhecimento em tratamentos de cura através da acupuntura - técnica milenar chinesa que consiste na aplicação de finas agulhas em pontos específicos do corpo para auxiliar no tratamento de doenças. Importante salientar que atualmente existe uma quantidade expressiva de estudos que comprovam a eficácia da ciência oriental, incluindo assim o estudo sobre os chakras. Gerber (2007) aponta que:

Do ponto de vista fisiológico, os chakras parecem estar envolvidos com o fluxo de energias superiores para as estruturas celulares do corpo físico através de canais específicos de energia sutil. De certa forma, eles parecem atuar como

transformadores de energia, reduzindo sua forma e frequência para adequá-las ao nível de energia imediatamente inferior. A energia, por sua vez, é traduzida em alterações hormonais fisiológicas e, finalmente, celulares por todo o corpo. Parece haver pelo menos sete grandes chakras associados ao corpo físico. (GERBER, 2007, p. 104)

Nesse sentido, o objetivo desse encontro foi fazer um estudo poético sobre o micro e o macrocosmo, relacionando as formas, os fluxos e os ritmos existentes entre as naturezas planetária/cósmica e a humana. Para isso, apresentamos os diversos tipos de vórtices formados por massas de ar, água, poeira, constelações, e compreendemos a forma do espiral através do estudo da proporção áurea e sequência de Fibonacci, relacionando ainda essas teorias a obras de arte do período renascentista. Em seguida, refletimos a relação dos espirais encontrados nos padrões existentes na geometria da natureza (plantas, flores, animais, conchas, onda do oceano, galáxias) com as formas do organismo humano (feto, rede neural de células nervosas, orelha, olho, digital dos dedos).

Após esse estudo, nos encantamos com a beleza da vida ao assistir a um vídeo em *time-lapse* mostrando a formação de espirais nas flores que se abrem. Seguimos apresentando flores de lótus de diferentes cores, trazendo o significado dessa flor que é sagrada em diversas culturas (egípcia, hindu, budista). A flor de lótus é um tipo de lírio d'água que cresce em meio à lama e ao lodo de lagoas e lagos, simbolizando, nas diferentes culturas, a evolução espiritual e o valor da beleza interior. Seu maior simbolismo está em sua capacidade de vencer a escuridão e florescer em beleza e pureza. Por meio dessa sensibilização, partimos para a compreensão dos vórtices energéticos dos principais pontos vitais do corpo humano. Estudamos os sete chakras básicos e suas simbologias, como a localização destes no corpo, a cor relacionada à sua frequência, os elementos que os regem e por fim, os sentimentos relacionados aos chakras e as atitudes necessárias para harmonizá-los, contribuindo para o autoconhecimento e a evolução física, psíquica e espiritual. Assim, conduzi uma meditação para harmonização dos chakras, fechando esse encontro.

No encontro “Água e Poesia” vivenciamos o sentir, o olhar, o pensar e o comunicar poético. Iniciamos o encontro cuidando do corpo, organizando-o, ao alongar a coluna, os membros e lubrificando as articulações. Em seguida, fizemos uma respiração polarizada, em que alternamos a respiração das narinas esquerda e direita, induzindo a um estado de equilíbrio e relaxamento. Após essa preparação, realizamos uma meditação guiada ampliando a

percepção do corpo através dos sentidos, exercitando a imaginação por meio de imagens poéticas.

Assim, fomos para o momento de reflexão sobre o conceito de poesia. Apresentamos algumas poesias fotográficas e em seguida, falamos sobre o surgimento da poesia na humanidade. Assim, apresentamos o conceito de poesia e a origem etimológica da palavra. De acordo com o dicionário Aurélio, poesia é:

Arte de compor através de versos; modo de expressão artística caracterizada pelo uso de regras, de sons ou de estruturas sintáticas específicas.

[Literatura] Poema; a obra artística em verso, pela linha de um texto poético que respeita regras rítmicas.

[Literatura] A arte do poeta; o conjunto artístico e poético de um grupo, de uma época: a poesia moderna.

[Figurado] Característica do que se define pela beleza e pela sensibilidade: havia poesia em seus atos.

[Por Extensão] Natureza do que é inspirador e comovente: a poesia do carinho fraternal. (AURÉLIO, 2021)

Após apresentar os conceitos, estudamos a estrutura do texto poético, trazendo a metáfora das águas que manifestam ritmo e fluxo e apresentando os elementos centrais que compõem a criação de uma poesia; como os versos, estrofes e rimas. Para aprofundar o estudo, apresentei alguns poetas e suas obras e em seguida, recitei uma poesia de minha autoria para inspirá-los a criar seus próprios textos. Fizemos uma dinâmica em que apresentei palavras relacionadas às águas em diversos sentidos, e com isso sugeri que criassem um texto poético explorando essa forma de escrita emotiva e intuitiva, lembrando a característica rítmica e fluída das águas na condução do texto. Após criadas as poesias, continuamos a experiência poética por meio de uma composição com elementos secos do Cerrado (Imagem 11). Selecionei duas poesias criadas por estudantes para apreciação:

Na floresta quando paramos para contemplar
Sentimos que nossa alma agradece tamanha leveza
De modo que nosso corpo e alma ficam em total sintonia
A ponto de suportarmos e entender
Até o que não pode ser entendido. (L. 8º ano, 2021)

Acontecimentos sem fim

Quando chove, o nosso sentimento se move

Filmes dramáticos parecem ser fantásticos

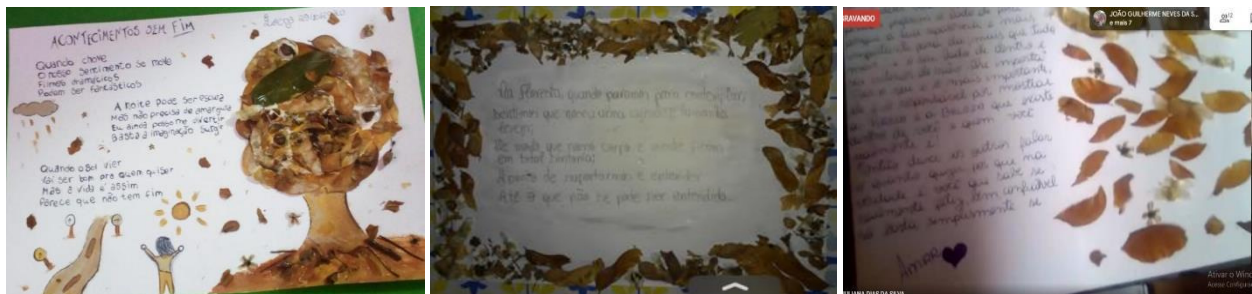
A noite pode ser escura, mas não precisa de amargura

Eu ainda posso me divertir, basta a imaginação surgir

Quando o Sol vier, vai ser bom pra quem quiser

Mas a vida é assim, parece que não tem fim. (J. 8º ano, 2021)

Imagem 11: Composições poéticas dos estudantes



Fonte: Kenya Ricarte

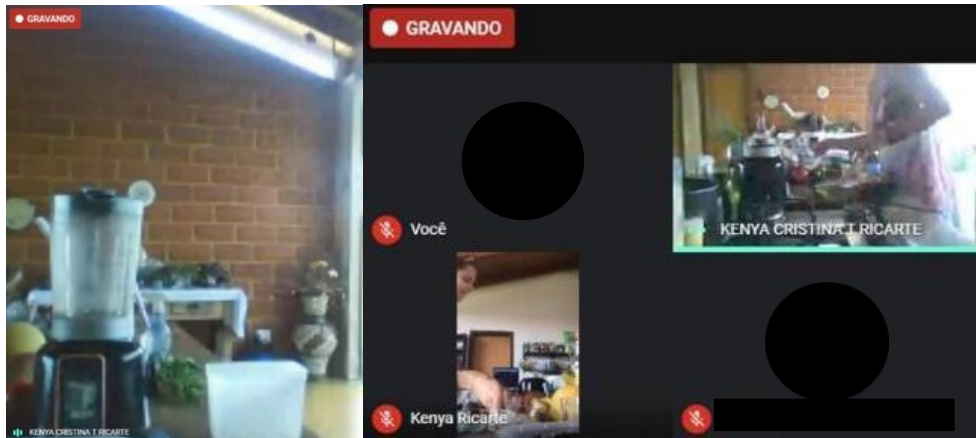
“Que seu alimento seja seu remédio, que seu remédio seja seu alimento”

Hipócrates.

No encontro “Minhas águas, nossas águas” refletimos sobre os hábitos alimentares humanos e a sua relação com a saúde e o equilíbrio do planeta, e ainda, como estes influenciam diretamente na qualidade das águas; as nossas e a do planeta. O modo de produção agrícola e o consumo alimentar humano atual refletem uma relação predatória com a natureza levando ao empobrecimento do solo, à poluição e escassez da água e do ar, à extinção de espécies microscópicas e macroscópicas, ao desenvolvimento de doenças humanas e animais, às alterações climáticas e ainda, gerando guerras, fome e miséria. Neste encontro, além de refletirmos sobre a forma convencional de cultivo de alimentos no Brasil, discutimos sobre o consumo cada vez mais crescente de alimentos ultraprocessados e industrializados, que impactam profundamente o organismo, poluindo nossas águas e desencadeando o surgimento de várias doenças, dentre elas as cardiovasculares, a obesidade, o diabetes, a hipertensão, o câncer, a depressão. Além do impacto direto na saúde humana, a fabricação desses produtos

atinge negativamente a qualidade da água, seja pelo descarte de agentes poluentes decorrentes da produção de resíduos oriundos do processo industrial, seja pela quantidade de lixo descartado no planeta. Através dessas provocações, discutimos sobre educação alimentar por meio da apresentação de uma série fotográfica realizada pelo fotógrafo americano Gregg Segal, que registrou o hábito alimentar de crianças de diferentes países, denunciando o crescente consumo de alimentos industrializados dos países globalizados e sua relação com a explosão nos índices de obesidade em crianças. Por meio da experiência proporcionada pela série fotográfica, o artista observa que nas comunidades tradicionais a alimentação infantil é mais variada e saudável, enquanto que entre os grupos de maior renda dos países desenvolvidos há uma incidência maior no consumo de alimentos processados e ultraprocessados. Após essa apresentação, falamos sobre a força vital contida nos alimentos através da classificação dos quatro grupos alimentares propostos por Dr. Soleil (1993). Em sua obra “Você sabe se desintoxicar”, os alimentos são classificados por ordem de vitalidade em quatro categorias que, de forma resumida, são chamados: biogênicos (sementes germinadas), bioativos (frutas, legumes, ervas e hortaliças, leguminosas), bioestáticos (alimentos não frescos, refrigerados e cozidos), biocídicos (industrializados, refinados e aditivados). Apresentei aos estudantes exemplos de alimentos desses grupos e após refletimos sobre imagens de águas de rio limpas em ambientes saudáveis em confronto à imagens de rios poluídos em ambientes degradados, relacionando à metáfora das águas que compõem o nosso corpo e os alimentos que consumimos. Concluímos então a apresentação das imagens com a seguinte reflexão “água que cura é a água pura”, seguindo assim para a realização de uma oficina de culinária inspirada na alimentação viva (crudívora). Iniciamos a vivência apresentando sementes, leguminosas e grãos variados (girassol, lentilha, trigo, feijão, linhaça, gergelim) para introduzir o conceito do despertar da energia vital através da água e assim proporcionar a germinação por meio do elemento ar. Apresentei alguns germinados e discutimos os benefícios deles para a saúde do corpo. Em seguida, realizamos o plantio de sementes de girassol em terra vegetal para a produção de brotos e sua introdução na alimentação dos estudantes em saladas ou sucos. Após o plantio, ensinei um suco verde com maçã, cenoura, couve, brotos de girassol e limão (Imagem 12). E por fim, fizemos um leite de aveia e com ele, uma vitamina de banana, fechando nosso encontro.

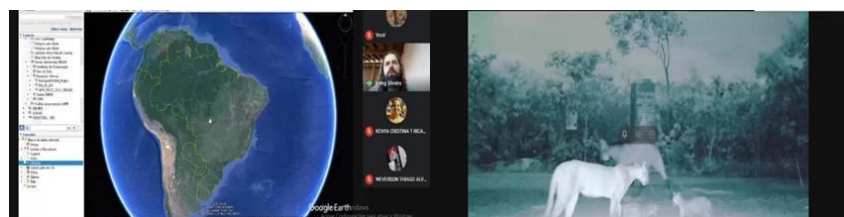
Imagem 12: Oficina de suco verde e leite de aveia.



Fonte: Kenya Ricarte

No encontro “Cerrado: berço das águas” contamos com a presença do Engenheiro Florestal Irving Silveira, que é Mestre em Ciências Florestais e está como Assessor da Superintendência de Unidades de Conservação, Biodiversidade e Água do Instituto Brasília Ambiental. A aula foi iniciada com a exibição do vídeo do Projeto de Unidades de Conservação do DF produzido pelo Ibram (Instituto Brasília Ambiental) <https://www.youtube.com/watch?v=jcUUoMbOnu4>. A partir das informações contidas no vídeo foram destacados a prestação de serviços ambientais desempenhados na Unidades de Conservação e a importância da vegetação para a manutenção do ciclo hidrológico. Em seguida, fizemos um breve estudo sobre o Bioma Cerrado e suas características como: extensão, áreas de abrangência, solos, clima e tipos de vegetação (fitofisionomias). Apresentamos ainda informações sobre a origem geológica e biológica da água, sua distribuição e oferta nos principais setores de uso no cotidiano. Através do esclarecimento dessas informações, mergulhamos na compreensão sensível do Cerrado como o berço das águas fazendo uma “viagem virtual” pelo Google Earth para conhecer o percurso das águas e a formação de alguns dos principais rios do Brasil (Imagem 13).

Imagem 13: Imagem Google Earth e vídeo sobre Unidades de Conservação



Fonte: Kenya Ricarte

No encontro “direitos da água” assistimos à animação “Abuela Grilo”. A história dessa belíssima obra é baseada em um mito boliviano dos povos Ayoreo; povo indígena que atualmente vive na Bolívia e no Paraguai, porém em condições de vulnerabilidade. O filme conta a história da amorosa Avó Grilo que tinha o dom de fazer chover quando cantava, criando vida e prosperidade por onde passava, fazendo brotar da terra o alimento que sustentava sua comunidade. Porém, certo dia avó Grillo cantou tanto que seu povoado inundou, e com isso, os moradores indignaram-se, expulsando a avó de lá. Avó Grillo segue seu caminho e com seu canto nutre os rios em seu caminho. Ela chega na cidade e ao cantar faz encher a fonte de água e por isso, é reconhecida por empresários pelo seu talento. Assim, a avó passa a ser explorada financeiramente pelos “homens quadrados de terno” que comercializam suas águas à preços absurdos e inacessíveis à população. Enquanto isso, a comunidade de Abuella sofre com a seca e falta de alimentos, levando seu povoado a reconhecer o valor fundamental da água. Arrependidos por terem expulsados a avó da terra, eles decidem ir em sua busca. Chegando na cidade, o povoado se junta à uma manifestação popular que reivindica o livre acesso à água. Enquanto povo e Estado (polícia) se enfrentam, Abuella continua sendo torturada por parte dos empresários que a obrigam a cantar para produção de água. Profundamente triste, Abuella se revolta e com seu grito movimenta uma grande tempestade, provocando uma destruição na cidade que se transforma em um modo de viver mais respeitoso com a natureza. Este filme é extremamente rico em mensagens e provoca grande reflexão sobre a relação humano e natureza, levando-nos a refletir sobre os desafios que enfrentamos em nossa sociedade neoliberal, que privilegiando o lucro, incentiva o individualismo e distanciamento com o fluxo natural da vida. Nesse sentido, a natureza é implacável com sua lei do retorno; ela é simplesmente o espelho de nossas ações. Após a exibição do filme, fizemos um círculo de conversa sobre os aspectos sociais, econômicos e políticos que envolvem o usufruto da água, provocando reflexões sobre a lógica do neoliberalismo na construção social. Por fim, realizei a leitura da Declaração Universal dos Direitos da Água.

O penúltimo encontro contou com a presença da professora da Escola da Natureza, Vanusa Freitas. Vanusa é bióloga, mestre em Agroecologia e atualmente pesquisa a Antroposofia. O encontro teve como objetivo refletir sobre sistemas ecológicos e sustentáveis através dos princípios da permacultura e dos sistemas agroflorestais. A palavra Permacultura deriva da expressão **Permanent agriculture**, cujo conceito foi desenvolvido por Bill Mollison e David Holmgren, que se traduz em uma forma de planejamento de ambientes humanos

sustentáveis em harmonia com a natureza. Por meio da observação e compreensão das paisagens naturais e seus padrões orgânicos, criam-se as paisagens artificiais, buscando a otimização dos recursos através da interação com a natureza de forma sustentável. Nas palavras de Holmgren (2013) Permacultura se define como:

Paisagens conscientemente planejadas que imitam os padrões e as relações encontrados na natureza, enquanto produzem uma abundância de alimento, fibra e energia para prover as necessidades locais. (HOLMGREN, 2013)

A agroecologia está em consonância a esse princípio, sendo que, nas palavras da professora Vanusa Freitas:

O sistema agroflorestal consiste em resgatar o conhecimento tradicional aliado às modernas técnicas de manejo da agricultura e é considerado o sistema de produção que mais se aproxima de uma floresta natural. Seu manejo integrado traz diversos benefícios como a preservação, manutenção e fertilidade do solo, a conservação da fauna e da flora, além de garantir a recuperação das nascentes e a consequente presença da água no ambiente. (Vanusa Freitas, 2020)

Assim, começamos a vivência denominada “Plantando água” relaxando o corpo e realizando uma prática de respiração seguida de meditação guiada. A meditação consistiu em beber um copo de água e em seguida, através de um percurso perceptivo sensível pelo interior do corpo pudemos sentir a presença da água nutrindo os espaços internos. Após esse despertar sensorial fomos para uma apresentação sobre os sistemas agroflorestais por meio da exibição de um vídeo produzido na agrofloresta da Escola da Natureza chamado *Plantando água e interconectando a vida*. A condução da narrativa do vídeo intencionou inspirar os estudantes a viverem uma experiência sensível ao ampliar a percepção do silêncio, dos sons, da vida que mora no solo e das árvores que alcançam o céu da trilha contida na agrofloresta. Para a professora Vanusa vivenciar esse saber contribui para a aproximação do indivíduo com a natureza:

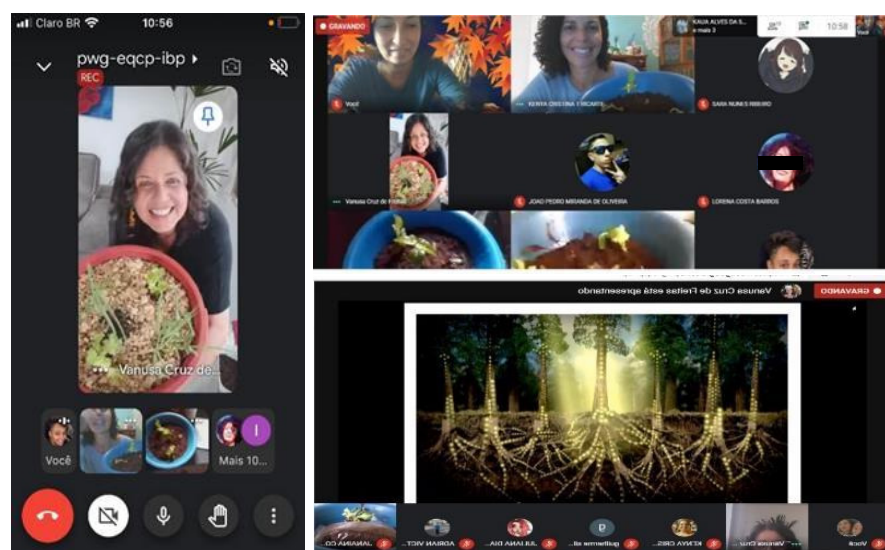
Se os estudantes de hoje serão os gestores do futuro, é fundamental que tomem conhecimento dos conceitos agroflorestais. Esse primeiro passo é como começar a preparar o terreno para mudar essa mentalidade materialista. Mas esse conhecimento só se transformará em verdadeiro saber se o estudante participar da sementeira, encantar-se pelo plantio, conhecer as estratégias técnicas enquanto põe a mão na terra, observa, acompanha e se realiza na colheita como resultado final. As aulas vivenciais de Agrofloresta, mesmo remotas, proporcionam essa jornada de cumplicidade entre o estudante e a natureza. E nunca precisamos tanto do resgate

dessa relação de cuidado entre o ser humano e a Terra quanto agora. (Vanusa Freitas, 2020)

Em seguida, Vanusa conduziu uma aula com imagens apresentando o conceito de sistema agroflorestais e também compartilhou sua experiência com plantios agroflorestais. Após a vivência teórica fomos à prática realizando um mini plantio em uma bacia inspirando-se nos saberes da agroflorestal (Imagem 14).

A aula que realizamos sobre Agrofloresta teve como motivação “ir além” do repasse de informações e proporcionar uma experiência real com uma atividade prática. A energia da vivência é capaz de transformar conhecimento em sabedoria, pois a experimentação é que consagra o aprendizado. Daí a importância de promover vivências de Agrofloresta para a formação humana dos estudantes. Vivemos a urgência de nos reconectarmos com a natureza e transformar o modo como nos relacionamos com ela. O quadro atual de destruição e desamor é resultado de uma visão materialista da vida, que não respeita ciclos naturais e pensa em natureza somente como fonte de recursos – ou seja, o oposto da ideia de sustentabilidade. Percebemos interesse e receptividade pela temática, afinal, os estudantes dessa faixa etária têm mais abertura para aprender e apreciar a interconexão de todas as coisas. Eles deram depoimentos sobre seu convívio com as árvores nos quintais de suas famílias, e nossa apresentação teórica mostrou a diferença entre os cultivos à base de agrotóxicos na Espanha e o sistema agroflorestal da Escola da Natureza de Brasília. (Vanusa Freitas, 2020)

Imagem 14: Sistema agroflorestal na bacia e trecho do vídeo *Plantando água e interconectando a vida*.



Fonte: Kenya Ricarte

A última vivência realizada foi “Planeta água”; uma oficina de terrários conduzida pela professora Ednéa Sanches da Escola da Natureza. Ednéa tem formação em artes cênicas e é mestre em Educação Ambiental pela Universidade de Brasília. A Vivência teve como principal objetivo favorecer a interação dos estudantes com os elementos naturais e, sobretudo, a conexão e integração com o meio ambiente dentro do próprio espaço domiciliar. Segundo Ednéa:

No contexto do ensino remoto, a construção de terrários constitui-se como uma alternativa, ainda que em pequena escala, de trazer a natureza para perto dos estudantes e de educar adolescentes sobre a importância do respeito à natureza e preservação do meio ambiente. Isso é possível porque os terrários permitem o manuseio de elementos naturais como pedras, terras, água e plantas em micro sistemas que reproduzem as condições naturais. Em outras palavras, os terrários constituem modelos de ecossistemas em miniatura, fabricados em recipientes de vidro, que permitem o aprendizado experiencial sobre os processos da natureza. (Professora Ednéa Sanches, 2020)

Começamos o encontro com uma apresentação virtual da Escola da Natureza para os participantes, percorrendo seus espaços internos e externos. Refletimos sobre o cuidado com nossas casas (corpo, família, cidade, país e planeta), e para aprofundar essa compreensão foi exibido um sensível vídeo sobre a casa que habitamos, o planeta Terra (<https://www.youtube.com/watch?v=gMsSrxGwW8U>). Abertos à escuta e sensibilidade, refletimos sobre o ciclo da vida com foco na gestação e no nascimento despertados pela água. Essa reflexão foi aprofundada no espaço da agrofloresta da Escola da Natureza, em que observamos desde as pequenas plantas até as grandes árvores. Após tais reflexões, adentramos ao conhecimento dos terrários. Nas palavras da professora Ednéa:

Os terrários são microambientes autossustentáveis, que viabilizam o aguçamento e ampliação da curiosidade do estudante. O interesse em saber como uma planta pode sobreviver no ambiente fechado de um terrário o conduz ao estudo de processos mais complexos como o ciclo da água, o ciclo do oxigênio e do carbono, bem como da dinâmica que envolve o processo da fotossíntese. Pode-se admitir que o terrário é um pequeno laboratório por intermédio do qual o aluno desenvolve a sua capacidade de observação, raciocínio lógico e análise. (Professora Ednéa Sanches, 2020)

Seguido ao momento de sensibilização, Ednéa mostrou alguns terrários que foram produzidos em diferentes recipientes de vidro (potes pequenos, potes grandes, aquários, vidros redondos) apresentando sua estrutura, composição e ainda, a dinâmica do processo de

respiração das plantas e demonstrando o fenômeno de efeito estufa, assim como ocorre no planeta Terra. Através do terrário despertamos para o raciocínio de como a natureza se organiza e coopera para favorecer o nascimento e continuidade da vida. Com relação à importância dos saberes agregados à prática de criação de terrários, Ednéa aponta:

A vivência com terrários favorece também o desenvolvimento de valores em relação à preservação dos recursos naturais e do reconhecimento da relevância da sustentabilidade, mediante a compreensão de que tudo que existe em um ambiente natural precisa estar em harmonia para o seu perfeito equilíbrio, como as águas, os minerais, os nutrientes e a presença da luz. Na construção e cuidados dispensados ao terrário, o estudante reconhece a relevância do conceito de conservação em relação a temperatura, umidade e iluminação. Dessa forma, desenvolve a percepção de que os mesmos cuidados devem ser estabelecidos, em escala mais ampla, para com a vida e com os seres vivos. (Professora Ednéa Sanches, 2020)

Na vivência, cada estudante pôde construir seu terrário e aprender o passo-a-passo e a função de cada elemento que o compõe, compreendendo, por meio desse micro ecossistema, a dinâmica de organização da natureza. Por meio da construção dos terrários abordamos ainda diversos temas, como o desequilíbrio dos ecossistemas causados pela ação depredatória do ser humano, a exemplo da poluição das águas, dos solos, do ar e as consequências dessa atitude. Nesse sentido, a vivência com terrários se mostra promissora como recurso educacional voltado para o desenvolvimento da consciência ambiental, ou seja, para a percepção e compreensão de que o ser humano faz parte da natureza e como tal é responsável por sua defesa e preservação.

Por fim, é necessário destacar que a construção de terrários envolve ainda elementos da arte-educação, pois estimula, além do trabalho manual, a sensibilidade dos estudantes. A construção de um pequeno ambiente natural ou um mini jardim desperta o olhar para a estética e beleza presentes nas formas da natureza, estimulando a criatividade e a imaginação durante a composição dos elementos naturais com suas texturas, formas e cores diversas. Trata-se de um espaço que permite liberar a imaginação no momento da criação, além de estimular a autoestima. Sobre a participação dos estudantes na oficina, professora Ednéa relata:

A receptividade dos estudantes foi muito positiva. Eles estavam curiosos e, para a maioria, foi a primeira vez que se vivenciou a experiência de construção de um terrário ou mini ecossistema. A vivência transcorreu numa atmosfera agradável e tranquila. Durante o percurso da aula virtual, na intenção de favorecer a interação oral, foram feitas várias perguntas sobre o tema para estimular os estudantes à

reflexão e a emitir opiniões acerca do objeto de estudo. Inicialmente, participaram de forma um pouco tímida, mas, ao longo do processo, foram ficando mais confiantes. Então foi possível estabelecer uma troca interessante e um efetivo processo de aprendizagem significativa. (Professora Ednéa Sanches, 2020).

3.6 Mergulhando nas águas da pesquisa

Águas doces, cheias de energia, nos acolhem e purificam. Com seu fluir, vem diluir as dores e limites. O leite sagrado, que nutre e desperta a vida na terra, carrega o ar, recordando o respirar, ritmo constante e vital, poder de criação e renovação. (Kenya Ricarte, 2020)

Através dos encontros proporcionados pela pesquisa de campo, a água pôde ser sentida em sua integralidade. Por meio da compreensão de suas metáforas e penetração no universo sensível e meditativo da escuta, foi possível provocar a conexão do sujeito com a natureza e sentir a potência e sutileza da vida. A prosperidade da água pôde ser vivida no contexto da educação escolar, pois ao ser apresentada como um tema transversal, sendo assim dotada de múltiplos significados e por ter a capacidade de relacionar-se a uma grande diversidade de conceitos, sua essência permitiu o trânsito em variadas áreas do conhecimento.

Conforme mencionado anteriormente, as entrevistas ocorreram em dois momentos. A primeira entrevista foi realizada antes do início do percurso vivencial, e a outra entrevista ocorreu ao final do processo, no encontro de fechamento do projeto. As entrevistas foram compostas por 8 perguntas abertas que objetivaram identificar a relação dos sujeitos com a natureza, investigando a intimidade com a mesma e reconhecimento de ser natureza. Além disso, questões envolvendo o cuidado e compreensão a respeito das qualidades sensíveis da água também foram provocadas.

Os questionários relativos à entrevista inicial foram disponibilizados em formato de formulários criados na plataforma Google Sala de Aula, entretanto, devido à baixa frequência de acesso dos estudantes aos formulários, optamos por projetar o questionário em uma apresentação de *PowerPoint* em uma aula oferecida pelas professoras regentes/pesquisadoras. Foi solicitado aos estudantes que lessem as perguntas e escrevessem apenas as respostas no caderno. Em seguida, eles fotografaram suas respostas e enviaram para as professoras via *Whatsapp*. As professoras relataram que optaram por utilizar esse meio de comunicação com

os estudantes por ele ser mais efetivo que a plataforma virtual de sala de aula, pois embora ela fosse o meio oficial de comunicação, a frequência de acesso dos estudantes na plataforma era quase inexistente.

Assim, realizamos as entrevistas iniciais, e através delas tivemos um panorama da realidade dos participantes. Pudemos observar que alguns tinham acesso à ambientes naturais, como o Parque do Paranoá, cachoeiras, açudes, etc, e ao serem questionados sobre os sentimentos neles provocados ao estar em contato com esses ambientes naturais, a maioria dos estudantes apontaram sentir calma, tranquilidade e relaxamento. Com relação ao cuidado com a vida, poucos estudantes relataram ter hábitos de cuidado com a meio, seja pela prática do plantio, do cuidado com os animais ou atenção com o ambiente como um todo. Apenas um dos estudantes relatou que aprendia a cuidar da natureza com sua vó, pois ela tinha o hábito de plantar muito em casa. Segundo o estudante “sua casa parecia uma floresta”.

Sobre o reconhecer-se como natureza, a maioria dos estudantes associou essa reflexão ao fato do ser humano pertencer ao reino animal, porém diferenciado dos demais animais pela racionalidade, podendo ser por esse motivo considerado natureza. Um dos estudantes argumentou a crença de que o homem veio do macaco, e por isso ele poderia ser considerado natureza. Sobre o cuidado com as águas, a maioria dos estudantes defendeu que a humanidade não se importa com a água, apontando a poluição decorrente do descarte inadequado de resíduos como o grande agente de poluição dos rios e ainda o desperdício da água no uso doméstico como sendo o principal problema relacionado à falta de cuidado com a água. Sobre a percepção das qualidades sensíveis da água, nenhum dos estudantes explicitou intimidade em relação ao tema, reconhecendo-a apenas através de suas características utilitárias, como recurso para nutrição, higiene, limpeza, etc.

Um aspecto marcante na realização da entrevista inicial em comparação à entrevista final foi observado na qualidade das respostas e envolvimentos dos participantes. Percebemos maior comprometimento e dedicação nas respostas contidas na entrevista final. As questões elaboradas para a entrevista final exploraram de forma mais profunda as qualidades sensíveis (poéticas, simbólicas e metafóricas) da água, buscando provocar o movimento das emoções e sentimentos despertados no processo vivencial. Sendo assim, adotamos a mesma estratégia utilizada na entrevista inicial, apresentando as perguntas aos participantes, que escreveram suas percepções em uma folha de caderno, e em seguida foram fotografadas e enviadas também por *Whatsapp*.

Por meio das questões, buscamos trazer à superfície a substância primordial advinda da experiência, através de palavras-chaves que foram estimuladas à serem pescadas no rio do coração. Para isso, convidamos os participantes à fazerem um pequeno momento meditativo, entrando em contato com o silêncio e com sua respiração. Em seguida, conduzimos a leitura das questões contidas na entrevista e solicitamos a escrita dos sentimentos despertados por meio das palavras-chave. A entrevista final contou ainda com questões que buscaram compreender aspectos que poderiam revelar uma transformação de percepção/atitude dos participantes com relação ao seu olhar sobre a água e ao pertencimento à natureza. Objetivamos ainda analisar de que modo a experiência proporcionada pela pesquisa provocou novas percepções em relação ao aprendizado e ao ambiente escolar.

Na análise das entrevistas notamos uma transformação de pensamento e sentimento em relação ao reconhecimento da relação íntima entre natureza e humano. Através das respostas obtidas no questionário da entrevista final notamos uma ampliação do olhar sobre o vínculo e pertencimento à natureza somado a um envolvimento mais íntimo com os temas trabalhados no estudo. A atitude criativa e poética também pôde ser percebida na escrita dos estudantes, sendo reconhecida como ponto de evolução decorrente do processo proporcionado pela sensibilização e profundidade do olhar sobre a vida. Quanto às percepções dos estudantes nas entrevistas finais temos algumas falas que nos trazem a referência de sensibilização após a pesquisa:

Eu já sabia que a água tinha importância na natureza, só não sabia quanto a água é importante. Ela é a vida porque sem água nada vive, nem a gente, nem plantas e animais. A água faz parte do nosso corpo, 70% sendo exato. Ela está em praticamente tudo. Ela não pode ser vista como apenas mais um recurso, mas sim como algo que nós devemos cuidar e proteger para a nossa e as próximas gerações. (J.P.M.O, 8º ano, 2021)

Eu acho que a água é algo que expressa muito os sentimentos e também tem aquele lado poético. Mas é claro, eu sempre me importei com a água, sempre preservei porque sei que se a água acabar, o mundo também acaba, porque não há vida. (K. 8º ano, 2021)

Eu entendi e compreendi que sem a água a gente não vive, que ela é o nosso oxigênio, e que somos como os animais e como as plantas. Antes desse projeto eu até sabia a importância da água, mas não sabia o quanto ela valia. Não sabia das nossas necessidades, das necessidades das plantas, dos animais. Hoje vejo o quanto ela traz paz, e o quanto precisamos dela para viver e para fazer a maioria das coisas,

usamos a água para tudo e temos que dar bastante valor a ela, porque somos como a natureza e precisamos da água. (L. 8º ano, 2021)

Além de sensibilizar para o reconhecimento da natureza em nós, os encontros revelaram questões mais profundas que fazem parte do cotidiano dos jovens, os quais despertaram grande interesse em discuti-las. Em diversos momentos, debates críticos sobre racismo estrutural, patriarcado, machismo, homofobia, antropocentrismo, sistema capitalista e neoliberal, consumismo, dentre outros, ocuparam o centro da roda. Através desses assuntos, tivemos momentos extremamente sensíveis, com falas emocionantes e emocionadas que inundaram os corações, e foi comum ver as águas correndo no rosto das pessoas após o mergulho nos depoimentos das estudantes e dos estudantes.

Me veio à memória um momento de grande emoção provocado pelo desabafo de um estudante após um ciclo de contação de histórias sobre a vida das avós dos estudantes, sendo que na maioria das histórias de vida relatadas pelos estudantes foram revelaram marcas de violências cometidas por homens e sofridas por mulheres nas diversas famílias. Foi um momento de muita angústia esse compartilhamento das dores profundas e sistêmicas que as famílias têm registradas em suas memórias, mas ao mesmo tempo reconhecemos o potencial de cura que espaços como esse podem proporcionar à formação humana. Sobre esse encontro, trago o registro feito em meu diário:

O encontro de hoje foi pelas águas da poesia. O mergulho nas emoções, sentimentos e memórias foi profundo, e seu canto ecoou até o tempo das avós. Uma poesia inspirada na luta da avó cearense retrata a agonia dos corpos que resistiram em terras áridas e reexistem em terras secas. Esse momento foi um abre alas para as histórias das mulheres que construíram seus lares com muito suor, dor e luta. A história se repete em diferentes casas. Enchentes de desabafo sobre a violência que as mulheres de suas famílias passaram apertaram o peito. Silêncio, compreensão, reconhecimento. A água de nascente brota. Pede passagem, banha a cabeça, lava os olhos e as emoções. Refresca. Ela chegou em forma de poesia: “todas essas histórias me fazem querer ser um homem melhor. Eu não quero cometer os mesmos erros que os homens da minha família cometeu. Nós viemos para mudar a história e fazer um mundo melhor” (Í. 13 anos). A voz da água é a voz do coração. Seu canto é pureza em oração. (RICARTE, 2021)

O relato descrito acima refere-se ao poema que um estudante escreveu em homenagem à sua avó após o encontro sobre ancestralidade:

Não tinha água, mas agora melhorou
 Desceu lá de cima e o chão molhou
 Agradecemos ao Jesus, o nosso senhor
 O Ceará estava seco, não tinha água nem para cozinhar, muito menos para beber
 Os animais sofriam, já estavam para morrer, e o nosso povo também
 Precisamos economizar, pois gastamos muita água. (J. 8º ano, 2021)

A importância em conhecer a história não contada nos livros didáticos tradicionais e se referenciar em lentes que reforçam a raiz africana e a sabedoria indígena ancestral que corre nas veias dos brasileiros, seguramente fortaleceu identidades e enriqueceu os momentos de debates. Reflexões sobre a importância de cultivar a autoestima e combater os preconceitos ocuparam o centro da roda em diversos momentos, levando os estudantes a reconhecerem a importância de lutar pelo respeito à diversidade e em desenvolver um autoconceito positivo ao vencer os padrões de beleza e comportamento impostos pela sociedade. Considero esse ponto como sendo um dos mais desafiadores para a formação de valores humanos na contemporaneidade, visto que vivemos na era dos filtros em fotografias e da necessidade de curtidas nas redes sociais. Por outro lado, os jovens têm mostrado uma presença expressiva na transformação desse cenário ao reconhecer suas origens familiares e valorizar suas histórias, construindo com isso um espaço de reflexão coletiva sobre as questões que envolvem os padrões de beleza inspirados na cultura eurocêntrica. Trago um desabafo feito por uma estudante em seu diário:

Dentro de você há um diamante

Lado de fora ou lado de dentro? Qual deles você prefere? Bom, muitas pessoas preferem o lado de fora, porque a sua aparência é muito importante para ela. É tudo. Mas e o seu lado de dentro? E o seu interior? Ele não lhe importa? O seu lado interior é o mais importante. Ele é o responsável por mostrar a pureza e a beleza que existe dentro de você e quem você realmente é. Então deixe os outros falar o que quiserem pois na verdade é você que sabe se realmente está feliz, bem e confortável, só basta simplesmente se amar. (J. 8º ano, 2021)

Através da reflexão feita pela estudante discutimos sobre a inversão dos valores humanos causados pela imposição de um modelo de vida baseado no consumo e no encaixe a um padrão único de beleza, o que tem levado à um sério adoecimento mental na sociedade contemporânea. Em seguida, direcionamos o debate para refletir sobre o conceito de belo e

feio, trazendo a arte como condutora de compreensões, e assim a sua importância em denunciar a dor do mundo por meio das expressões consideradas feias ou desagradáveis. Tal contribuição foi trazida pela professora Flávia Lucci:

A arte também expressa a feiura, miséria, desigualdade. A arte também denuncia a dor do mundo. A arte é um caminho importante para o autoconhecimento. (Flávia Lucci, 2021)

Após essa fala uma estudante completa:

O belo e o feio não dependem do que é, mas como o outro vê. (J. 8º ano, 2021)

Ao nos encontrarmos por meio dos sentimentos, mergulhamos fundo nas águas da compreensão da unidade que nos compõe, acolhendo cada emoção, cada expressão e cada desabafo como flechas que apontam a direção para a cura e libertação dos antigos grilhões. Essa evolução se torna possível por meio da escuta sensível e comprometida, compreendendo que o início do caminho se dá pela escuta de si mesmo. Dunker & Thebas (2019) apontam que “escutar-se é desconhecer-se, despir-se do conhecido e das inúmeras versões que fazemos e refazemos de nós mesmos” (p. 21-22, 2019). Além disso, envolver-se com a escuta do outro requer “escutar o que realmente ele diz, e não o que nós, ou ele mesmo, gostaria de ouvir” (DUNKER & THEBAS, p. 22, 2019).

Ao reconhecer que as águas do outro também compõem meu rio, nos permitimos enxergar o outro que há em mim e o eu que há no outro. Para tanto, segundo Dunker & Thebas (2019) “a prática da escuta exige que nos coloquemos ao mesmo tempo em uma posição muito distante e muito próxima do outro” (p. 25, 2019). Sobre essa escuta, resgato a memória de um momento de mergulho nas inseguranças e medos, que em diferentes momentos chegaram em nosso círculo de vivências, e através do reconhecimento do outro em si e de si no outro, sinto o desejo de incentivo para o alcance da paz e do equilíbrio por meio das palavras da professora Janaina Pires em um momento de compartilhamento de registros do seu diário:

Mesmo no meio do tédio e das pandemias da alma
 Procuro me sentir calma e desfrutar cada dia
 Como se fosse o último ou o primeiro
 Estar presente em família é multiplicar minhas alegrias
 Tornar tudo fato motivador, ajuda a camuflar a dor
 A dor do medo e da ansiedade, do futuro incerto

Da morte, da vida e de tudo que pode ser vivido.
Mas tudo tem seu tempo e lugar, as vezes demora,
mas é bem importante encontrar
Dentro da brecha que você está, a fé.
(Professora Janaína Pires, 2021).

Ao direcionar a atenção para o entendimento do caminho que conduz à completude através da integração e expansão do corpo e da mente, buscamos reconhecer nesse percurso quem realmente somos; um ser não dividido, integrado e consciente das nossas inúmeras potencialidades. A esse processo, Jung (1978) chamou de individuação; que é o tornar-se único através do percurso da psique no caminho do amadurecimento e auto realização. Ao pensar nesse trajeto por meio do corpo, é natural compreendermos como sendo a realização plena do sujeito o nascer, desenvolver-se, expandir-se, gerar frutos e por fim, concluir o ciclo, ao morrer.

Entretanto, cada sujeito é único e por isso, sua trajetória, desafios e necessidade de realização também é, e quando falamos em trajetória da psique, os desafios são ainda maiores. O processo de individuação é complexo e não linear, e envolve a integração do ego (centro da consciência) com o self (centro da psique), e como aponta Jung (1978) possui várias fases, sendo uma delas a de alienação do si-mesmo. Conforme Jung (1978) essas alienações são “modos de despojar o si-mesmo de sua realidade, em benefício de um papel exterior ou de um significado imaginário”, que, “em ambos os casos, verifica-se uma preponderância do coletivo” (JUNG, 1978, p. 49). Isso quer dizer que valorizamos demais os papéis sociais que exercemos, perseguindo cegamente o encaixe nessa sociedade neoliberal que supervaloriza o mundo externo, e com isso negligenciamos nosso mundo interior, a nossa totalidade, o self, que é a camada mais profunda da nossa psique (alma).

Desenvolver as potencialidades humanas inatas requer ultrapassar as alienações da mente, superando os limites do ego, integrando os conteúdos conscientes e inconscientes, compreendendo-os como dois aspectos de um único sistema que se encontram no propósito de tornar-se mais completo e autoconsciente. Conforme a psicologia analítica junguiana, o self é o arquétipo da totalidade, e a individuação é o caminho pelo qual todo ser vivo se torna quem estava destinado a ser desde o início de sua existência. Silveira (1997) traz essa reflexão ao afirmar que “todo ser tende a realizar o que existe nele em germe, a crescer, a completar-

se. Assim é para a semente do vegetal e para o embrião do animal. Assim é para o homem, quanto ao corpo e quanto à psique” (SILVEIRA, p. 77, 1997).

Dessa forma, é de grande importância que o educador compreenda a diversidade de caminhos que levam à auto realização dos indivíduos, e para tanto, refletir como a sua prática pedagógica pode auxiliar no reconhecimento das potencialidades dos estudantes e na identificação dos seus objetivos para a auto realização. Importante refletir sobre os objetivos de vida e a que/quem eles servem, pois como aponta Alfassa (1977) “que seu objetivo seja elevado e vasto, generoso e desinteressado; assim, sua vida se tornará preciosa para vocês mesmos e para os outros” (1977, p. 17). Essa reflexão reforça o sentido do serviço à humanidade, principalmente em tempos que enfrentamos um grande deserto na alma provocado pelas inúmeras pressões da sociedade ocidental em plantar o sentido da realização nas coisas externas e atribuindo um entendimento do significado da vida tão somente na racionalidade e objetividade da mente. Diante do atual e preocupante esvaziamento do si-mesmo, consideramos o papel da educação por meio da experiência, da arte e da poesia, como instrumento fértil para descobrir o mundo subjetivo interno da psique e acessar o mundo interior. Abaixo trago o depoimento da professora Flávia sobre sua experiência na pesquisa:

A pesquisa Canto e Encantos das Águas foi um verdadeiro bálsamo para os nossos corações tão aflitos com as circunstâncias trazidas pela pandemia, pelo distanciamento gerado e pelos vários desafios que chegavam com o ensino remoto e o universo digital inacessível para muitos. O ciclo de oficinas nos proporcionou um contato afetivo com os alunos e uma sensibilização com relação a tudo que nos cerca. A água enquanto fio condutor de conhecimento nos levou a experimentações e descobertas incríveis. Tivemos encontros muito agradáveis, onde a arte, a poesia, os sentimentos afloraram em nós o que há de mais belo e verdadeiro. Além de perceber nos estudantes a motivação natural em aprender e se abrir para o novo, foi visível a desenvoltura com que, aos poucos, compartilhavam suas experiências sensoriais, seus aprendizados e questionamentos. O vínculo construído entre nós, os momentos de práticas on-line, com materiais preparados e entregues com tanto cuidado e amor pela professora Kenya Ricarte, nos mostrou que, embora estivéssemos distantes fisicamente, fomos acolhidos de forma tão especial, que se tornou para nós professores uma referência da prática e do olhar integrativos para o processo formativo de nossos estudantes. (Professora Flávia Lucci, Língua Portuguesa, 2021)

Percebemos a entrega dos estudantes em vivenciarem suas descobertas interiores revelados nas falas emocionadas e envolvidas, no sentimento de satisfação que brotavam em

seus olhos iluminados e no sorriso meigo ao apresentarem suas produções artísticas e escritas poéticas, a coragem em compartilhar seus diários, e a atitude acolhedora do grupo ao tecer elogios e demonstrar admiração com o percurso de cada um, assim percebo o quanto essa caminhada nos fortaleceu como unidade e coletividade. Ao nos reconhecermos como natureza, nos tornamos prósperos e vivos, valorizando nossas raízes, nossas trajetórias e o nosso valor como parte e todo do universo, e a educação é como a água que nutre a terra e acorda a semente para crescer em direção ao céu. Nas palavras de Sri Aurobindo (1977) “a educação da criança deveria ser um despertar e levar à realização tudo o que é melhor, mais poderoso, mais íntimo e vivo em sua natureza” (1977, p. 14). Aprofundo essa reflexão convidando Alfassa (1977):

Com uma idêntica profundidade e nitidez, a Mãe vê a necessidade de o homem simultaneamente desenvolver sua particularidade e servir ao todo – o que significa a existência simultânea, a fusão de movimento individual e movimento coletivo, de diversidade e unidade – e que viver esta simultaneidade em uma harmonia crescentemente total é a própria tarefa e realização da vida humana, e o objetivo de nosso esforço para a perfeição: ...todos são um, tudo é um em sua origem, mas cada coisa, cada elemento, cada ser tem como missão revelar uma parte desta unidade a ela mesma, e é esta particularidade que deve ser desenvolvida em cada um, despertando ao mesmo tempo o sentido da unidade original. É isto que significa “trabalhar para a unidade na diversidade”. E a perfeição nesta diversidade está em cada um ser perfeitamente o que deve ser.” (ALFASSA, p. 15, 1977)

Um pensamento comum entre as pessoas em relação ao meio ambiente, é logo o associarem ao ambiente de fora, enxergando-o como algo distante e externo a elas. Essa atitude por vezes reforça a relação de dominação da natureza e conseqüente descaso quanto ao compromisso em cuidá-la e preservá-la. Desse modo, trabalhar as questões de dentro, que é de onde tudo começa, é uma forma de fortalecer o sentimento de reconhecimento da unidade com a natureza. Por isso, incentivar o protagonismo juvenil quanto às questões socioambientais por meio de vivências ecopedagógicas, é formar uma base cidadã que valoriza e respeita todas as formas de vida, para que assim, possamos reverter o preocupante cenário de degradação que enfrentamos atualmente. Reconhecemos nas palavras do estudante I. um sentimento de despertar para as questões que vem de dentro:

Bom, falando de coisa boa não tem como não falar desse projeto kkkkk. Brincadeiras a parte, eu me chamo I. S. O. e sinceramente eu não tenho palavras pra explicar o quão top foi fazer parte desse projeto que me proporcionou vários momentos de descontração em meio a essa pandemia que infelizmente tirou a alegria

de muitas famílias brasileiras, não só com a morte de seus entes queridos, mas também pelo distanciamento forçando o governo a cancelar as aulas presenciais e com as nossas reuniões online, demos um jeito de contrariar essa desvantagem e matar a saudade. O conteúdo foi realmente interessante, comparando e aproximando a nossa vida com a natureza, fazendo esculturas de argila, pinturas etc. Uma coisa que faz bastante falta hoje em dia na sociedade; em termos de organização também não tenho o que reclamar, os materiais distribuídos pela professora Kenya Ricarte eram bem interessantes, alguns estranhos, mas bem legais, mas o negócio foi muito top!! Se possível faria novamente. Prof. Kenya na moral muito obrigado por ter feito esse projeto com a gente. (I. 8º ano, 2021)

Refletir sobre práticas pedagógicas que construam coletivamente os caminhos a serem trilhados é permitir que as várias vozes possam existir e se manifestar como protagonistas na criação de uma realidade diversa, onde coexistem vários mundos em si mesma. Reforço a ideia de que a escola possui um grande potencial no despertar para um novo sentido de relação com o mundo, e essa construção começa com o fazer coletivo, tecendo sonhos e objetivos em prol do bem maior, que é a sustentação e manutenção da vida. Concluo esse momento reflexivo trazendo as palavras da professora Janaina Pires, que participou ativamente da pesquisa de campo, e com sua sensibilidade e olhar, provocou momentos de profunda reflexão e transformação em nosso coletivo:

O projeto canto e encanto das águas na verdade encantou além das águas também nossos corações. Em um momento tão complicado como esse de pandemia que começou em 2020, o projeto chegou como uma mãe que acalma seu filho no berço. Acredito que um dos maiores desafios da educação nesse momento, além das dificuldades de falta de acesso e planejamento para esse novo desafio de educação, foi e continua sendo a desconstrução do velho formato praticado pelos educadores. Coloco-me entre eles e admito que com a oportunidade de participar dessa pesquisa fui também presenteada com um novo olhar sobre a educação. Percebi também que os estudantes absorveram os conteúdos variados propostos a partir da temática Água, participaram com efetividade e foram muito sensibilizados. O Projeto foi muito bem elaborado e aplicado com muito carinho e dedicação. Muito agradecida pela oportunidade. (Professora Janaina Pires, 2021)

3.7 Reflexões finais

“O fluxo das águas é inexorável, correr faz parte da sua natureza. Ela aceita ser tocada, mas nunca detida. Diante dos obstáculos ela os contorna e flui”. (CATALÃO, 2006, p. 82)

Na experiência proporcionada pela pesquisa, a água percorreu vários leitões de profunda beleza, mas também revelou memórias que carregam dores como a do racismo estrutural, do machismo, da homofobia, do preconceito, da intolerância e desrespeito à diversidade cultural e religiosa, trazendo à superfície questões relacionadas às “substâncias” humanas e ambientais. Entretanto, a água como elemento fluído revela, pelo seu movimento, a possibilidade de novas rotas e cursos de transformação.

Sua poesia nos ensina o caminho do amor e da gratidão. O seu comportamento na natureza revela que a prosperidade da vida começa no cuidado, na cooperação, na união e na doação, pois a água é a mãe que nunca abandona e está sempre doando a si mesma como alimento para que a vida prospere. Com a água aprendemos a agradecer pelo dom e brilho da vida, pela abundância e prosperidade que a natureza apresenta em todos os eventos diários e pelo ar fresco que abraça a tudo e a todos.

A água é uma grande mestra para compreendermos os caminhos para uma educação amorosa e libertadora, pois educar com afeto, valorizando os sentimentos e emoções, é um ato de hidratação do ser. O acolhimento é a nutrição necessária para que o indivíduo caminhe com firmeza no pé que toca a terra e com coragem para ouvir a voz que vem do coração. *Coragem e cor-ação*; palavras que vêm da ação e do agir da alma única que cada um é.

Para amar é preciso um tanto de coragem, um punhado de entrega e outro tanto de fé. E assim é a educação: água de nascente que desperta o amor pela vida e ilumina a beleza que reside no conhecimento. É por essa razão que o educador que habita em si o amor pelo humano e pela humanidade, mantém acesa a chama da fé, acreditando que a luta por justiça, igualdade e paz entre os povos faz parte do seu ofício. Dessa forma, lembramos Paulo Freire, ao elucidar que o educar é um ato político, pois carrega o compromisso de luta por justiça social e igualdade (importante lembrar que sem justiça não há paz).

Falar da água é falar de escuta. É estar inteiro, presente e despido de julgamentos; acolhendo a todos sem preferências e compreendendo a natureza distinta de cada humano, em

sua subjetividade, cultura, contexto social e familiar e histórias de vida. Sentimos o prazer do processo de ensino-aprendizagem quando saímos do controle e da posição autoritária, tão confundida com a busca por autoridade, como bem sinalizou Paulo Freire. Ao aceitar que a vida é gerada na comunhão, na união e na presença do caminhar juntos, criamos um ambiente de prosperidade no espaço escolar, colhendo frutos de confiança, afeto e bem-estar coletivo, pois *as águas crescem quando se encontram*.

O humano é como um rio, e assim, para sentir-se vivo, precisa fluir livremente, pois não há verdade de ser quem se é com barreiras e forças contrárias à sua natureza agindo a todo momento. Por outro lado, por mais que as barreiras atrapalhem sua fluidez, sabemos que nada barra a força e o poder da água, pois ela é determinada em sua natureza de fluir; e assim é o humano, que tem sede por ser livre. Por essa razão, a expressão maior do amor é o respeito à liberdade e singularidade de cada sujeito.

A arte é uma chave valiosa na possibilidade de abertura de portas para o caminho da individuação. A arte permite o encontro com a floresta interior que cada ser abriga, e assim o reconhecimento de seus fluxos e ritmos próprios pode ser sentido e vivido em consonância ao ritmo natural e orgânico da vida. Quando temos a oportunidade de ouvir nossas águas e navegar pelo nosso rio interior, podemos ouvir o pulsar do **coração**; o centro de onde surge a vontade e o querer, a sede do conhecimento e da unidade entre razão e emoção.

Em um estado de viver poético, a poesia soa como a canção que toca o pulsar e o ritmo do coração, fazendo um convite para olhar o essencial, pois é na essência onde mora o estado primordial das coisas. A poesia nos recorda a delicadeza das coisas esquecidas, sendo a paisagem da natureza um elixir para a nutrição dos olhos e coração. A natureza nos ensina o que é a beleza, ela nos abraça por inteiro e sua alquimia nos preenche em sentido cósmico de vida em abundância e alegria.

Sabemos que provocar o despertar da consciência no espaço escolar é um caminho que requer dedicação e superação das crenças limitantes que impõem a construção de uma auto realização do sujeito associada à sua capacidade de consumo e acumulação de informações, que muitas vezes refletem a necessidade de controle e domínio da ordem natural das coisas, e nesse sentido, vemos refletida a imagem de dominação e exploração irracional da natureza. Continuar seguindo esse caminho é solidificar a presença de sintomas cada vez mais claros da solidão que impõe o caminho do individualismo. Dentre esses sintomas, vemos claramente entre as crianças e os jovens, que ainda são sensíveis e carregam em si a capacidade de

questionamento e inconformismo, o crescente número de casos de transtornos psíquicos, mentais e emocionais. Esse esvaziamento de sentido característico de uma prática educacional distanciada, como atenta Bauman (2011), que privilegia um saber duro, inflexível e puramente científico, precisa dar espaço à um saber integral que preza pela formação humana, sendo assim, maleável, discursivo e afetuoso, ou seja, uma educação “aproximada” e encantada, relacionada aos cantos (no contexto dos diferentes lugares) e ao sentido de encantamento pela sensibilização à beleza diversa.

Sabemos que há muito ainda que pesquisar, registrar e refletir sobre esse transformador percurso das águas e suas infinitas possibilidades de servir como inspiração para a sensibilização e acesso aos conteúdos da subjetividade humana. Entretanto, esse estudo reforçou o valor de exercitar o olhar para o indivíduo de forma inteira, acolhendo suas emoções, sentimentos, sonhos, histórias, saberes, e por meio dessa riqueza de conteúdos construir um caminho bonito, com mãos de um coletivo que se apoia e se fortalece.

Mesmo diante dos desafios que o contexto atual de pandemia impôs, como o vazio da presença física e falta do olho no olho, conseguimos semear novas consciências, e o resultado disso foi a surpresa em saber que no ano seguinte ao de realização da pesquisa de campo, os professores que fizeram parte do projeto organizaram um evento na escola para reverenciar a água, tratando-a como fonte de vida e sabedoria, elevando suas qualidades sensíveis e poéticas e semeando novas reflexões na comunidade escolar. A alegria em saber dessa notícia preencheu meu coração, fortalecendo a fé de que a água fazer brotar a prosperidade por onde passa, é, como símbolo, poesia, metáfora e organismo sagrado, um caminho luminoso para a nutrição da educação integral e da formação humana.

4. REFERÊNCIAS

ALFASSA, Mira. *Educação: um guia para o conhecimento e o desenvolvimento integral de nosso ser*. 3ª edição. Casa Sri Aurobindo, 1977.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução por Lucie Didio. Brasília: Plano, 2004. Série Pesquisa em Educação, v.3.

BARBOSA, Neusa. *Navegando nas águas da ecologia humana e do feminino profundo*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos pobres*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CATALÃO, Vera Lessa et al. *Atitude transdisciplinar e a poética do conhecer*. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambiental. ISSN 1517-1256, v. 24, janeiro a julho de 2010.

CATALÃO, Vera Lessa; RODRIGUES, Maria do Socorro (Orgs). *Água como matriz ecopedagógica*. Brasília: Universidade de Brasília/Departamento de Ecologia, 2006.

CATALÃO, Vera. *As qualidades Sensíveis da Água*. In: CATALÃO, Vera e RODRIGUES, Socorro (Orgs). *Água como Matriz Ecopedagógica*. Brasília: Edição do Departamento de Ecologia, UNB, 2006.

DEMO, P. *Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos*. Brasília: Liber Livro, 2004.

DIBO, Monalisa. *Mandala: um estudo na obra de CG Jung*. Último Andar, n. 15, p. 66-73, 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13184>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2021.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. *O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas*. São Paulo: Planeta, 2019.

EMOTO, Masaru. *As mensagens da Água*. São Paulo: Isis, 2004.

ESCOBAR, Arturo. *Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación de modernidad/colonialidad Latinoamericano*. Tabula Rasa, Bogotá, n. 1, p. 51-86, ene. dec., 2003

FILHO, Heron de Sena. *A água como formadora do sujeito ecológico na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa*. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GERBER, R. *Medicina vibracional: uma medicina para o futuro*. Tradução Paulo Cesar de Oliveira. São Paulo: Cultrix, 2007.

HALL, S. *Quem precisa de identidade?* Tradução: SILVA, T. T. (Org.). 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOLMGREN, David. *Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade*. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRISHNAMURTI, Jiddu. *A educação e o significado da vida*. São Paulo: Cultrix, 1976.

JATOBÁ, Joana D'Arc Vila Nova; BASTOS, Othon. *Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas*. Jornal brasileiro de psiquiatria. vol.56 nº.3 Rio de Janeiro, 2007.

JUNG, Carl G. et al. *O Homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

MATURANA, H. *Reflexões sobre o amor*. In.: MAGRO, C; GRACIANO, M; VAZ, N. (Orgs). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, Maria Cândida. *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª edição. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. et al. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método da aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.

MUNDURUKU, Daniel. *O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira*. São Paulo: Global, 2009.

NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinariedade*. São Paulo: TRIOM, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

QUIJANO, Anibal. *Coloniality of power, ethnocentrism, and Latin America*. *Nepantla*, 1 (3): 533-580, 2000.

SAMPAIO, Aracy Rosa. *Às águas que nos nutrem, conectam e ensinam: uma pesquisa-ação no parque olhos d'água, Brasília, DF*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

SCHUNCK, Dulcinéia. *Arte e natureza: uma experiência de sensibilização por meio da arte*. Tese de Doutorado: Brasília, UnB – CDS, 2006.

SILVEIRA, Nise da. *Jung – Vida & Obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

SODRÉ, Muniz A. C. *Pensar nagô*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

SOLEIL, Dr. *Você sabe se desintoxicar?* São Paulo: Paulinas, 1993.

SOUZA, Daniela Barreto de; SOUZA, Adílio Junior de. *Itan: entre o mito e a lenda*. Macapá. p. 99-113, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras> Macapá, v. 8, n. 3, 2º sem., 2018. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

VALLADO, Armando. *Iemanjá: mãe dos peixes, dos deuses, dos seres humanos*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2019.

VOLTOLINI, Rinaldo. (2015) *Miséria ética na educação inclusiva: por uma educação mais política que social*. Educação, 38 (2), 222-229. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.2.20048>

WILKES, A. John. *Flowforms: o poder rítmico da água*. Tradução de Carlos Szlaz. São Paulo: Editora Senac, 2008.

Páginas da *web* consultadas:

<https://acervodesaberes.wordpress.com/sobre-o-acervo/> - A VOZ DAS AVÓS - Acesso em: 06/04/2020.

<https://www.dicio.com.br/aurelio/> - Acesso em: 06/02/2021

<https://www.docelimao.com.br/site/desintoxicante/principios/699-a-vitalidade-dos-alimentos-parte-2.html> - Acesso em: 11/05/2021

<https://unic.org/pt/agua/> - Acesso em 01/10/2021

https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/clima/mudancas_climaticas2/ - Acesso em 01/10/2021

APÊNDICE 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Seu (Sua) filho (a) (ou menor sob sua responsabilidade) _____ está sendo convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa a participar da pesquisa “*Cantos e Encantos das Águas: arte e poesia na formação humana*”, de responsabilidade de Kenya Cristina Teotonio Ricarte, estudante de Mestrado em Educação da Universidade de Brasília.

O objetivo desta pesquisa é conhecer e refletir sobre os aspectos relacionados à educação ambiental e à ecologia humana sob a perspectiva da arte e da subjetividade, tendo como referência a ecologia da natureza e suas dinâmicas próprias. A coleta de dados será realizada por meio da realização de entrevistas e rodas de conversa, práticas vivenciais de corporeidade, musicalidade, ludicidade, artes visuais e cultura popular brasileira, incentivando as expressões individuais e coletivas e atividades reflexivas sobre o processo da pesquisa. É para estes procedimentos que seu (sua Filho (a) está sendo convidado (a) a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco. Espera-se com esta pesquisa contribuir com reflexões que favoreçam a compreensão da complexidade humana e a valorização da subjetividade na formação escolar, incentivando a criação de vínculo e pertencimento ao ambiente escolar.

A participação de seu (sua) filho (a) (ou menor sob sua responsabilidade) é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício, estando ele (ela) livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio da disponibilização da dissertação, imagens fotográficas e videográficas, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa. Você poderá consultar a pesquisadora responsável pelo número (61) 999888663 ou pelo e-mail (kenyaricarte@gmail.com) em qualquer época.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Menor participante:

Nome: _____ R.G. _____

Responsável:

Nome: _____ R.G. _____

Fone: _____

Assinatura do responsável legal

Assinatura da pesquisadora responsável

_____, _____ de _____ de _____.

APÊNDICE 2

Termo de Assentimento

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “*Cantos e Encantos das Águas: arte e poesia na formação humana*”, de responsabilidade de Kenya Cristina Teotonio Ricarte, estudante de Mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é conhecer e refletir sobre os aspectos relacionados à educação ambiental e à ecologia humana sob a perspectiva da arte e da subjetividade, tendo como referência a ecologia da natureza e suas dinâmicas próprias e harmônicas de ser espelho, reflexão e conexão, sendo assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio da realização de entrevistas e rodas de conversa, práticas vivenciais de corporeidade, musicalidade, ludicidade, artes visuais e cultura popular brasileira, incentivando as expressões individuais e coletivas e atividades reflexivas sobre o processo da pesquisa. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em risco.

Espera-se com esta pesquisa contribuir com reflexões que favoreçam a compreensão da complexidade humana e a valorização da subjetividade na formação escolar, incentivando a criação de vínculo e pertencimento ao ambiente escolar.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 999888663 ou pelo e-mail kenyaricarte@gmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio da disponibilização da dissertação, imagens fotográficas e videográficas, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura

do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, _____ de _____ de _____.

APÊNDICE 3

Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa intitulado Cantos e Encantos das Águas: arte e poesia na formação humana, sob responsabilidade de _____, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas e atividades educacionais.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, ____ de _____ de _____.

ANEXO 1

PERCURSO VIVENCIAL: CUIDANDO DAS NOSSAS ÁGUAS

ENCONTRO 1: ANCESTRALIDADE DAS ÁGUAS

Início do percurso com roda de apresentação da pesquisadora principal e dos participantes (estudantes).

Contextualização da pesquisa. Mergulho nas metáforas, simbologias e poesias da água com apresentação de imagens. Apresentação do roteiro de atividades da Pesquisa.

Mediação: Kenya Ricarte – Professora de Artes/Escola da Natureza –SEEDF, Mestranda em Educação Ambiental - UnB

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

ENCONTRO 2: MINHAS RAÍZES

Oficina de escrita imaginativa

Mediação: Flávia Lucci, Professora de Língua Portuguesa e Especialista em Arte-terapia.

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

ENCONTRO 3: FLECHA NO TEMPO

Cosmovisão dos povos originários. Povos originários e sua relação com a Terra. Nascimento do Brasil. Povos originários hoje; lutas e desafios.

Oficina de produção de tinta aquarela com urucum seguida de pintura espontânea ao som de música. Movimento das águas; permitir que a água guie.

Mediação: Kenya Ricarte

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

ENCONTRO 4: ANCESTRALIDADE AFRICANA

O barro. Mito da anciã sobre a criação do humano. Cosmovisão africana. Simbolismos da Terra e da Água. Presença africana na construção do país e a criação da cultura afro-brasileira.

Oficina de criação de vaso de argila e tinta artesanal com pigmentos minerais (Silte).

Pesquisa: contos, ofícios, saberes e fazeres das avós. A ancestralidade que carrego se afirma quando...

Mediação: Kenya Ricarte

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

ENCONTRO 5: ÁGUA E EMOÇÕES

Oficina de feitura de Mandala – purificação das águas internas

Mediação: Juliana Castro, Artista e Estudante de Pedagogia.

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

Pesquisa: Roda da Vida

ENCONTRO 6: VÓRTICES DA NATUREZA

Vórtices da natureza. Meditação: os Vórtices interiores.

Mediação: Kenya Ricarte

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

Pesquisa: O que movem os meus vórtices internos?

ENCONTRO 7: ÁGUA E POESIA

Água é escuta. Olhar poético. Oficina de poesia seguida de escrita de texto poético com composição a partir de elementos secos do Cerrado.

Mediação: Kenya Ricarte

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

Pesquisa: Enraizando o belo em mim.

ENCONTRO 8: MINHAS ÁGUAS, NOSSAS ÁGUAS

Prática de culinária inspirada na alimentação consciente: germinação de sementes (despertar pela água), produção de brotos de girassol, suco verde, saladas.

Mediação: Kenya Ricarte

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

ENCONTRO 9: CERRADO, BERÇO DAS ÁGUAS

Origem geológica e biológica da água; volume e distribuição de água no planeta.

Ciclo hidrológico, estados e propriedades da água

Água no cotidiano, sua oferta e principais formas de uso.

Cerrado, berço das águas.

Mediação: Irving Silveira. Engenheiro Florestal, Assessor da Superintendência de Unidades de Conservação, Biodiversidade e Água do Instituto Brasília Ambiental.

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

ENCONTRO 10: DIREITOS DA ÁGUA

Exibição da animação “Abuela Grilo” seguida de círculo de conversa sobre aspectos sociais, econômicos e políticos que envolve a gestão da água. Declaração Universal dos Direitos da Água.

Mediação: Kenya Ricarte

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

ENCONTRO 11: PLANTANDO ÁGUA E INTERCONECTANDO A VIDA

Oficina de agrofloresta

Mediação: Vanusa Freitas, professora de Biologia da SEEDF, Mestre em Agroecologia e Coordenadora Pedagógica da Escola da Natureza.

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

ENCONTRO 12: PLANETA ÁGUA

Sensibilização para fortalecer o vínculo com as plantas e oficina de criação de terrários.

Mediação: Ednéa Sanches, professora de Artes Cênicas da SEEDF, Mestre em Educação Ambiental e Vice-diretora da Escola da Natureza

Colaboradores: Janaína Pires e Flávia Lucci

ANEXO 2

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Nome completo:

Idade:

Ano/turma:

Perguntas:

1. Você se relaciona com a natureza de forma próxima ou distante?
2. Você costuma plantar ou cuidar de plantas, cuidar de animais, ir à cachoeiras, rios, parques?
3. Ao estar em meio à natureza como você se sente?
4. Você considera que o humano é natureza? Caso sua resposta seja positivo, explique ou dê exemplos.
5. Você considera que o humano cuida bem das águas? Dê exemplos de ações que justifique sua resposta.
6. Você sabia que o corpo humano é composto de aproximadamente 75% de água?
7. Você já observou que a água está presente em muitos momentos do nosso dia-a-dia (escovar dentes, tomar banho, preparar comida, beber, limpar a casa)? Sendo assim, em algum momento você já parou para pensar no quanto ela é essencial para nossas vidas?
8. Além de estar presente em nossos hábitos diários, a água é também utilizada em batismos religiosos, como tema de poesias, pinturas, como diversão no banho de rio, etc. Em algum momento você já havia refletido sobre a água de outra forma que não como recurso que utilizamos para consumo?
9. O que representa a ÁGUA para você? Escreva três palavras que vem em seu coração.

ANEXO 3**REFLEXÕES SOBRE O PROJETO CANTOS E ENCANTOS DAS ÁGUAS**

1. Qual o encontro você mais se identificou? Por que?
2. Qual o encontro você menos se identificou? Por que?
3. O que você aprendeu com esse projeto?
4. O que foi o projeto para você? Escreva três palavras que vem em seu coração.
5. O que representa a ÁGUA para você? Escreva três palavras que vem em seu coração.
6. Você considera que a vivência do projeto transformou hábitos no seu dia-a-dia? Dê exemplos.
7. Você acredita que o projeto contribuiu para você perceber que você é a natureza? Explique.
8. Como você acha que projetos como esse podem contribuir para a educação nas escolas?